**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

JOÃO MARCEL FERREIRA LOPES

**Percursos de um diálogo entre Construtivismo Semiótico-Cultural e
Esquizoanálise: empirismo radical, multiplicação dialógica e plano de
imanência.**

**São Paulo
2014**

JOÃO MARCEL FERREIRA LOPES

Percursos de um diálogo entre Construtivismo Semiótico-Cultural e Esquizoanálise: empirismo radical, multiplicação dialógica e plano de imanência.

(Versão corrigida)

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como requisito para obtenção do título de mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Experimental

Orientador: Prof. Dr. Danilo Silva Guimarães

São Paulo

2014

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Lopes, João Marcel Ferreira.

Percursos de um diálogo entre construtivismo semiótico-cultural e esquizoanálise: empirismo radical, multiplicação dialógica e plano de imanência. / João Marcel Ferreira Lopes; orientador Danilo Silva Guimarães. -- São Paulo, 2014.

120 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Experimental) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Construtivismo semiótico-cultural 2. Esquizoanálise 3. Empirismo radical 4. Multiplicação dialógica 5. Plano de imanência I. Título.

BF41

LOPES, J. M. F. **Percursos de um diálogo entre Construtivismo Semiótico-Cultural e Esquizoanálise: empirismo radical, multiplicação dialógica e plano de imanência.** Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr.	_____	Instituição	_____
Julgamento	_____	Assinatura	_____

Prof. Dr.	_____	Instituição	_____
Julgamento	_____	Assinatura	_____

Prof. Dr.	_____	Instituição	_____
Julgamento	_____	Assinatura	_____

Aos meus pais Joaquim Ferreira Lopes e Marise de Fatima Albertim e
Silva pelo amor, carinho e dedicação.

AGRADECIMENTOS

À minha esposa Isabel Cristina Domingues Aguiar por me acompanhar nesta jornada, sempre me apoiar e incentivar.

Ao meu irmão Joaquim Ferreira Lopes Júnior, que de uma forma ou de outra sempre esteve comigo.

Ao professor e Orientador Danilo Silva Guimarães, pelas suas orientações, paciência, “puxões de orelha” e pela luminária, companheira de várias madrugadas.

Ao CNPq-Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico por financiar este trabalho.

Aos docentes Marília Aparecida Muylaert, Livia Mathias Simão, Adriana Marcondes, Marlene Guirado, Nelson Coelho Junior, Luis Claudio Figueiredo, Pedro Godinho, Eduardo Galhardo, Silvio José Beneli, Luis Rocha “Lu”, José Luis, Nelson Pedro, Mario Sérgio Vasconcelos “Serginho”, Hélio Cardoso Jr., a todos os outros professores com quem tive aula, do Jardim de Infância até a pós-graduação e que não cabem nesta folha.

Aos colegas que dividiram as agruras e as alegrias do percurso, Djalma Freitas, Suara Bastos, Kleber Nigro, Juliano Casimiro, Hernán Sanchez, Larissa Laskovski, Paula Franciulli, Hercules Moraes, William Azevedo, Eduardo Gomes, Douglas Ramos, Ademar Magi.

Aos colegas de trabalho que tive antes de conseguir financiamento pelo CNPq, que não faziam ideia do era o Mestrado, mas sabiam que era algo difícil e importante.

Resumo

LOPES, J. M. F. Percursos de um diálogo entre Construtivismo Semiótico-Cultural e Esquizoanálise: empirismo radical, multiplicação dialógica e plano de imanência. Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

O presente trabalho é fruto de um percurso teórico que teve como objetivo buscar aproximações e realizar um diálogo entre Construtivismo Semiótico-Cultural e Esquizoanálise. Fazendo uso da noção de multiplicação dialógica, Guimarães (2010), verifiquei a possibilidade de acessar o campo intensivo/relacional denominado empirismo radical pelo campo do construtivista semiótico-cultural em Psicologia, e plano de imanência pelo campo esquizoanalítico. Ao fazê-lo, busquei viabilizar um diálogo a partir de uma tênue superfície de contato entre os diferentes campos de conhecimento. As noções de sistema semiaberto e rizoma e seu funcionamento em rede foram os propulsores desta pesquisa. Parti do dialogismo teórico-metodológico desenvolvido Marková (2003) colocando Construtivismo Semiótico-Cultural, Esquizoanálise e pesquisador nas posições de Ego-Alter-Objeto, respectivamente. Tal proposta direcionava-se para um árduo trabalho de construção de uma ponte entre os distintos posicionamentos de cada campo de conhecimento. Por outro lado fiz uma opção metodológica que permitisse buscar regiões de tensão entre as áreas sem a intensão de construir uma ponte entre elas. Tomando a metáfora trazida por Bruno Latour (2008), segundo a qual processos de construção de conhecimento podem se assemelhar ao trânsito sobre um rio, elaborei uma explanação sobre os campos de conhecimento. Uma das margens do rio correspondeu ao Construtivismo Semiótico-Cultural em Psicologia, e a outra margem à Esquizoanálise. Na primeira das margens, busquei apresentar dimensões da especificidade humana do Construtivismo Semiótico-Cultural nos campos dos construtivismos em psicologia explorando as noções de sistema semiaberto, self, subjetividade, cultura e construção social da realidade. Na segunda margem, me dirigi para as noções da filosofia da

diferença, rizoma e subjetividade como multiplicidade. Adicionalmente explorei filósofos historicamente abordados por cada uma das margens, Leibniz, Hume, Bergson, para em seguida encontrar uma superfície de contato, que identifiquei como empirismo radical, construtivismo, e como plano de imanência, Esquizoanálise. A superfície de contato identificada possui como característica ser um campo relacional pré-pessoal que cria realidade por meio do entrelaçamento dos mais diversos elementos e de onde emergem as várias possibilidades de subjetividade e de mundo. A característica de entrelaçamento, como um tear que produz um tecido é encontrada tanto no pensamento de James, uma das bases do Construtivismo Semiótico-Cultural, como nas proposições de Deleuze e Guattari fundadores da Esquizoanálise. Encontrar essa superfície possibilitou a conclusão deste trabalho, embora considere que maiores aprofundamentos possam ser feitos no futuro, articulando outros aspectos histórico-filosóficos pertencentes a ambas as áreas de conhecimento e suas implicações para o avanço da noção de multiplicação dialógica, dentre outras noções fundamentais no campo da psicologia cultural.

Palavras-chave: Construtivismo Semiótico-Cultural, Esquizoanálise, empirismo radical, multiplicação dialógica, plano de imanência.

Abstract

LOPES, J. M. F. Paths of a dialogue between Semiotic-Cultural Constructivism and Schizoanalysis: radical empiricism, dialogic multiplication and immanence plane. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

This work is the result of a theoretical course which aimed to seek approaches and achieve a dialogue between Semiotic-Cultural Constructivism and Schizoanalysis. Making use of the notion of dialogic multiplication, Guimarães (2010) checked the possibility to access intensive / relational field called radical empiricism by the field of cultural-semiotic constructivism in psychology and immanence plane by equizoanalytic field. In doing so, I sought facilitate a dialogue from a tenuous contact surface between the different fields of knowledge. The notions of open ended system and rhizome and yours networking were the thrusters of this research. Go away from theoretical-methodological dialogismo developed by Marková (2003) putting Semiotic-Cultural Constructivism, Schizoanalysis and researcher in positions Ego-Alter-Object respectively. Such a proposal directed to hard work of building a bridge between the different positions of each field of knowledge. On the other hand made a methodological option that allows searching regions of tension between the areas without the intention to build a bridge between them. Taking the metaphor brought by Bruno Latour (2008), whereby processes of knowledge building may resemble traffic over a river, elaborated an explanation of the fields of knowledge. A river banks corresponded to Semiotic-Cultural Constructivism in Psychology, and the other side to Schizoanalysis. At first the banks, sought to present dimensions of human specificity of Constructivist Semiotic-Cultural Constructivism in constructivism fields of psychology exploring the notions of openended system, self, subjectivity, culture and social construction of reality. In the second bank, I headed to the notions of philosophy of difference, rhizome and subjectivity as multiplicity. Additionally philosophers explored historically addressed by each of the banks, Leibniz, Hume, Bergson, to then find a contact

surface, which identified as radical empiricism, constructivism, and as the plane of immanence, Schizoanalysis. The surface contact has identified as being characteristic of a pre-personal relational field that creates reality through the interweaving of diverse elements which emerge and the various possibilities of subjectivity and world. The feature of entanglement, as a loom which produces a tissue is found both in the thought of James, one of the bases of Semiotic-Cultural Constructivism, as the propositions of Deleuze and Guattari founders of Schizoanalysis. Find the surface enabled the completion of this work, but believes that further insights can be made in the future, articulating other historical and philosophical aspects pertaining to both areas of knowledge and its implications for the development of the notion of dialogic multiplication, among other fundamental notions in field of psychology culture.

Keywords: Semiotic-Cultural Constructivism, Schizoanalysis, radical empiricism, dialogical multiplication, immanence plane.

Lista de Figuras

Figura 1: Tríade dialógica de Moscovici composta por Ego, Alter e Objeto.....	18
Figura 2: Representação da tríade dialógica com Construtivismo Semiótico-Cultural, Equizoanálise e Funcionamento em Rede ocupando as posições de Ego, Alter e Objeto.....	19
Figura 3: Representação do posicionamento do pesquisador em campo nebuloso em relação à tríade dialógica.....	23
Figura 4: Transformação de um dado A em relação com o ambiente gerando novidade e possibilidades de estados futuros.....	42
Figura 5: Utilização da tríade dialógica para exemplificar sua posição do pesquisador em relação ao Construtivismo Semiótico-Cultural e ao self e suas vozes.....	46
Figura 6: Ilustração de como estados não presentes se apresentam como possibilidades por vir no processo de desenvolvimento guiado por balizas culturais.....	48
Figura 7: Apreensão de objetos pelo núcleo da identidade pessoal, ilustrada por James (1945)	74
Figura 8: Passagem para a concavidade da curva e relação com vetores de inflexão, ilustrada por Deleuze (1991)	76
Figura 9: visualização por meio da noção de multiplicação dialógica das zonas de tensão entre os elementos em relação e posicionamento do pesquisador e campos de conhecimento em relação a seus referidos objetos, <i>self</i> e vozes do <i>self</i> , e maquinismos e fluxos componentes da realidade.....	108

Figura 10: Noção de multiplicação dialógica ilustrando como se dão as relações e os resultados das tensões no plano intersubjetivo e intrassubjetivo do pesquisador num campo nebuloso.....110

Sumário

1 Introdução	14
1.1 Objetivos	17
2 Metodologia	19
2.1 O percurso da pesquisa	25
3 A primeira margem do rio: Construtivismo Semiótico – Cultural	27
3.1 Construtivismo	27
3.2 Construtivismo Semiótico–Cultural	31
3.3 Sistema Semiaberto	33
3.4 O Processo de transformação no sistema semiaberto.....	39
3.4.1 Sistemas abertos	39
3.4.2 – Construção Semiaberta	43
3.4.3 Subjetividade e <i>self</i>	46
3.5 A cultura como sistema semiaberto	48
3.6 A construção social da subjetividade e da realidade da vida cotidiana.....	52
3.7 A noção de Multiplicação Dialógica.....	56
4 Segunda margem do rio: Esquizoanálise	57
4.1 Filosofia da Diferença	61
4.2 Rizoma: uma noção esquizoanalítica.....	64
4.3 Subjetividade como multiplicidade	68
4.4 Raízes histórico-filosóficas da Esquizoanálise: Leibniz, Hume e Bergson.....	71
4.4.1 Influência de Leibniz	72
4.4.2 Influência de Hume	80
4.4.3 Influência de Bergson	82
4.4.4 Uma outra margem	88
5. Terceira margem do rio: Raízes histórico-filosóficas comuns: Leibniz, Hume e Bergson no Construtivismo Semiótico-Cultural	89
5.1 Empirismo Radical e Plano de Imanência: o pragmatismo de James e Deleuze	92
6 Considerações Finais	103
6.1 Delineamento de um diálogo entre Construtivismo Semiótico-Cultural e Esquizoanálise ou primeiros passos	105
6.2 Multiplicação dialógica, empirismo radical e construtivismo	108

1 Introdução

Este trabalho é fruto de observações que surgiram enquanto cursava a pós-graduação no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como aluno especial. O material discutido na disciplina “A Noção de Perspectiva em Psicologia Construtivista Semiótico-Cultural e o Modelo de Multiplicação Dialógica”, me apresentou ao Construtivismo Semiótico-Cultural e gerou inquietação, ao ilustrar um processo de transformação da subjetividade e construção de conhecimento em que o sujeito, sob o ponto de vista de vários autores abordados na disciplina, entra em contato com outros sujeitos, com a cultura e seus produtos como manifestações intelectuais, artísticas, literárias, etc, afetando e sendo afetado por estes, além de apresentar-se como um campo de conhecimento em contato com outros campos como a filosofia, a antropologia, a sociologia, a linguística, a educação, as áreas aplicadas de intervenção em saúde, etc. O aspecto do processo transformativo me remeteu a características da Esquizoanálise, campo de conhecimento que me foi apresentado durante a graduação em Psicologia na Universidade Estadual Paulista. Tal inquietação serviu como base para a elaboração do trabalho de conclusão da referida disciplina de pós-graduação intitulado como, “Contribuições entre Esquizoanálise e Construtivismo Semiótico – Cultural na análise da relação dialógica e construção do conhecimento”, que tratou da construção do conhecimento sob a perspectiva rizomática como um sistema aberto em que conceitos de diversas naturezas, fluxos semióticos, se interpenetram nas relações sociais. Estas características do campo esquizoanalítico foram articuladas às ideias de Valsiner (1998), o qual propõe que as relações sociais tanto intersubjetivas como as intrassubjetivas são constituintes da subjetividade e da realidade através de sua articulação. O estudo preliminar serviu de ponto de partida para a elaboração do presente trabalho.

Com isso, me propus a criar um projeto no intuito de aprofundar as possíveis articulações entre a noção de rizoma, referente à Esquizoanálise, e a noção do Construtivismo Semiótico-Cultural de sistema semiaberto. Estas noções despertaram o interesse pelo fato de ambas tratarem das conexões entre subjetividade e o ambiente, a maneira como esta é afetada pelas conexões, e que afetos cria a partir do momento que é atravessada por elas, como cria sentido para o que a cerca. De

forma que para a Esquizoanálise se trabalha com a ideia de uma subjetividade imanente à realidade, subjetividade agenciada composta por fluxos heterogêneos de diversas naturezas, de humanos a não humanos. O Construtivismo Semiótico-Cultural por outro lado, trabalha com o conceito de subjetividade atrelado à noção de self, subjetividade ligada aos aspectos cognitivo-afetivos na relação eu-outro-mundo (Simão, 2010).

Colocar Construtivismo Semiótico-Cultural em diálogo com outro campo de conhecimento é uma prática comum realizada por autores da área (por exemplo, Boesch, 1991; Guimarães, 2010; Valsiner, 2010; Simão, 2010). Meu contato com o diálogo entre Construtivismo Semiótico-Cultural e Perspectivismo Ameríndio serviu tanto como experiência inquietante como guia para esclarecimento sobre os referidos campos de conhecimento. O diálogo com o Perspectivismo Ameríndio no trabalho de Guimarães (2010, 2011) foi impulsionado pela leitura da obra do antropólogo Viveiros de Castro na qual se trabalha com a noção de sujeito e objeto como resultantes de um processo de objetivação em que o sujeito se reconhece e se constrói nos objetos que produz, sendo a singularidade composta por várias relações dentre elas corpo-alma, eu-outro. A partir destas características, tem-se que no Perspectivismo Ameríndio, adotado por Viveiros de Castro, o processo de tornar-se sujeito ocorre na medida em que uma singularidade passa a ocupar um ponto de vista (Viveiros de Castro, 2006). Tanto as características da subjetividade como também a de formação de sujeito por meio do posicionamento em um ponto de vista, também se encontram no referencial esquizoanalítico. A filosofia de Deleuze serve como uma das bases teóricas para as argumentações do antropólogo, além disso, os textos do filósofo tiveram influência de povos não-ocidentais.

Pela compreensão que obtive a partir da leitura dos trabalhos de Guimarães (2010, 2011, 2013), Construtivismo Semiótico-Cultural e Esquizoanálise se encontravam em contato de forma indireta, por meio da relação com o Perspectivismo Ameríndio, tal compreensão esclarecida por meio da utilização da noção de multiplicação dialógica, Guimarães (2010, 2011, 2013). Em vista disto, agora me proponho a realizar um diálogo entre campos de conhecimento de forma direta analisando suas bases teóricas.

Levantei como hipótese inicial a ideia que a noção de rizoma pode agregar à noção de sistema semiaberto outros aspectos referentes ao processo de transformação da subjetividade, a relação com elementos não humanos (os diversos

seres e materialidades que coabitam a realidade) que, ao meu ver, poderiam levar a uma maneira distinta de observar o fenômeno de transformação da subjetividade a ser explorada no projeto de pesquisa. Porém, tal questão de pesquisa se mostrou muito mais do que um trabalho de nível de mestrado, mas sim como uma obra para a vida, dada a complexidade e extensão dos desdobramentos teórico-filosóficos que observamos ao longo da realização do presente projeto. Futuramente há a possibilidade de se continuar na direção deste árduo trabalho. Por enquanto, contudo, pareceu-me mais razoável mapear um conjunto de aspectos relacionados aos referidos campos de conhecimento, a procura de pontos de convergências e divergências na história e filosofia do Construtivismo Semiótico-Cultural e da Esquizoanálise, percurso aberto pela noção de multiplicação dialógica.

Realizar este trabalho a partir do campo construtivista não se reduziu a um movimento de saída do campo construtivista semiótico-cultural e entrada no campo esquizoanalítico na busca de conceitos que auxiliem na transposição de limites, ou mais especificamente, saída do campo esquizoanalítico, entrada no campo construtivista semiótico-cultural, retorno ao campo esquizoanalítico e novo retorno ao campo construtivista semiótico-cultural. Nesta pesquisa que abordou as noções de sistema semiaberto e rizoma, tem-se além da dificuldade de realizar o diálogo entre conceitos advindos de matrizes de pensamento diferentes, o choque da passagem entre um campo de conhecimento e outro, sendo este movimento de passagem e contato realizado várias vezes no decorrer deste estudo. Este vai e vem, embora tenha participado do processo de pesquisa, não expressa com tanta clareza o movimento realizado neste trabalho. Para esclarecer mais o movimento deste percurso fiz uso da ilustração proposta por Bruno Latour (2008), que afirma que determinadas formas de construção de conhecimento podem se assemelhar ao trânsito sobre um rio: enquanto percorro este rio observo suas margens, Construtivismo Semiótico-Cultural e Esquizoanálise.

A proposta de colocar em diálogo dois campos de conhecimento se mostrou viável uma vez que ambos com seus conceitos de sistema semiaberto e rizoma ao meu ver trabalham a realidade como uma rede de signos, saberes, forças que através de seu entrelaçamento criam e recriam o mundo onde vivemos, além de, como o próprio Deleuze (1980) comenta, rizoma possui como característica ser um sistema aberto, o que será aprofundado mais adiante. Os autores Deleuze e Guattari (2011) trazem a Esquizoanálise como um projeto construtivista. Outra evidência que aponta

para a viabilidade é o fato dos campos de conhecimento possuírem como base autores em comum como Bakhtin e Bergson. Trazer noções deleuze-guattarianas para o diálogo com o campo construtivista semiótico-cultural cria a possibilidade de maior compreensão das articulações filosóficas que se encontram na base da noção de multiplicação dialógica, uma vez que as bases deste campo de conhecimento se apresenta como articulação entre campos das ciências humanas como Antropologia e Filosofia. Dado que o Perspectivismo Ameríndio foi previamente posto em diálogo com Construtivismo Semiótico-Cultural por meio da noção de multiplicação dialógica (Guimarães, 2010, 2011), e este trabalho apropriou-se dessa noção, como será visto mais à frente, numa articulação que buscou clarificar as bases filosóficas comuns a Construtivismo Semiótico-Cultural e Esquizoanálise, que não se encontravam presentes nos trabalhos anteriores da área.

Este trabalho não é e nem pretende ser um manual que explica o funcionamento dos campos de conhecimento pesquisados nem se propõe a ser a única forma possível de articulá-los. Não pretendi aplicar nenhuma forma de reducionismo que descaracterize os campos passando a impressão de simplicidade e superficialidade, ao contrário, ao abordar as margens destes campos seguindo a metáfora de Latour (2008), pretendi demonstrar a grande complexidade dos mesmos e que para realizar este trabalho, no presente momento, apenas seria possível aborda-los na superfície.

Outro ponto que destaco é o fato que este trabalho, no caso para este pesquisador, é mais específico do que os percursos de um diálogo, mas sim os primeiros passos de um diálogo entre Construtivismo Semiótico-Cultural e Esquizoanálise

1.1 Objetivos

Tenho como objetivo compreender de que maneira a noção de multiplicação dialógica pode viabilizar um diálogo entre o Construtivismo Semiótico-Cultural em Psicologia e concepções esquizoanalíticas, na medida em que 1) a noção de multiplicação dialógica emergiu como esforço de integração entre a concepção dialógica de perspectiva e a concepção de perspectiva presente na teoria do

perspectivismo ameríndio; 2) o perspectivismo ameríndio, enquanto teoria antropológica, construiu parte de sua argumentação assentado em ideias oriundas da filosofia deleuziana. Parto da suposição de que as noções de sistema semiaberto e rizoma presentes em cada um dos campos selecionados para o estudo, Construtivismo Semiótico-Cultural e Esquizoanálise, concebem a realidade como constituída a partir de uma rede de relações. Ao longo deste percurso procurei discutir como esta base comum originou diferentes formas de se pensar processos subjetivos, seja tomando como base a noção de sujeito, de eu e *self*; seja concebendo esses processos como vinculados a agenciamentos não necessariamente atribuíveis a um eu específico, focalizando as intensidades nos processos de subjetivação, que aumentam suas dimensões e transformam a natureza das coisas à medida que realizam conexões.

2 Metodologia

Para o cumprimento dos objetivos realizei a leitura dos autores que utilizam as noções de sistema semiaberto pertencente ao Construtivismo Semiótico-Cultural em Psicologia e rizoma advindo da Esquizoanálise. A partir dessas leituras, produzi uma síntese comentada dos aspectos dessas noções buscando convergências e divergências.

Como instrumento de orientação inicial para a realização dessa pesquisa, foi utilizado o modelo de tríade dialógica proposto por Moscovici (1971) e desdobrado em sentido dinâmico por Marková (2003), o qual se compõe por Alter, Ego e Objeto (representação social) interligados e afetando-se mutuamente.

A tríade dialógica alter–ego–objeto, conforme o triangulo semiótico configurado pelo autor é marcada pela tensão como força de interação.

Já Marková considera que a dialogicidade implica tanto na tensão, como na falta desta, assumindo como fundamental o reconhecimento do outro e a sua luta pelo autorreconhecimento. “São as antinomias do Alter-Ego que fazem com que a dialogicidade seja uma base plausível para a teoria do conhecimento social.” (MARKOVÁ, 2006, p. 166 – 167). (BUSSOLETTI & GUARESHI, 2011)

Na concepção de Marková a tríade dialógica se dá como uma unidade em que os elementos estão inter-relacionados, esta unidade funciona como um todo que não pode ser desintegrado em seus elementos isoladamente Alter-Ego-Objeto.

Figura 1:Tríade dialógica de Moscovici na qual os elementos Alter, Ego e Objeto se influenciam mutuamente.

Nesta tríade os elementos são unidos por relações internas que geram tensão, tensão na relação Alter-Ego, Alter-Objeto e Ego-Objeto. Para fazer uso desta tríade no trabalho, primeiramente coloco os termos pesquisados nas posições de Alter, Ego e Objeto.

Na relação Alter-Ego estão os campos de conhecimento e como Objeto o funcionamento em rede dos conceitos.

Figura 2:Representação da tríade dialógica na qual Esquizoanálise, Construtivismo Semiótico-Cultural e Funcionamento em Rede ocupam as posições de Alter, Ego e Objeto.

O dialogismo teórico-metodológico evidencia a existência de tensões em relação aos posicionamentos tomados pelo sujeito em relação ao fato/objeto em questão. No caso deste trabalho, minha posição como pesquisador no referencial construtivista semiótico-cultural em relação ao objeto, e de outra perspectiva, o posicionamento no campo esquizoanalítico em relação a este mesmo objeto. Nesta

proposta a posição em que se encontra o sujeito, Construtivismo Semiótico-Cultural e Equizoanálise, gera algumas considerações a respeito do objeto ao invés de outras.

Na relação Alter-Ego coloco em diálogo os referenciais teóricos a partir da diferença entre eles.

Orientando-me pelo Construtivismo Semiótico-Cultural e sua noção de sujeito, no decorrer da pesquisa me encontrei em um campo nebuloso, entre os referidos campos de conhecimento, a partir do qual percorri terrenos distintos, sendo afetado por seus conceitos, fazendo construções e reconstruções do conhecimento. Estar neste campo nebuloso (Valsiner, 1998) significa, de uma perspectiva construtivista, uma afetação pré-semiótica da experiência por meio dos limites eu–outro-mundo. Nesta região nebulosa o *self* está em diálogo com diferentes objetos onde todos se afetam, deste campo emergem construções semióticas socialmente compartilhadas. Sobre a nebulosidade Guimarães nos esclarece:

[...] processo cultural – elaboração semiótica criativa em face da experiência nebulosa de outro e mundo – pode ser imaginada e observada em cada *self* afetando-se mutuamente num campo nebuloso.

Por nebulosidade eu denomino o fluir da experiência afetiva pré-semiótica no limite entre *self*, outro e mundo. (cf. Valsiner). Por outro lado, os limites semióticos são construídos e compartilhados socialmente em ordem para superar a experiência inquietante emergida do campo nebuloso (Simão, 2003). Estas construções semióticas são construídas diversamente por diferentes produções culturais (GUIMARÃES, 2013, p. 222-223)

A investigação dos campos de conhecimento implica na entrada do pesquisador, habitando e transitando entre os mesmos, falar sobre o campo estando dentro do campo, criando mapas que se alteram no decorrer do tempo com o aprofundamento da pesquisa, avistar um campo estando inserido em outro e verificando proximidades.

A relação dialógica entendida aqui como a relação eu-outro em que os sujeitos se apresentam como seres históricos constituídos pelas relações sociais e os discursos aos quais se relacionam; apresenta-se como processo de interação entre os diferentes discursos constituintes dos sujeitos e da sociedade. Marcuzzo (2008), em seu trabalho sobre o dialogismo e polifonia na obra de Bakhtin, pensador russo que propôs a noção de dialogismo, traz sua explanação sobre o conceito de discurso:

[...] o discurso (a língua em sua integridade concreta e viva) não é individual porque se constrói entre, pelo menos, dois interlocutores que, por sua vez, são seres sociais; e se constrói como um “diálogo entre discursos”, ou seja, mantém relações com outros discursos que o precederam (Barros, 1996, p.33). É aqui que entra o dialogismo, entendido como a condição do sentido do discurso (BARROS, 2003, p.2) (MARCUIZZO, 2008, p.3)

A interação entre discursos na constituição do sujeito como ser social, é apresentada como relação entre vários interlocutores que trazem para o diálogo seus respectivos discursos constituintes. Neste processo temos a reunião e a incorporação de memórias, pensamentos e desdobramentos da configuração semiótica dos elementos culturais em relação com o *self*. Estas reuniões abarcam a mediação semiótica em vários níveis da experiência cultural. As reuniões geram ressonâncias que não se dão apenas na consciência e podem despertar traços mnemônico ou incorporar experiências. A este respeito em Zittoun (2006) tem-se:

Durante a experiência imaginária, um foco de atenção é constantemente deslocado e restituído em novas posições, que são criadas através da reunião e incorporação de memórias e o desdobramento da configuração do elemento cultural semiótico. Essas reuniões correspondem a dinâmica microssemiótica: elas envolvem uma mediação semiótica de qualquer nível de generalidade de uma experiência prévia. Mais exatamente, porque muitas correntes semióticas tem sua própria lógica no decorrer da experiência cultural, vários aspectos da pessoa e da sua memória encontram simultaneamente estas unidades, *self* também pode ser dito como difratado na experiência imaginativa. Nessas reuniões, difração e deslocamento, são usualmente facilitadas por alguma ressonância entre aspectos de elementos culturais - uma característica, uma tonalidade, ou a estrutura de um evento - e aspectos da experiência. Essas ressonâncias e reuniões não ocorrem apenas na consciência: qualquer aspecto de um elemento cultural pode despertar na pessoa associações laterais e verticais de traços mnemônicos ou incorporação de experiências. Por isso, a difração de vários aspectos do *self*, nestas reuniões, e porque a progressão da experiência cultural através do tempo, compostos emocionais prévios, ou ligações prévias entre aspectos da experiência podem ser desfeitos e novas ligações podem ser criadas (ZITTOUN, 2006, p.187).

A relação entre pesquisador e Esquizoanálise e seu conceito de rizoma e o Construtivismo Semiótico-Cultural e o conceito de sistema semiaberto se dá tanto em um eixo intersubjetivo como em um eixo intrassubjetivo, sendo estas relações mediadas e organizadas pelos recursos simbólicos que estão ligados à subjetividade.

Segundo Guimarães (2007), a própria construção de um texto indica a existência de um processo comunicativo, no qual o pesquisador expressa seu recorte do processo de investigação. O recorte feito pelo pesquisador a respeito da articulação dos conceitos de rizoma e sistema semiaberto, a forma como esse é afetado pelos conceitos, a transformação de sua subjetividade se dão a partir da articulação dos eixos intrassubjetivo e intersubjetivo.

No plano intersubjetivo se dão as reflexões e as desconstruções em busca das origens dos referidos conceitos, no plano intrassubjetivo se dá a construção de estruturas de organização simbólicas, a maneira como as ideias são organizadas pelo sujeito. Os recursos simbólicos surgem em função da relação eu-outro, disto emergem os recursos referentes à subjetividade, os recursos relacionados à formação e condução da pesquisa e recursos relacionados aos momentos inquietantes que surgem no transcorrer da pesquisa.

Por rede considero o entrelaçamento de noções e conceitos que, ao se cruzarem, constituem uma malha responsável por criar e dar sentido à realidade.

Devido a minha formação como psicólogo na Universidade Estadual Paulista – UNESP, onde tive contato com as ideias de Deleuze e Guattari e posterior entrada na pós-graduação em Psicologia na Universidade de São Paulo – USP, onde entrei em contato com o campo construtivista semiótico-cultural, o percurso desta pesquisa, portanto, apresentava-se como um movimento de saída do campo esquizoanalítico, entrada no campo construtivista, com a entrada na pós-graduação, retorno ao campo esquizoanalítico e novo retorno ao campo construtivista na elaboração do texto final.

A tríade dialógica, nesse sentido, apresentou-se mais complexa, na medida em que Construtivismo Semiótico-Cultural e Esquizoanálise não poderiam ser reunidos em um fórum de debates no qual os conceitos encontravam um ponto de integração. De um lado, tinha-se o pesquisador em contato com as ideias esquizoanalíticas em torno da noção de rizoma. De outro lado, tinha-se o mesmo pesquisador em contato com as ideias construtivistas em torno da noção de sistema semiaberto. Cada uma das áreas de conhecimento, portanto, se apresentava como um campo sólido e consistente em meio à qual o pesquisador se encontrava em um campo nebuloso. O processo de pesquisa instiga e propicia a entrada do pesquisador nos campos de conhecimento, e a cada esclarecimento obtido vai-se mais afundo no campo, disto chega-se a uma das dificuldades da pesquisa. Como caminhar por diferentes

territórios sem se perder? Como ir a fundo em campo de conhecimento sem esquecer o outro?

Como transitar entre esses dois campos? Seria mesmo possível construir uma ponte entre eles?

Figura 3: a tríada dialógica e o posicionamento do pesquisador.

Uma ilustração que coube muito bem para este trabalho, foi trazida por Bruno Latour (2008), no momento em que descreve a seguinte alternativa para um impasse:

Imagine a seguinte cena: você está tentando construir uma ponte sobre um rio revolto, digamos que de um lado do rio está o “social” e do outro, longe, inacessível, separado pela violenta correnteza com redemoinhos perigosos está o “natural”. Agora suponha que, ao invés de tentar atravessar o rio e construir esta ponte, você decide seguir com o fluxo, isto é, usar um pouco de canoagem, caiaque ou rafting. Logo após, a ausência desta ponte não é o problema. O que conta é a sua habilidade de se equipar de modo que você pode descer o rio sem se afogar. Você pode se assustar dentro do rio revolto, você pode se arrepender da tarefa de construir a ponte, mas você provavelmente concordará que as duas margens são vistas de forma diferente a partir do ponto de vista do movimento do caiaque. Este fluir na direção lateral, virando 90° na questão da construção da ponte, e se eu não estou enganado é o que William James chama de “experiência pura”. (LATOUR, 2008, p.13-14)

Faço uso desta ilustração da seguinte forma, cada campo de conhecimento vejo como uma das margens do rio, o campo nebuloso onde me encontrei vejo como o próprio rio e a ponte que ligaria estas margens tornou-se a antiga proposta do

trabalho que consistia em encontrar uma complementaridade entre proposições psicofilosóficas advindas da Esquizoanálise e proposições teórico-metodológicas do Construtivismo Semiótico-Cultural em Psicologia, no que tange ao processo de transformação da subjetividade e construção de conhecimento. A opção por abandonar, ainda que temporariamente a proposta de construção da ponte, e alternativamente seguir o fluxo foi a direção que o trabalho tomou. Seguir o fluxo do rio e observar pontos selecionados em suas margens. Assim, ao colocar em diálogo duas perspectivas distintas, poderia promover, ao menos, uma troca de informações, com a expectativa de que este seja o início de um debate que possa promover tensões, indagações e esclarecimentos.

2.1 O percurso da pesquisa

Adiante discorro sobre a pesquisa em si, para tanto, fiz uso da ilustração do rio que é percorrido para explorar suas margens. Inicialmente começo pela margem construtivista semiótico-cultural, assim fiz uma exploração do campo construtivista ilustrando alguns dos seus ramos e constatando sua amplitude.

Logo após adentrei o campo específico do Construtivismo Semiótico-Cultural apontando para suas raízes e características, e em vista do que observei durante a pesquisa, este campo se apresenta como uma ferramenta para pesquisa que se conecta com as ideias e conceitos de vários autores de abordagens diversas, ao invés de uma abordagem teórica plenamente constituída. Uma vez no campo construtivista, procuro ilustrar o funcionamento do conceito de sistema semiaberto, falando sobre suas bases e sobre o psicólogo cultural Jaan Valsiner, autor que vem trabalhando o conceito.

Em vista da característica que mencionei, que o Construtivismo Semiótico-Cultural se conecta e faz uso de conceitos vários autores, apresento como esse campo construtivista se conecta às ideias de alguns autores, como Viveiros de Castro e Berger e Luckmann. Na sequência, explano como este campo construtivista faz uso de um modelo de subjetividade apoiado no conceito de *self*.

Uma vez observada uma das margens deste rio parto para a outro lado, o campo esquizoanalítico. Apresento os autores Deleuze e Guattari e as características da sua linha de pensamento e sua caracterização como Filosofia da Diferença.

Averiguada esta região da margem, parti para a verificação do conceito de rizoma e suas características. Logo após para a ideia de subjetividade como multiplicidade.

Exploradas as margens, delineei um diálogo entre Construtivismo Semiótico-Cultural e Esquizoanálise, analisando suas raízes histórico-filosóficas. Durante o trajeto passei por autores como Berger e Luckmann, Hume, Leibniz, Bergson e James. Neste ponto cheguei ao ponto-chave desta pesquisa, os conceitos de empirismo radical e plano de imanência, e verifiquei como o conceito de James serviu como influência para o pensamento de Deleuze e Guattari e através dos meandros teóricos, as passagens dos autores no decorrer do tempo, chega à Valsiner. Por fim este percurso também serviu para observar como a noção de multiplicação dialógica possibilita a articulação com diferentes áreas de estudo e acesso ao empirismo radical ou plano de imanência.

3 A primeira margem do rio: Construtivismo Semiótico – Cultural

Definida a maneira metodológica de realizar este trabalho, agora discorro sobre Construtivismo de um modo geral, para tentar ilustrar que este é um campo de conhecimento muito amplo que possui vários ramos, ou vertentes, cada um com sua característica

Dando início ao trajeto pelo rio, começo pela margem construtivista semiótico-cultural. Organizei este percurso da seguinte forma: primeiramente uma explanação ao respeito de ideias selecionadas sobre construtivismo, para em seguida abordar uma subárea específica, o Construtivismo Semiótico-Cultural, da qual emergiu a noção de multiplicação dialógica, disparadora do presente trabalho investigativo.

3.1 Construtivismo

Durante minha formação como psicólogo algo que me chamava a atenção era o fato do assunto Construtivismo ser tratado na maioria das vezes por pessoas ligadas à área educacional, pedagógica, mesmo após o período de formação como psicólogo observava que a discussão teórica e discussões sobre a aplicação prática dos conceitos aconteciam predominantemente em círculos de pessoas ligadas à área educacional.

Becker (1992), em seu trabalho sobre Construtivismo na área da Educação, traz características que considero interessantes:

Construtivismo significa isto: a ideia de nada, a rigor, estar pronto, acabado, e de que, especificamente, o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado. Ele se constitui pela interação do Indivíduo com o meio físico e social, com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais; e se constitui por força de sua ação e não por qualquer dotação prévia, na bagagem hereditária ou no meio, de tal modo que podemos afirmar que antes da ação não há psiquismo nem consciência e, muito menos, pensamento.

Construtivismo é, portanto, uma ideia; melhor, uma teoria, um modo de ser do conhecimento ou um movimento do pensamento que emerge do avanço das ciências e da Filosofia dos últimos séculos.

Uma teoria que nos permite interpretar o mundo em que vivemos.
(BECKER, p.88-89, 1992)

Considero, portanto, como uma característica fundamental dos construtivismos, a preocupação com a possibilidade de se interpretar o mundo em que vivemos como algo inacabado que está constantemente sendo construído por meio da interação entre indivíduo e o meio social e físico.

Outro trabalho que considero muito esclarecedor sobre o tema Construtivismo, é o de Cornejo (2001), intitulado *Construtivismo, Piaget, Vigotski y Maturana: Tres voces, dos Constructivismos*, em que o autor aborda duas concepções de Construtivismo respondendo à pergunta “quem é o sujeito que constrói?” sobre os trabalhos dos autores, Piaget, Vigotski e Maturana. Neste trabalho Cornejo (2001), faz a distinção entre Construtivismo Cognitivo e Construtivismo Radical, em sua leitura o autor enquadra as obras de Piaget e Vigotski no campo do Construtivismo Cognitivo e a obra de Maturana no campo do Construtivismo Radical. Segundo o autor:

A teoria piagetiana é uma teoria do desenvolvimento cognitivo, não uma teoria dos modos de conhecimento. A dinâmica deste desenvolvimento implica uma permanente complexificação dos esquemas do sujeito cognoscente, e durante o desenvolvimento se apresentam reestruturações qualitativas destes esquemas, são formas de conceitualizar o desenvolvimento intelectual de um sujeito (CORNEJO, 2001).

Cornejo (2001) nesta passagem aponta para características do pensamento de um dos autores do Construtivismo, Jean Piaget, dando mostra da complexidade e o apresentando como uma teoria do desenvolvimento. Em seguida, o autor explana que o sujeito mediado da teoria vigotskiana é construtor na medida em que é introduzido nos processos semióticos sociais e relaciona os autores Piaget e Vigotski:

Vigotski atribui as funções psicológicas superiores a uma origem social, a saber, a internalização do signo. De modo similar a Piaget, Vigotski entende a internalização como processo de reconstrução interna de uma atividade externa (Rosas & Sebastián, 2001). Mas ao mesmo tempo Piaget define a atividade externa do sujeito essencialmente como manipulação de objetos na realidade física, para Vigotski consistem em processos semióticos socialmente (i.e.: inter-humanamente) transmitidos. Interpretada desde a perspectiva da unidade de análise escolhida, a teoria vigotskiana é uma hipótese sobre a origem da dimensão sentido/significado do ser humano. O mundo significativo teria sua origem em processos semióticos, estes

são, interpretações socialmente transmitidas de sentido/significado das ações (CORNEJO, 2001).

Pode-se verificar que Cornejo (2001) relaciona Piaget e Vygotsky por meio da compreensão que deram ao processo de internalização, sendo este a reconstrução interna da atividade externa, porém esta atividade externa, parte do processo de internalização do signo, é um fator que se apresenta como ponto de distinção entre os autores.

A respeito da abordagem de Maturana, Cornejo (2001) traz o sujeito autopoietico que a princípio pode ser qualquer organismo vivo autoprodutivo.

Este “sujeito construtor” pode ser, em princípio, qualquer entidade com vida: “Nossa proposição é que os seres vivos se caracterizam por, literalmente, se produzirem continuamente, o que indicamos chamar esta organização de organização autopoietica” (Maturana & Varela, 1982, p.25). A unidade autopoietica se define então por seu caráter autoprodutivo, a dizer, é uma unidade que produz permanentemente os elementos que a constituem (CORNEJO, 2001).

Verifica-se que este sujeito autoprodutivo trazido por Maturana é criador daquilo que o constitui, e os seres vivos se caracterizam por possuírem esta característica autopoietica.

O autor também expõe que na teoria de Maturana há dois sujeitos, um caracterizado apenas como uma unidade autopoietica que na concepção do autor se define apenas como uma entidade biológica e não psicológica. O outro sujeito desta teoria é derivado das organizações propriamente humanas, uma entidade psicológica, o observador, ou seja, uma ontologia psicológica. Como observação, em minha leitura sobre o trabalho de Cornejo (2001) parece-me que o autor tende a se aproximar mais das concepções de Piaget e Vigotski do que das concepções de Maturana.

Assim, Cornejo (2001) define Construtivismo Cognitivo como um Construtivismo em que um sujeito psicológico é um agente construtor com desejos e intenções e Construtivismo Radical como uma radicalização dos resultados psicológicos: “O construtivismo radical é precisamente a radicalização de resultados psicológicos da relatividade epistêmica da percepção do mundo até o ponto de pôr em questionamento a ontologia da realidade (Cornejo, 2001)”.

Como característica comum às abordagens construtivistas verifico que há a existência de um sujeito ativo e construtor de seus conhecimentos em um processo

de formação que envolve análises, conceituações e desenvolvimento no decorrer da vida. Tais características também observo no Construtivismo Semiótico-Cultural.

O Construtivismo Radical no trabalho de Cornejo é caracterizado por ser uma abordagem em que o conhecimento é construído a partir dos aspectos subjetivos da experiência e coloca-se em questionamento a ontologia da realidade. Como característica também encontrada no Construtivismo Semiótico-Cultural verifico o fato do processo de construção da realidade a partir dos aspectos subjetivos da experiência, porém a construção da realidade na abordagem construtivista semiótico-cultural não se restringe a este aspecto.

O Construtivismo Cognitivo possui como característica o entendimento do sujeito como sintetizador de estímulos, nesta concepção o sujeito articula ativamente os estímulos provenientes do exterior com suas estruturas cognitivas, o sujeito é construtor de realidade, característica que também encontro no Construtivismo Semiótico-Cultural.

Outro trabalho que auxilia no entendimento caracterização do Construtivismo é o realizado por Duran (2001), a partir dos trabalhos de Guidano (1991), Mahoney (1991), Neimeyer (1993), Greenberg e colaboradores (1997), no qual o autor aponta as reformulações pelas quais a área vem passando, estes autores desenvolvem seus apontamentos a partir das contribuições de autores como Piaget, Vigotski e Maturana, além de outros também importantes como Kelly e Bartlett. Duran (2001) sugere que as novas reformulações levam em direção ao abandono do objetivismo e da visão sensorial que considera que o sujeito entra em contato com o mundo e ações através dos sentidos e que constrói o conhecimento como reação a estas ações. O termo conhecimento no trabalho de Duran (2001) é empregado tanto para o conhecimento mais simples que possibilita viver e conviver, assim como para o mais refinado, mais elaborado como os saberes filosóficos, científicos e artísticos. Em vista dessas alterações a direção tomada é a de uma perspectiva em que o conhecimento é construído como um processo ativo, no qual a ação se origina no sujeito fazendo deste um processo criativo e não reativo.

Comparando-se Construtivismo e Objetivismo no trabalho de Duran (2001), tem-se que, para o objetivismo a realidade é tida como algo anterior ao sujeito e que vem a ser conhecida por ele. Os sentidos possibilitam o acesso à realidade e tornam o conhecimento possível, este se caracteriza como uma cópia da realidade e é validado através do pareamento entre representação e realidade.

Para o Construtivismo a suposição que a realidade é algo anterior ao sujeito e que posteriormente venha a ser conhecida por ele também é utilizada, porém não se faz necessária o que já lhe diferencia do objetivismo. O sujeito acessa a experiência da realidade e o conhecimento é uma construção desta experiência que envolve aspectos cognitivos e afetivos, e validado por meio do consenso e de sua viabilidade, por meio de sua consistência interna. Esta consistência é de natureza interpessoal construída na cultura sobretudo na linguagem.

3.2 Construtivismo Semiótico–Cultural

A abordagem construtivista semiótico–cultural, observada como um ramo da abordagem construtivista se apresenta como uma ferramenta, um instrumento de pesquisa que se aprimora com tempo e no decorrer dos trabalhos realizados que a utilizam como tal. Ao meu ver é um instrumento que funciona como uma rede que conecta conceitos de vários pensadores e desta forma se desenvolve.

Esta ferramenta dá grande ênfase às pesquisas das relações intersubjetivas, não se atendo apenas a relação do sujeito com o mundo mas também a relação do sujeito com os seus outros “eus”, o que implica nas condições do sujeito estar no mundo nos processos de criação, transformação e manutenção da subjetividade e realidade.

A busca de compreensão das relações intersubjetivas, pelos campos indissolúveis da pesquisa psicológica e da reflexão epistemológica e ético-filosófica em ciências humanas, toca à problemática da relação do sujeito com seu mundo, onde estão presentes os “seus outros”. Essa problemática, por sua vez, diz respeito às condições de possibilidade de o sujeito ser e estar no mundo, à sua consciência e reflexão sobre si mesmo e sobre os outros seres *no* e *do* mundo, à permanência e a transformação de si que esse ser no mundo acarreta e, em última instância, às possibilidades e implicações do vir a ser e do não ser na relação com os outros. São aspectos de nossa existência nas várias dimensões da experiência que se dá em nosso diálogo construtivo e reconstrutivo com e no mundo de si mesmo e dos outros (SIMÃO, 2010, p.88).

Observa-se como característica o estudo das condições e possibilidades do sujeito ser e estar no mundo, além da reflexão do mesmo sobre si e sobre outros que

o rodeiam. Característica de realizar o estudo da relação eu-outro-mundo que se dá no diálogo construtivo e reconstrutivo da realidade.

O Construtivismo Semiótico–Cultural coloca em jogo o desenvolvimento e as transformações da subjetividade, ao refletir sobre os processos intersubjetivos por meio de questões referentes ao desenvolvimento sociocultural humano, evidencia o papel exercido pelos processos subjetivos individuais que abarcam a mediação social simbólica das relações intersubjetivas (Simão, 2010). Esta abordagem teórica tem sua origem em obras de vários pensadores. A respeito deste construtivismo Simão (2010) nos esclarece:

O construtivismo semiótico–cultural em psicologia tem sua gênese nas obras de teóricos europeus, especialmente de Jean Piaget (1896 – 1980), Lev Semanovich Vigotski (1896 – 1934), Mikhail Bakhtin (1895 – 1975) e Pierre Janet (1859 – 1947). Cabe destacar, ainda, a presença, na gênese dessa vertente da psicologia, da contribuição de teóricos americanos, ou emigrados para os Estados Unidos, que mantiveram diálogo, em direção convergente ou divergente, com as vertentes teóricas europeias a eles contemporâneas. Dentre esses, estão George Herbert Mead (1863 – 1931), James Mark Baldwin (1861 – 1934), Kurt Lewin (1890 – 1947), Heinz Werner (1890 – 1964) e William James (1842 – 1910). Adicionalmente, é também significativa a influência de algumas das ideias do filósofo Henri Bergson (1859 – 1941) no construtivismo semiótico–cultural (SIMÃO, 2010, p.89-90).

Uma vertente da Psicologia que possui como base teórica autores que foram contemporâneos, alguns mantiveram contato entre si, como Bergson e James, porém, outros mesmo lendo e comentando sobre outro autor de referência desta vertente construtivista, não conseguiram se comunicar, caso de Vigotski que lia Piaget, porém só obteve resposta de seu “colega de profissão” após sua morte.

Esta abordagem construtivista considera a ciência como conjunto de práticas e regras sociais construídas historicamente, e o desenvolvimento humano propiciado pela utilização de múltiplas possibilidades de construção de passado, presente e futuro. Sobre as múltiplas possibilidades de construção, estas se encontram explanadas desde os trabalhos de James, *Princípios de Psicologia* (1945) e *Variedades da Experiência Religiosa* (1991), os quais tomarei como base para a compreensão do funcionamento em rede da realidade, que será aprofundado mais à frente, de forma que, segundo minha compreensão, o conhecimento se faz no decorrer de experiências que possibilitam várias conexões entre as mesmas.

3.3 Sistema Semiaberto

Definido o objetivo e feitas considerações sobre o campo construtivista e a abordagem do Construtivismo Semiótico–Cultural em Psicologia, chego à noção de sistema semiaberto. Esta noção foi especialmente trabalhada pelo pensador estoneano Jaan Valsiner.

Valsiner nasceu em Tallin, Estônia, em 1951 e formado pela Universidade Tartu, é um psicólogo cultural. Seus trabalhos de investigação empírica quanto a questões teóricas do desenvolvimento cultural e social humano são de grande abrangência, abarcando quadros sociais, modelos lógicos e sistêmicos, até a regulação semiótica das funções psicológicas humanas (del Río, 1997). Estudioso da organização dos processos mentais e afetivos no desenvolvimento humano, também inclui em suas pesquisas a história da psicologia como recurso para o avanço da ciência e construção de modelos teóricos de como os seres humanos são portadores da cultura, bem como a construção de modelos que possam auxiliar na compreensão da dialogicidade, em suma, a relação do sujeito com seu mundo. Ex-membro do Programa de Pós-Graduação de Psicologia Sócio-Evolutiva-Cultural do departamento de Psicologia da Universidade de Clark nos Estados Unidos, atualmente faz parte do recém inaugurado Centro de Professorado de Psicologia Cultural Niels Bohr em Aalborg, Dinamarca. Este centro de pesquisa possui como direções de investigação a construção de ambientes urbanos, os efeitos do processo de globalização e a criação de novidade na sociedade contemporânea. O psicólogo também é editor das revistas *Culture & Psychology* (SAGE) e *Integrative Psychological & Behavioral Science* (SPRINGER), é uma pessoa que está constantemente viajando pelo mundo participando de vários eventos.

Valsiner possui forte influência de pensadores europeus como argumenta Simão:

A abordagem de Valsiner filia-se e emerge da psicologia europeia do desenvolvimento, representada principalmente pelas obras de Vigotski, Werner e Piaget, da sociogênese de Janet, assim como das orientações semióticas presentes nas perspectivas socioculturais trazidas de Baldwin, Mead e, novamente, de Vigotski (SIMÃO, 2010, p. 91).

Observa-se que há influência de perspectivas socioculturais que se mesclam com as vertentes da psicologia do desenvolvimento e contribuem na caracterização da abordagem de Valsiner.

Em seu trabalho sobre a intersubjetividade humana, o referido autor desenvolve a ideia da abertura dos sistemas: “Todos os sistemas abertos são caracterizados por redundância. Redundância se refere às restrições dentro de um mesmo tempo presente, e a construção de dispositivos para ocasiões futuras”. (Valsiner, 1998, p. 76).

A noção de sistema semiaberto também foi trabalhada por Guimarães, a partir das proposições de Valsiner, enfatizando que o sujeito apresenta-se articulado a todo o exterior, mas não diretamente, pois filtra o que o mundo lhe oferece.

O potencial para a emergência da novidade na relação do sistema semiaberto com o contexto em que se encontra, nos remete a um tipo de relação eu-outro em que, tanto eu quanto o outro se apreendem como sujeitos. A interação verbal pode se constituir como um campo privilegiado para esse tipo de relação. Os diálogos podem estabelecer campos de possibilidades de trocas de experiências singulares, demandando o reconhecimento da especificidade da perspectiva do outro, ou seja, os diálogos tornam evidentes lacunas entre a experiência singular de cada sujeito. (GUIMARÃES, 2007, p.19)

A interação entre discursos, o diálogo, apresenta-se como campo que possibilita a emergência de novidade, a interação entre sujeitos leva a troca de experiências e demanda reconhecimento do ponto de vista do outro. Quando um ou ambos integrantes não se abre minimamente para o ponto de vista do outro, quando estão fortemente cristalizados em suas perspectivas, não há tensão que gere comunicação, não há troca, o aparente diálogo torna-se um monólogo, dessa forma não se gera conhecimento.

A noção de sistema semiaberto se relaciona com outros conceitos do Construtivismo Semiótico-Cultural, dentre eles o dialogismo, definido por Bakhtin (1992) como interação entre textos tanto na escrita como na leitura, se dá no campo comum entre os participantes do discurso por meio do processo de recepção/percepção, em que cada participante assume uma posição no ato discursivo. No dialogismo, o discurso não é visto isoladamente, mas como resultado e em constante interação com outros discursos semelhantes.

Na introdução da obra de Bussab & Souza (2006), Valsiner exemplifica de maneira bastante clara o funcionamento desta noção utilizando o processo de

emergência de novidade e transformação da subjetividade. Neste texto o pesquisador explana o faz-de-conta como caminho para possibilidades futuras que o sujeito desbrava em determinado momento. A construção de novidade é característica da emergência de formas reais, e o faz-de-conta representa certo desdobramento dos resultados deste processo.

O faz-de-conta é uma extensão do futuro agindo como se um particular futuro estado de coisas já estivesse presente (mas, claro, não está); o faz-de-conta é um veículo que promove sua real emergência no novo presente. Assim, o faz-de-conta nos oferece fenômenos que estão *simultaneamente não-presentes* [...] e *presentes* [...]. Essa simultaneidade de presença (daquilo que ainda não é) e não-presença (daquilo mesmo) é a característica definidora do momento presente – o infinitamente pequeno momento de tempo entre o futuro mais próximo (no fazer presente) e o passado (também no desfazer-se presente, na medida em que vai se tornando o passado mais próximo). (VALSINER, 2006, p.18)

Através do uso da ideia de faz-de-conta, o psicólogo mostra o funcionamento da noção de sistema semiaberto, como este pode trazer uma gama de possibilidades que se encontram de certa forma presente e podem se atualizar, como seu funcionamento possibilita trazer para o presente aquilo que ainda é um possível, aquilo que ainda não é, além de também trazer para o diálogo o que constitui os sujeitos. A relação entre eu e outro também se caracteriza como uma relação em que ambos trazem para o diálogo os elementos que os constituem, estes elementos não são totalmente captados pelo outro da relação. Aquilo do outro que escapa ao eu é compreendido como Alteridade.

A relação de alteridade pode ser inicialmente entendida como o momento em que a diferença entre Eu e Outro se faz de forma radical embora figure na base da Intersubjetividade egóica. Dada a configuração desta relação Eu-Outro, o momento em que eu- outro se diferenciam é sentido pré-reflexiva e fortemente pelo Eu, bem como seu desejo de ultrapassar por si mesmo em direção ao Outro. O Outro, contudo, também está sempre incorporando em um constante movimento de mudança que nunca é alcançado pelo Eu neste ensaio/julgamento. Neste sentido, podemos ver a relação de alteridade como momentos da relação eu-outro como momentos em que quando a ruptura inquietante prevalece sobre o harmonizar o compartilhamento (Simão, 2003). Ou se preferirmos, eles são momentos que harmonia e compartilhamento assumem formas de experiências diferenciadas. Eles são experiências desafiadoras e inquietantes (GUIMARÃES & SIMÃO, 2007).

Desta forma numa relação eu–outro a alteridade é compreendida como aquilo referente ao outro que escapa ao eu, o outro na relação também se encontra em constante mudança de forma que devido às suas alterações sempre há algo no outro que escapa ao eu. A característica de compartilhamento de experiências ao meu ver, corrobora a ideia desta ferramenta, Construtivismo Semiótico-Cultural, trabalhar em rede realizando conexões e entrelaçando conceitos com outros campos de conhecimento e áreas de conhecimento, como a Antropologia, a Filosofia, as Artes e áreas médicas como a Fisioterapia.

O funcionamento em rede desta ferramenta, Construtivismo Semiótico-Cultural, também é característico, segundo minha compreensão, com a noção de sujeito empregada pela mesma. Nesta concepção, o sujeito se desenvolve em conexão com os diversos conteúdos da cultura que servem como guias para o seu desenvolvimento. Estes conteúdos que servem como guias, como balizas, não predeterminam o sujeito, nelas estão as variadas possibilidades de desenvolvimento. A este respeito Simão (2010) esclarece:

A possibilidade de alteração nos sistemas semióticos, abertas pelas relações intersubjetivas, é de grande importância para o desenvolvimento sociocultural. Os sistemas semióticos individuais funcionam como *balizas* na organização e reorganização de futuras experiências pessoais, diante da imprevisibilidade inerente ao próprio viver. Funcionar como *balizas*, nas proposições de Valsiner, significa funcionar como “aparatos temporários de organização”, construídos na ação e ideação, no diálogo entre pessoas, entre pessoas e expectativas contextuais, ou entre sentidos pessoais e significados coletivo-culturais” (Valsiner, 1998, pp. 3-4). A noção de *baliza* esta, pois, assentada na dinâmica construtiva e reconstrutiva de significados de significados em tempo irreversível, uma das influências principais de Bergson no pensamento de Valsiner. As *balizas* não são, portanto, obstáculos rígidos à ação, mas tem, em vez, caráter orientador da ação no entrelaço das crenças e desejos do sujeito, por um lado, e das demandas contextuais, por outro (Simão, 2005).

A tentativa de compartilhar significados é importante como possibilidade momentânea de nos engajarmos em interações com outros, gerando demandas de negociação intersubjetiva e eventual transformação nos significados de nossas experiências, que buscaremos então novamente partilhar com outros, e assim por diante (SIMÃO, 2010, p. 92).

A dinâmica do funcionamento das guias da cultura denominadas como balizas possui caráter orientador do desenvolvimento do sujeito, servindo como base para

ações futuras. O compartilhamento de significados gera demandas na negociação intersubjetiva que leva à transformação dos significados da experiência.

Uma característica que considero muito importante no Construtivismo Semiótico–Cultural em Psicologia, mais especificamente do conceito de sistema semiaberto, é a forma como é trabalhada a subjetividade, um processo de constante construção que dá origem ao eu e ilustra suas transformações no decorrer do tempo por meio do contato com os diversos fluxos semióticos que compõem a realidade e as várias relações intersubjetivas. Trabalhando o conceito de eu, define-se o que é o eu em formação, o não-eu, e o mundo, neste processo de diferenciação, ao mesmo tempo em que os elementos se apresentam separados, também se mostram indissociados, uma vez que a definição de um dos elementos se dá pela delimitação do outro.

Há, subjacente a esse enfoque, forte ênfase na indissociabilidade e, ao mesmo tempo, diferenciação, entre eu e outro, graças a processos afetivos – cognitivos, pré – reflexivos e reflexivos, que sustentam a relação entre eles. Esses processos possibilitam a eu e outro virem a se constituir e desenvolver – se como *se/ves* (SIMÃO, 2010, p.89).

Processos afetivo-cognitivos servem como base para a relação eu-outro e possibilitam a ambos se constituírem como *se/ves*, esta constituição ao mesmo tempo se apresenta como diferenciação e inseparabilidade entre eu e outro. De maneira que as relações intersubjetivas são concebidas de forma dialógica e de natureza semiaberta perpassada por diferentes sistemas de expressão que caracterizam as relações.

As relações sociais humanas, dialógicas, possuem natureza semiaberta. As trajetórias dos diferentes sistemas expressivos acontecem em meio a uma dinâmica funcional e estrutural que não é plenamente inteligível para seus participantes. A fronteira entre os sujeitos falantes é nebulosa, o futuro imprevisível e o passado ressignificado em função das experiências atuais do sujeito e de seu desejo (GUIMARÃES apud VALSINER, 1998)

Os sujeitos participantes do diálogo se encontram numa relação em que os conteúdos são filtrados e afetam os participantes, estes são separados por uma fronteira nebulosa. A partir do processo de diferenciação e indissociação pelo qual

passam os participantes é que se concebe o processo de transformação dos sujeitos em relação.

O desenvolvimento do sistema adquire autonomia relativa em relação às suas exigências mentais imediatas-preventivamente para se preparar para o futuro. A personalidade humana é um sistema que se auto organiza e constantemente se reconstrói. O ambiente social é o que possibilita à personalidade rearranjar-se em sua forma única, não necessariamente de acordo com as expectativas sociais. Assim, a origem social da personalidade humana pode ser demonstrada pela aparente falta de influências sociais no interior da personalidade em um determinado momento ou contexto. (VALSINER, 1998, p. 387)

A personalidade pode aparentar não possuir influências sociais em sua constituição, porém de acordo com o pensamento de Valsiner, a personalidade entendida como um sistema, que se constrói e reconstrói de acordo com sua interação com o meio social. A constituição da personalidade devido à sua interação com o meio social não segue o preceito desta personalidade ser uma tábula rasa moldada pelo meio, uma vez que as influências sociais são filtradas ressignificadas e não pré-determinam o sujeito.

3.4 O Processo de transformação no sistema semiaberto

Partindo da abordagem construtivista semiótico-cultural que estuda o desenvolvimento e a emergência da novidade, numa concepção de irreversibilidade do tempo, encontro a definição de sistema adotada por Valsiner (2001) em que um sistema se caracteriza por conter elementos e as relações entre seus elementos, caso não haja relação entre estes não se caracteriza como sistema. Esta característica de irreversibilidade do tempo, ao meu ver se mostra como uma influência de Bergson em Valsiner, assim para o tempo cronológico não é possível a repetição de eventos, ao contrário do tempo subjetivo. No tempo subjetivo um evento pode ser trazido várias vezes para o presente na forma de memória, já no tempo cronológico o que há é a produção de eventos similares.

Assim:

$S = \{ a, b / aRb \}$, sendo S = sistema

a, b = elementos do sistema

R = relação entre elementos

No caso de apenas ser $S = \{ a, b \}$, não se caracteriza como sistema.

Por meio deste esquema observa-se a definição de sistema utilizada por Valsiner (2001). De forma que em um sistema há elementos que se relacionam não bastando que sejam apenas constituintes de um todo, assim o fator basal para constituição de sistemas é a relação entre seus componentes.

3.4.1 Sistemas abertos

Os sistemas abertos são sistemas que se caracterizam pelo fato de estarem em relação com o ambiente, ao contrário dos sistemas fechados, caracterizados por serem isolados do ambiente de forma que a relação de troca com o mesmo não ocorre. Como exemplos de sistemas abertos utilizados por Valsiner (2001) tem-se o

pensamento humano, os organismos e sistemas vivos. No caso do pensamento humano, tem-se um processo individual que ocorre pela troca de mensagens com o ambiente, com destaque para as trocas de mensagens comunicativas com outros seres humanos, dessa forma, através do processo de absorção e externalização dos conteúdos aos quais o sujeito se encontra em relação, se dá o desenvolvimento do pensamento e construção de novos conhecimentos. No segundo exemplo, os organismos, observa-se que os mesmos realizam trocas gasosas e troca de nutrientes com o ambiente garantindo a sobrevivência do próprio sistema. Temos como característica dos sistemas abertos a relação entre A e não-A, sendo A uma subjetividade assentada como sujeito psicológico embasado na noção de *self* e o não-A caracterizado pelos conteúdos linguísticos, sociais, culturais os quais o *self* está em relação, desta relação emergem os estados futuros de seus componentes.

A previsão de estados futuros em sistemas abertos é impossível, porém é possível considerar a espera de um estado provável. A este respeito temos na concepção construtivista os conceitos do psicólogo cultural Ernst Boesch de valor visado, *Sollwert*, e de valor real, *Istwert*, como componentes de sua teoria da ação simbólica (Boesch, 1991), nesta teoria temos o conceito de valor real como aquilo que é percebido, como o resultado das ações do sujeito, e o valor visado como aquilo que é buscado, como um possível virtual. Esta teoria ilustra como o agir do sujeito se dirige ao mundo segundo seus referenciais objetivos.

[...] a diferença entre imaginação e percepção tem como fundo uma diferença entre o que o sujeito constitui para si como valor real – o que se percebe como sendo agora – e o valor visado (virtualidade possível); essas noções são caras à teoria da ação simbólica de Boesch (1991). O psicólogo propõe que o agir intencional/simbólico do ser humano se dirige ao mundo segundo referências de como o mundo é objetivamente, de modo a se alcançar novos sentidos e possibilidades de ação diante de uma dada circunstância sonhada/almejada pelo sujeito (GUIMARÃES, 2010, pp. 60-61)

Tem-se que a ação do sujeito é direcionada para o mundo de acordo com as referências que este possui, seu agir busca alcançar novos sentidos e possibilidades visando uma situação imaginada que possui como base a referência de real que o sujeito possui do mundo.

A partir de um estado atual X e no decorrer do tempo t, um possível estado Y é tido como provável, não apenas em sentido estatístico, mas como algo pelo qual se

produz uma ação para efetiva-lo, aumentando assim sua probabilidade, além disto, nesta concepção também se está receptivo a possibilidade de outros estados inesperados. Como ilustrado em Valsiner (2001):

Tal solução de certa forma também se enquadra como uma previsão feita pelo sujeito que direciona suas ações para um possível estado futuro, uma previsão aproximada (Valsiner, 2001) resultado do desenvolvimento. Para dar conta da questão de previsão, algumas ciências do desenvolvimento se utilizam da previsão probabilística, em que se faz uso de conhecimentos referentes à Probabilidade, e a previsão por variação de opções, ocasionando direcionamento/balizamento do processo. O uso de previsão probabilística ainda que possa estar presente em trabalhos balizados no Construtivismo Semiótico-Cultural não se apresenta como estritamente necessária enquanto metodologia para construção de conhecimento. A área privilegia a realização de análises qualitativas de dados de pesquisa que balizam a reflexão sobre leis gerais a respeito de processos psicológicos. Neste trabalho observei o desenvolvimento na perspectiva construtivista por meio da previsão por variação, previsão balizada (Valsiner, 2001).

A ideia de previsão balizada vem dar conta de uma previsão de estados esperados e, ao mesmo tempo, se aceita o inesperado mesmo sem tê-lo previsto. Em tal perspectiva, as balizas servem como guias para o desenvolvimento humano por meio da cultura. A cultura na concepção de Valsiner (2007), se apresenta como parte da organização das funções psicológicas humanas, estas funções são responsáveis pela construção e uso de signos na transformação da realidade do ser humano, desta forma, a cultura relaciona sujeito e mundo, sendo um mediador da relação e proporciona simultaneamente proximidade e afastamento com a relação em que o sujeito se encontra.

Cultura é uma parte da organização sistêmica das funções psicológicas humanas. Ela toma forma construindo e usando sinais para transformar o aqui-agora do ser humano. Os seres humanos podem distanciar-se de qualquer definição através dos meios culturais (semiótica). No entanto, eles continuam a ser elementos do cenário. Por isso, a relação cultural humana com o mundo implica simultaneamente aproximação e distanciamento da situação em que a pessoa se encontra (VALSINER, 2007, p. 72).

A cultura é apresentada como parte da organização psicológica humana, como aquela que possibilita aos sujeitos criarem sentidos para suas experiências, desta forma, estando o sujeito em participação numa situação cujo sentido é compartilhado por um grupo, a cultura lhe permite criar novos sentidos que podem ser de afastamento ou uma maior aproximação da situação.

Valsiner (2001) aponta para duas importantes características desta perspectiva balizante:

- 1- A previsão nesta perspectiva é a direção geral do desenvolvimento, não o resultado;
- 2- A questão crítica da análise é movida pelo que acontece no futuro, para o que tornou o desenvolvimento possível. A pesquisa se concentra no futuro orientado enquadrado e modulado por um sistema balizado.

A abordagem de Valsiner apresenta influência das ideias de Werner e seu princípio ortogenético. No trabalho de Bazon, Estevão, Komatsu e Panosso (2011), a respeito de adolescentes em conflito com a lei, os autores trazem uma proposta explicativa dos padrões de comportamento infracional a partir de uma perspectiva desenvolvimentista e para tanto fazem uso do princípio ortogenético como ferramenta de estudo.

[...] princípio ortogenético de Werner (1957, apud LE BLANC e FRÉCHETTE, 1989, p.59), diz que: sempre que ocorre desenvolvimento, “ele ocorre de um estágio de relativa globalidade e falta de diferenciação, articulação e integração hierárquica” (BAZON, ESTEVÃO, KOMATSU & PANOSSO, 2011, pp. 66).

Segundo este princípio há um dado em estado inicial de estabilidade e indiferenciação, compreendo que por este princípio o desenvolvimento ocorre a partir da diferenciação e hierarquização de estruturas psicológicas, de forma que as estruturas presentes são assimiladas pelas novas que surgem, assim os traços do

passado se encontram presentes, porém não quer dizer que exerçam influência direta sobre o sujeito, mas que podem agir a partir de determinadas situações.

3.4.2 – Construção Semiaberta

Na perspectiva construtivista um dado é uma permanente construção, constante transformação em que a novidade emerge no “entre” estados de coisas.

Um dado A, que no decorrer do tempo se direciona para um estado B, durante este movimento passa por um estado onde não é mais A e ainda não é B, este estado é onde ocorre a emergência da novidade, nesta dinâmica, o estado futuro não-B também se apresenta como possibilidade por vir como possibilidade esperada para o futuro. O potencial para a emergência depende da relação do dado com o ambiente.

Figura 4: processo de transformação de um dado A por meio de sua interação com o ambiente gerando novidade e possibilidades de estados futuros B e não-B.

Na relação com o ambiente o dado, no caso deste trabalho a subjetividade, entra em contato com vários conteúdos muitos deles de naturezas opostas, opostas tanto entre si quanto em relação aos componentes da própria subjetividade. Tais conteúdos não necessariamente se encontram apenas em estado de oposição, como também podem estar em estado diferenciação. Estas diferenças e oposições são geradoras de tensão que por sua vez são potencializadoras para a emergência de novidade. A relação entre subjetividade e ambiente ocorre por meio de uma filtragem nos sistemas semiabertos, os conteúdos da relação eu-mundo são selecionados e ressignificados, desta forma não exercendo influência direta, os componentes diferenciados do ambiente podem ser outras subjetividades, assim a relação

intersubjetiva ocorre como processo mediado pelos componentes que constituem as subjetividades.

Chego a outro ponto de definição do estudo, como o próprio nome diz, no sistema semiaberto a abertura para o ambiente não é totalmente aberta. O processo de transformação da subjetividade, caracteriza-se como uma relação eu-outro em que se faz necessário que as partes se apreendam como sujeitos. Nesta relação o diálogo se apresenta como campo privilegiado, os conteúdos expressos pelos participantes são “filtrados” pelo outro da relação. Neste processo de filtragem, de Seletividade, a subjetividade caracteriza-se por possuir uma Fronteira que se apresenta porosa, e é a responsável pelo processo de seleção dos conteúdos de acordo com os componentes existentes na subjetividade.

Outra característica da perspectiva construtivista, é o fato da subjetividade se apresentar ativa na realidade, ou seja, não é apenas mera receptora ou transformadora dos conteúdos absorvidos, mas entidade ativa no ambiente que externaliza seus conteúdos transformando a realidade.

Na dinâmica do sistema semiaberto em que a subjetividade se apresenta como ativa no ambiente, externalizando, absorvendo, reelaborando, transformando a realidade; a emergência da novidade ocorre por meio da reelaboração dos conteúdos aos quais se relaciona, propiciada pelas tensões decorrentes das diferenças entre os conteúdos externos e internos. Esta dinâmica ilustra o processo de transformação da subjetividade na relação eu-outro. Este processo de emergência de novidade e construção de conhecimento não se apresenta como um processo estagnado, ao contrário, o processo se apresenta como dialógico, nele os novos conteúdos se relacionam com os precedentes gerando novas relações e tensões, assim possibilita a constante emergência de novos conteúdos.

Partindo da ideia dialética onde tem-se:

Chega-se ao dialógico:

Neste esquema ilustra-se como o processo dialógico apresenta-se como não estático em relação ao processo dialético, pois a construção resultante da interação entre tese e antítese continua a se relacionar com as mesmas formando novas construções.

Verificadas estas condições para a emergência da novidade na relação eu-outro que também possibilitam o desenvolvimento do sujeito, também tem-se o desenvolvimento do *self* graças ao desenvolvimento da racionalidade do sujeito para buscar a objetividade e generalidade. Para buscar a generalidade o sujeito deve desapegar-se de suas posições imediatas para partir daí poder compreender o outro, neste movimento de saída de si para compreensão do outro e retorno modificado, o sujeito percebe como pode alterar o sentido de si próprio.

Outra característica do sistema semiaberto é a possibilidade de convergência de diferentes processos de desenvolvimento, ou seja, diferentes percursos de desenvolvimento podem convergir em determinado ponto, dessa forma, podem seguir caminho por rotas paralelas, diferenciar-se novamente ou até mesmo tomarem direções opostas. Dada esta característica, de entrecruzamento observo o sistema semiaberto como uma rede, uma vez que conecta e entrelaça diferentes processos.

Entendo que as noções pesquisadas neste trabalho podem ser caracterizadas como percursos, como margens de um rio que caminham em paralelo e por vezes se aproximam, diferenciando-se por possuírem constituições distintas. Devido a essas constituições agem de forma diferente, por exemplo, a maneira de observar o desenvolvimento da subjetividade, cada uma a sua maneira. Uma, o sistema semiaberto considera a subjetividade atrelada à ideia de *self*. Compreendo *self* como estrutura centralizada e de difícil mutação que enfatiza a continuidade da experiência, constituído por elementos materiais que engloba além do próprio corpo as posses do sujeito, elementos sociais como as representações que os outros fazem a respeito do

sujeito, configurações psíquicas e o ego que provê o sentido de continuidade da experiência. O *self*, para James (1945) abrange tudo o que o sujeito pode chamar de meu, a seguir discorrerei sobre como o termo *self* vem sendo trabalhado contemporaneamente.

3.4.3 Subjetividade e *self*

No processo transformativo temos a apreensão do outro, e eu e outro como sujeitos ativos no ambiente. Outra característica importante verificada na abordagem construtivista semiótico-cultural é o fato de se tratar de uma ferramenta que faz uso da noção de *self*, isto é, embasada na ideia de gênese do sujeito. O Construtivismo Semiótico-Cultural faz uso de uma noção muito interessante para lidar com a subjetividade, o *self* dialógico.

O conceito de *self* dialógico é definido por Hermans, Kempen, e van Loom (1992) como “uma multiplicidade dinâmica de posições do eu relativamente autônomas em sua paisagem imaginária” (p.28). Nesta concepção de *self* o eu movimenta-se por variadas posições, as quais fornecem vozes para o eu, estas estabelecem narrativas sobre o próprio eu e o mundo. As vozes destas posições constituem narrativas sobre a posição na qual o eu se encontra. As diferentes posições com suas referidas vozes estabelecem diálogo entre si, estes diálogos constituem um modelo de *self* descentralizado e narrativamente estruturado, em um processo de constante mudança.

Hermans (1992) sugere a metáfora do *self* como uma sociedade, de forma que esse funciona como uma polifonia de vozes dissonantes e consonantes.

Tem-se o *self* como estrutura dinâmica que assume diferentes posições no diálogo, este também pode ser um diálogo interno, as vozes deste diálogo produzem emoções que são respostas ao mundo que envolve o *self*. Os conteúdos do diálogo são externados como fala, a partir daí são observados aspectos (quem, como, quando, onde, por que) e a organização do movimento dessas vozes se dá em quatro dimensões do *self*: a dimensão material que abarca desde o corpo até as propriedades do sujeito, a dimensão social proveniente da imagem criada pelos outros que se relacionam com o eu, a dimensão espiritual constituída pelas faculdades psíquicas e

a dimensão egóica responsável pela continuidade da experiência consciente. O encontro com os outros cria possibilidades de questionamento, reflexão e reelaboração dos sistemas de referência da pessoa, estes encontros com os outros permitem que o *self* os apreenda fazendo com que passem a fazer parte da composição do mesmo. Assim, tem-se na abordagem construtivista semiótico-cultural a relação do pesquisador com a referida abordagem teórica observando o *self*, as posições do eu e as vozes das posições.

Figura 5: Utilização da tríade dialógica para exemplificar a relação do pesquisador, na posição de Ego, com Construtivismo Semiótico-Cultural, na posição de Alter, e *self*, posições do eu e vozes ocupando a posição de objeto.

A partir da utilização do modelo de multiplicação dialógica amplia-se o objeto de estudo observando-se também o diálogo intercultural.

Em seu artigo Guimarães (2012) explana a noção de multiplicação dialógica como ferramenta de diálogo intercultural, uma vez que neste trabalho o pesquisador esclarece que em pesquisas com povos ditos “originários”, como os povos ameríndios, não se desenvolve o conceito de *selves* individuais. O texto também aborda outros temas, como o desenvolvimento histórico da noção de *self*. Um desdobramento que pode captar do texto é que a multiplicação dialógica esclarece que cultura de alteridade não é o mesmo que cultura individual. Com esta noção tem-se a experiência de alteridade como plano de mútua afetação sem significado transcendental (Guimarães, 2011; 2013).

Fazer uso da noção de multiplicação dialógica implica numa concepção de intersubjetividade que vai além da ideia de duas ou mais pessoas em relação, traz

consigo a ideia de diálogo intercultural além dos diferentes níveis da dimensão intersubjetiva e intrassubjetiva. É uma noção que foca na experiência sob diferentes trajetórias no compartilhamento do processo de construção semiótica e vem como esforço para uma concepção mais geral de *self* trazendo a diferença entre as variedades culturais presentes na trajetória psicológica. Esta noção articula e amplia o modelo de intersubjetividade, uma vez que preserva os constituintes da relação como perspectivas diferenciadas e ao mesmo tempo possibilita acesso a um campo pré-ontológico em que não há diferenciação.

As diferentes perspectivas, como vim enfatizando, podem se encontrar devido ao plano de imanência transubjetivo e pré-ontológico, que se remete novamente à noção de mito. No tempo do mito, homens e animais ainda não haviam se diferenciado (GUIMARÃES, 2010, p.108)

Na passagem do trabalho o autor coloca em diálogo perspectivas distintas, a caça da perspectiva dos porcos selvagens e da perspectiva dos caçadores, fazendo uso da noção de multiplicação dialógica pôde coloca-las num plano comum, transubjetivo e pré-ontológico, um campo de indiferenciação anterior às subjetividades. O encontro deste campo será de fundamental importância para este trabalho, como será visto mais à frente.

3.5 A cultura como sistema semiaberto

Neste capítulo procurei ilustrar como o Construtivismo Semiótico-Cultural se apresenta como uma vertente da abordagem construtivista. Inicialmente demonstrei como o Construtivismo se caracteriza como um vasto campo de conhecimento que possui vertentes baseadas em vários autores.

Posteriormente explanei sobre as bases do Construtivismo Semiótico-Cultural e como este se caracteriza como uma ferramenta de pesquisa que conecta conceitos de vários autores e os desenvolve. Esta ferramenta de pesquisa dá grande ênfase às pesquisas sobre as relações intersubjetivas.

Em seguida adentrei às noções de sistema aberto e fechado, e explanei sobre a noção de sistema semiaberto e como esta trabalha as relações eu-outro e eu-

mundo. Concluindo abordei o uso da noção de *self* pelo Construtivismo Semiótico-Cultural, seu desenvolvimento como *self* dialógico, além de fazer uma introdução à Multiplicação Dialógica.

As formações culturais compreendo como similares aos sistemas que utilizam balizas, estas guiam o desenvolvimento do sujeito, porém não o predeterminam. Valsiner (2006) explanando sobre o faz-de-conta, esclarece sobre o balizamento:

Nos sistemas de balizamento estabelecidos pelo agir, sentir e pensar (Valsiner, 1997, 2005b) há uma série de possibilidades para negociação das trajetórias de desenvolvimento para o futuro. Cada campo humano do aqui - e - agora de novas possibilidades (a parte do “não-A da Figura 1) é pré-estruturado por um conjunto de representações sociais que – tanto extrinsecamente como através de formas internalizadas de “motivação intrínseca” (Bussab, 2006) – guia a pessoa em direção a alguma (em vez de outra) direção do faz – de – conta (VALSINER in SOUZA & BUSSAB, 2006, p.19).

O desenvolvimento se dá por meio da negociação das trajetórias estabelecidas pelos sistemas de balizamento, sendo que cada sistema traz suas possibilidades, o ainda não presente que é trazido para o presente como possibilidade por vir e pré-estruturado como conjunto de representações sociais.

Figura 6: ilustração de como o ainda não presente pode ser trazido para o presente como uma possibilidade por vir no processo de desenvolvimento e como o balizamento cultural indica um caminho para o desenvolvimento.

Na figura pode-se ver como no decorrer do tempo cronológico, presente, passado e futuro interagem, de forma que o passado influencia o presente e este guiado pelas balizas culturais e devido a isto encontra-se em contato com um conjunto de possibilidades futuras e pode agir como se estas possibilidades já estivessem presentes.

Algo que auxilia a construção do sujeito é a utilização dos Recursos Simbólicos (Zittoun, 2006), que são ferramentas do sujeito em sua ação na realidade social e psíquica, de forma que, através do uso destes recursos pode solucionar tensões emergidas da situação. Sobre o uso dos recursos simbólicos, Guimarães esclarece:

De acordo com Zittoun (2006), os recursos simbólicos oferecem definições temporalmente estáveis, permitindo a trilhagem de possíveis caminhos de ação para o objeto desejado. Os elementos culturais são entendidos como mediações semióticas ou atos representacionais que se constituem como recurso a partir de seu uso intencional no contexto de transições significativas no campo da experiência cultural. Os usos dos recursos simbólicos podem ser verificados em relação à realidade social compartilhada, relações eu-outro ou nos processos de reflexão intrapessoal (GUIMARÃES, 2008, p. 435).

Os recursos simbólicos estabilizam o percurso de desenvolvimento e se verificam na realidade que é compartilhada pelos sujeitos em diálogo numa relação eu-outro e na relação eu-comigo mesmo.

A utilização dos Recursos Simbólicos também se apresenta como um tipo de baliza, uma vez que estas auxiliam na reorganização das situações vividas pelo sujeito, de forma que este possa agir na realidade psíquica e social ultrapassando as falhas existentes na relação com o outro e, ao mesmo tempo, servindo como meio de identificação do próprio sujeito.

A reorganização das situações vividas pelo sujeito procede como uma tentativa de superação dos lapsos que se dão em sua relação com o outro, e esta tentativa de superação é propiciada pelos recursos simbólicos. Estes se apresentam como ferramentas que agem na realidade psíquica e social, a partir do mundo físico e também no próprio mundo físico. A utilização dos recursos simbólicos, ocorre de forma que seu uso seja orientado para ações futuras e propicia a criação de objetos pelo sujeito. Esta característica de orientação para o futuro faz com que os recursos simbólicos se caracterizem como um tipo de baliza (Valsiner, 1998), de forma que o sujeito os utiliza para solucionar tensões resultantes entre aquilo que é percebido no momento presente e o objetivo de suas ações.

Os recursos simbólicos atuando na reorganização da desordem da situação presente, da forma como esta situação é percebida pelo sujeito em sua relação com o mundo, proporcionam possíveis ações para a reorganização desta desordem, estas ações são geradoras de novas tensões e de novos recursos simbólicos, sendo esta outra característica de sua utilização.

Mais uma característica dos recursos simbólicos, é o fato de estarem ligados ao seu produtor, e assim possibilitarem a identificação de seu criador. Esta característica faz com que o outro possa perceber a identidade do interlocutor, ainda que momentaneamente, e realizar o engajamento dos interlocutores em um processo de constante negociação em que os mesmos tem suas identidades co-construídas (Guimarães, 2010).

3.6 A construção social da subjetividade e da realidade da vida cotidiana

A construção do sujeito também depende do fator orgânico, sua base biológica, a ontogênese, tal fator, entendendo a partir das considerações de Berger e Luckmann, serve como base para o desenvolvimento social e o desenvolvimento orgânico ocorre imbricado com esse.

Neste processo de formação do eu, entendido como uma relação entre ambiente social e organismo humano, a relação entre seus componentes é mediatizada. Desse modo, o eu é possuidor de sua carga genética desde o nascimento, porém sua identidade como entidade subjetiva reconhecível não segue apenas o desenvolvimento da herança genética do organismo como princípio ontológico, de forma que, esta identidade subjetiva é produto de processos sociais que determinam culturalmente a constituição do eu. Esta característica do eu se apresentar como produto sócio culturalmente constituído não se resume apenas a uma forma de auto identificação, por exemplo, uma identificação quanto a gênero, uma mulher ou um homem, de maneira que esta identidade é construída culturalmente e sobre ela agem uma ampla gama de fatores e condições psicológicas que complementam suas características, por exemplo, emoções e atitudes. Assim, nesta concepção, organismo e eu são noções que podem ser entendidas apenas dentro do contexto sociocultural.

O processo de construção do eu, constituído a partir de formações socioculturais, também tem como característica ser um processo de variável humanização, ou seja, de acordo com contexto sociocultural podem surgir determinadas constituições de sujeito que em outros contextos não ocorrem.

Tal processo de humanização, de acordo com minha compreensão do trabalho de Berger e Luckmann (2003), se mostra mutável dependendo do contexto sociocultural, por conseguinte, nesta concepção não existe a ideia de natureza humana definida por uma base biológica a partir da qual se determinam as variadas formações socioculturais, mas sim sujeitos com suas determinadas cargas genéticas, componentes discursivos que proporcionaram a criação de sentido para o mundo, fatores psicológicos que interagem num processo de constante afetação e produzem sujeitos e contextos socioculturais. Neste sentido, a natureza humana é constituída a

partir de formações socioculturais que variam de acordo com os inúmeros contextos destas formações.

A interação entre sujeitos, o processo de humanização, tem como produto uma ordem social, esta ordem não possui natureza biológica, sendo apenas produto da atividade humana, isto é, o processo de exteriorização do ser humano. Segundo os autores, a exteriorização mostra-se como uma necessidade antropológica com base no equipamento biológico.

O ser humano tem de estar continuamente se exteriorizando na atividade. Esta necessidade antropológica funda-se no equipamento biológico do homem. A inerente instabilidade do organismo humano obriga o homem a fornecer a si mesmo um ambiente estável para sua conduta. O próprio homem tem de especializar e dirigir seus impulsos. Estes fatos biológicos servem de premissas necessárias para a produção de ordem social. Em outras palavras, embora nenhuma ordem social existente possa ser derivada de dados biológicos, a necessidade de ordem social enquanto tal provém do equipamento biológico do homem (BERGER & LUCKMANN, 2003, p.77).

A necessidade de externar suas compreensões sobre a realidade, possui como base o equipamento biológico do sujeito, esta externalização de conteúdos serve como base para construção e recriação de uma ordem social. Tal concepção vem corroborar a ideia de um sujeito ativo e produtor de realidade.

A respeito da concepção de mundo utilizada pelo Construtivismo Semiótico-Cultural, observei que nesta perspectiva construtivista, tem-se o mundo composto por diversas realidades, como explicitado por Berger e Luckmann:

[...] tenho consciência de que o mundo consiste em múltiplas realidades. Quando passo de uma realidade a outra experimento a transição como uma espécie de choque. Este choque deve ser entendido como causado pelo deslocamento da atenção acarretado pela transição. A mais simples ilustração deste deslocamento é o ato de acordar de um sonho (BERGER & LUCKMANN, 2003, p.38).

Verifica-se que de acordo com os autores, há uma concepção de mundo composto por realidades diversas, e os sujeitos que habitam o mundo podem passar de uma realidade para outra. A partir dessas considerações compreendi a realidade, ou as realidades, como uma forma de apreensão do mundo. Realidade como lugar onde se foca a atenção, que não se limita apenas ao “aqui” e “agora”, mas também a fenômenos não presentes de forma imediata.

Durante os estudos de inserção no campo construtivista pude observar como o ser humano se desenvolve na relação com a cultura (Valsiner, 1998), em um processo de apreensão em que tanto sujeito como o objeto são resultantes da objetivação. Tomando Objetivação como processo que possibilita a criação de entidades distintas no mundo, não apenas de objetos passivos, mas objetos como entidades ativas no mundo. Deste processo de apreensão da realidade observei nos trabalhos que articulam perspectivismo ameríndio e Construtivismo Semiótico-Cultural, Guimarães (2010, 2012), que a noção de corpo se mostra como um objeto privilegiado daquilo que se mostra ao outro e é objetivado e apreendido por este, assim como o sujeito objetifica e apreende o corpo.

Visto este ponto de aproximação, atentei ao jogo de apreensão que se dá na relação eu-outro. No jogo de apreensão os sujeitos na relação eu-outro são tidos como reais, mesmo que para isso não tenham se encontrado. Na relação intersubjetiva ambos os participantes não se apresentam plenamente abertos, uma vez que nem mesmo o próprio eu pode aceder a si mesmo completamente, o mesmo valendo para o outro. Desta forma temos a impossibilidade de apreensão total do outro, de modo que se apreende apenas o que se apresenta acessível:

O outro, porém, é apresentado assim na situação face a face. Por conseguinte, “aquilo que ele é” me é continuamente acessível. Esta acessibilidade é ininterrupta e precede a reflexão. Por outro lado, “aquilo que sou” não é acessível assim. Para torná-lo acessível é preciso que eu pare, detenha a contínua espontaneidade da minha experiência e deliberadamente volte minha atenção para mim mesmo. Ainda mais, esta reflexão sobre mim mesmo é tipicamente ocasionada pela atitude com relação a mim que o outro manifesta. É tipicamente uma resposta “de espelho” às atitudes do outro (BERGER & LUCKMANN, 2003, p.48).

O outro possui uma face acessível, esta face acessível é anterior à reflexão, assim como o eu também possui uma face acessível ao outro, porém esta área captável para que continue com esta característica, faz-se necessário que o eu volte sua atenção para si mesmo.

Berger e Luckmann colaboram com este trabalho na medida que também explanam mais um processo de interação social na relação eu-outro, na qual eu e outro se apreendem e se constroem mutuamente. Segundo a concepção dos autores o processo de apreensão se dá de forma consciente.

Na situação face a face o outro é apreendido por mim num vivido presente partilhado por nós dois. Sei que no mesmo vivido momento sou apreendido por ele. Meu “aqui e agora” e o dele colidem continuamente um com o outro enquanto dura a situação face a face (BERGER & LUCKMANN, 2003, p.47).

Berger e Luckmann explanam como o encontro é um momento vivido como apreensão mútua entre eu e outro em que os “aqui e agora” de ambos colidem numa situação face a face.

Da relação entre sujeitos emergem as estruturas sociais tornando-se um elemento da realidade.

A estrutura social é a soma dessas tipificações e dos padrões recorrentes de interação estabelecidos por meio delas. Assim sendo, a estrutura social é um elemento essencial da realidade da vida cotidiana (BERGER & LUCKMANN, 2003, p. 52).

A estrutura social se apresenta como elemento essencial da realidade, uma vez que é resultante dos padrões de interação entre sujeitos que a compõem.

O processo de transformação visto como desenvolvimento, na concepção dos autores pode ser visto como orientado biológica e socialmente.

[...] o processo de tornar-se homem efetua-se na correlação com o ambiente. Esta afirmativa adquire significação se refletirmos no fato de que este ambiente é ao mesmo tempo um ambiente natural e humano. Isto é, o ser humano em desenvolvimento não somente se correlaciona com o ambiente natural particular, mas também com uma ordem cultural e social e específica, que é mediatizada para ele pelos outros significativos que o tem a seu cargo. Não apenas a sobrevivência da criança humana depende de certos dispositivos sociais, mas a direção de seu desenvolvimento orgânico é socialmente determinada. Desde o momento do nascimento, o desenvolvimento orgânico do homem, e na verdade uma grande parte de seu ser biológico enquanto tal, está submetido a uma contínua interferência socialmente determinada (BERGER & LUCKMANN, 2003, p. 71).

Tornar-se sujeito se dá por meio da interação entre eu e mundo, este mundo se apresenta como fruto de uma ordem cultural, produto da ação humana, e como ambiente natural. Em vista das considerações de Berger e Luckmann compreendo o processo de humanização guiado por formações socioculturais em que o sujeito é capaz de produzir a si mesmo. Tal processo reitera a noção de autoconstrução do sujeito que se apresenta ativo no mundo.

3.7 A noção de Multiplicação Dialógica.

Inicialmente a noção de multiplicação dialógica foi desenvolvida para compreender a caça de porcos selvagens realizada por caçadores Yudjás, caçada descrita na etnografia de Tania Stolze Lima (1996), e em seguida generalizada para a investigação das relações intersubjetivas.

Como ferramenta que propicia a possibilidade de averiguar se articulações conceituais são construtivas na compreensão das relações eu-outro e eu-mundo a ferramenta também pode expandir sua aplicação para outros processos sociais. Assim como exposto por Guimarães (2010), a aplicação da noção em pesquisas psicológicas envolve o relacionamento de diferentes perspectivas entre grupos sociais e seus respectivos objetos simbólicos/culturais sob as mais diversas circunstâncias, a expansão da aplicação também pode-se voltar para a investigação dos discursos e ações antagônicos na mesma pessoa (Guimarães, 2013).

Relacionando as noções de perspectiva e dialogismo a multiplicação dialógica propicia colocar diferentes perspectivas e seus discursos sob um campo de indiferenciação e pré-subjetivo, de forma que neste campo as diferentes perspectivas ainda não se encontram formadas, mas sim como experiência. Fazer uso desta noção significa colocar o pesquisador em um campo nebuloso, campo indiferenciado que permite a geração de novas perspectivas.

O acesso a este campo nebuloso de indiferenciação é de fundamental importância para este trabalho, uma vez que, colocando em diálogo diferentes perspectivas, Construtivismo Semiótico-Cultural e Esquizoanálise, o campo nebuloso em que não se está em nenhuma das duas perspectivas, no caso desta pesquisa, mas que pode gerar mais de duas, coincide com as noções de empirismo radical de William James e de plano de imanência referente à Esquizoanálise. Essas noções estão no cerne dos referidos campos de conhecimento. Assim, faço uso da metáfora do rio que percorre margens, cada qual como um campo de conhecimento, e propicia ao pesquisador estar num campo nebuloso o qual Latour (2008) se pergunta se é o que James denomina por experiência pura.

Dadas estas considerações parto agora para a outra margem do rio, a Esquizoanálise, abordando sobre suas raízes e algumas noções selecionadas para o presente estudo.

4 Segunda margem do rio: Esquizoanálise

Após discorrer sobre as características do Construtivismo Semiótico Cultural que considero essenciais para a execução deste trabalho, para a busca de aproximações no intuito de realizar um diálogo entre Construtivismo Semiótico-Cultural e Esquizoanálise, agora observo a outra margem do rio e parto para a caracterização da linha de pensamento desenvolvida por Deleuze e Guattari.

No período em que esta pesquisa era apenas um conjunto de ideias a serem elaboradas, enquanto retomava os estudos sobre o campo esquizoanalista encontrei no prefácio da edição italiana de Mil Platôs volume 1, que também consta na edição brasileira, a passagem em que Deleuze e Guattari afirmam que o projeto de Mil Platôs é um projeto construtivista, ainda que o termo construtivista esteja entre aspas a passagem consta como uma afirmação. Tal passagem impulsionou a pesquisa para que eu pudesse ter uma compreensão a respeito do campo construtivista e possíveis semelhanças entre as abordagens. Minha compreensão de construtivismo a partir da leitura de Becker (1992) como um processo de constante construção da subjetividade por meio da relação desta com o ambiente, e também a partir do trabalho de Cornejo (2001) onde este autor traz aspectos de um construtivismo cognitivo, no qual um sujeito ativo na realidade, construtor de desejos e intenções, e do construtivismo radical, com um organismo autoprodutor, autopoiese; fez com que observasse estas características no campo esquizoanalítico.

A noção de corpo apresentada pelo antropólogo Viveiros de Castro, cujo material é utilizado nos trabalhos de Guimarães (2010, 2012) em que o psicólogo dialoga com o perspectivismo ameríndio e faz uso da ferramenta Construtivismo Semiótico-Cultural como seu instrumento de pesquisa, me trouxe esclarecimentos a respeito da criação do sujeito como aquele a quem se atribui um ponto de vista e a partir deste ponto de vista cria-se um objeto, desta forma tem-se uma concepção de sujeito contrária à ideia de um sujeito apriorístico.

Todo o ser a que se atribui um ponto e vista será então sujeito, espírito; ou melhor, ali onde estiver o ponto de vista, também estará a posição do sujeito. Enquanto nossa cosmologia construcionista pode ser resumida na fórmula sausseriana: o ponto de vista cria o objeto – o sujeito sendo a condição originária fixa de onde emana o ponto de vista -, o perspectivismo ameríndio procede segundo o princípio do

ponto de vista cria o sujeito; será sujeito quem se encontrar ativado ou agenciado pelo ponto de vista (VIVEIROS DE CASTRO, 2002/2006).

Na passagem do antropólogo Viveiros de Castro pode-se compreender que o ponto de vista é o responsável pela criação do sujeito, de forma que este possui como característica ser um sujeito agenciado. Tal concepção de sujeito apresenta-se como elaboração do antropólogo a partir das considerações de Deleuze, como citado por Guimarães (2012). Esta concepção se apresenta como um ponto de aproximação entre as duas abordagens teóricas, Construtivismo Semiótico-Cultural e Esquizoanálise, uma vez que o filósofo Gilles Deleuze é um dos criadores do campo esquizoanalítico, sobre isto, tratarei mais à frente.

Na perspectiva trazida por Berger e Luckmann, compreendo que eles tratam da objetivação do outro, o estabelecimento deste na realidade como entidade ativa no mundo, a partir do que ele deixa acessível para o eu, como aquilo que ele, o outro, é; ao contrário do sujeito agenciado de Viveiros de Castro. Pela compreensão adquirida o sujeito de Berger e Luckmann é um sujeito preexistente que já sabe o que é, ainda que não tenha acesso a todo o seu ser e mantém uma parte, uma face, de si exposta a apreensão de um outro, e desta apreensão que não é total ambos se reconstroem; já o sujeito de Viveiros de Castro o entendo como um sujeito construído a partir da relação, que emerge a partir de um ponto de vista. Outra compreensão advinda da leitura de Berger e Luckmann é o fato de que para aos autores o sujeito emerge do contexto social, e seu trabalho é mais voltado para a questão da apreensão da subjetividade do que de sua natureza.

Situações como as descritas acima, estabelecimento de um eu e de um outro são esperadas neste trabalho, construção do outro a partir do que este deixa exposto e/ou partir dos traços culturais que o constitui; no caso deste trabalho encontrei divergência no que tange a definição do que seja subjetividade. Segundo minha compreensão observo a subjetividade no contexto construtivista ligada ao conceito de *self*, atrelada ao psiquismo, de forma que este psiquismo se encontra embasado na ideia de um eu possuidor de elementos da realidade; já no contexto esquizoanalista observo a subjetividade ligada a ideia de agenciamento, composta por fluxos de várias naturezas distintas, materiais, imateriais, humanos, não humanos e imanente à realidade. Dadas essas características parto agora para a Esquizoanálise em si começando com sua história.

Gilles Deleuze (1925–1995) e Felix Guattari (1930–1992), se aproximaram devido aos acontecimentos do Maio de 68 e partir daí desenvolveram uma relação de amizade e escreveram alguns livros em conjunto, entre eles *O Anti – Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia* e *Mil Platôs* também de mesmo subtítulo. O analista francês Felix Guattari trabalhou desde a década de 50 na Clínica de La Borde, situada na França, onde desenvolveu seu trabalho de Psicoterapia Institucional. Sua militância em movimentos de extrema-esquerda desde os dezesseis anos lhe propiciaram a experiência para implantar várias instâncias coletivas (em La Borde e nos movimentos de esquerda, como descrito acima e abaixo), como assembleias gerais e ateliês, o trabalho realizado na clínica mobilizava além dos “doentes” todo o corpo de funcionários. Como analista passou a questionar preceitos psicanalíticos e partir disto desenvolve uma abordagem construtivista do inconsciente, buscando agenciamentos e retratando o inconsciente como uma fábrica produtora de realidade, ao invés de um teatro que apenas representa esta mesma realidade. Os conceitos de Guattari sobre arte e análise foram retomados por Michel Foucault na luta contra dogmatismos (Guattari, 1992).

O filósofo Gilles Deleuze também nascido na França, figura entre os filósofos mais importantes do século XX, pós-estruturalista influenciado sobretudo pelas ideias de Bergson, Nietzsche e Espinoza, concebia a Filosofia como produção de conceitos, em sua vasta produção abordou vários temas além da Filosofia, como a arte, o cinema e a literatura. Em seus trabalhos busca as potencialidades do homem e faz uma crítica árdua ao Complexo de Édipo. Nos anos 60 construiu uma grande amizade com o também filósofo Michel Foucault, desta amizade não resultaram trabalhos em conjunto como no caso de Guattari, porém os pensadores fazem referência um ao outro em suas obras (Orlandi in Deleuze & Guattari, 2010).

Deleuze e Guattari além de outros temas tratados, abordaram a subjetividade como centro de questões políticas. De acordo com minha compreensão a respeito das ideias desses pensadores, suas proposições não são postas como verdades absolutas, mas como outra maneira de pensar, outra forma de existir, uma vez que os próprios autores elaboram uma teorização que vai contra a implantação de saberes hierarquizantes. A linha de pensamento desenvolvida pelos pensadores franceses possui como uma de suas características a conexão de vários saberes que não se sobrepõem, rizoma diferente da árvore como será visto mais à frente.

A metamodelização esquizoanalítica não pretende substituir as modelizações existentes, quer sejam psicanalíticas, sistêmicas, religiosas, políticas, neuróticas etc., das quais ela procura propor uma leitura “integral”. Ela só pede uma coisa: qualquer que seja a pragmática considerada, como vocês abordariam a questão da enunciação? (GUATTARI, 2012, p. 76)

Nesta concepção de pensamento os campos de conhecimento não se excluem, ou este ou aquele, mas faz uso da conjunção e, é este e aquele, e aquele outro. Para entrar na questão da enunciação detalhadamente é preciso também tratar da questão dos ritornelos, o que faria com que o trabalho desse uma volta fora do eixo principal da pesquisa, neste trabalho o que faço é uma seleção de características que considero pertinentes à pesquisa e não uma descrição detalhada do campo esquizoanalítico.

O trabalho dos pensadores apresenta-se como debate em relação a vários campos, Palombini (2009) traz a relação da obra de Deleuze e Guattari com a obra de Lacan.

Lacan forja as ferramentas conceituais com que a clínica lacaniana pode ultrapassar a normopatia da ordem fálica (Poli, 2005). O Édipo, então, do qual se serve o neurótico – ponto central da crítica de Deleuze e Guattari – é definido como um modo, entre outros, de amarração dos três registros do real, imaginário e simbólico. Abre-se, assim, a possibilidade de que outros modos de amarração criem respostas possíveis à existência, fora da norma fálica – outros modos como o delírio, mas também a criação artística, a produção de teoria, alguma forma própria de se fazer um nome com o qual se apresentar ao mundo e conduzir—e na vida, o que vai mostrar-se fundamental em especial na clínica da psicose (PALOMBINI, 2009, p. 40).

Nesta passagem verifica-se a relação entre a obra de Deleuze e Guattari e outro pensador francês, Lacan, por meio da crítica dos primeiros em relação ao segundo comentada por outro autor, Palombini (2009). Porém este trabalho visa realizar uma articulação entre o pensamento de Deleuze e Guattari e Construtivismo Semiótico-Cultural, deixando a Psicanálise de lado e usando esta passagem apenas como exemplo de uma articulação possível efetuada pela Esquizoanálise. A autora também especifica influências da obra de Lacan na obra de Guattari através do uso dos termos sujeito, significante, fantasma de grupo, estrutura, e a criação da noção de transversalidade em contraposição a transferência no contexto de análise institucional. No mesmo trabalho Palombini procura clarear como na obra Diferença e Repetição, Deleuze estabelece diálogo com as obras de Freud e Lacan onde debate a ideia de prazer como princípio e a noção de pulsão de morte.

Deleuze e Guattari trouxeram uma proposta de pensamento que faz uso de vários nomes que se adequam de acordo com o contexto. Por exemplo Novo Paradigma Estético como via de acesso ao foco gerador de realidade acessando entidades que se apresentam no campo do possível, modalidades de alteridade que não se enquadram em modelos que pregam a universalidade, e Nomadopraxis porém o nome Esquizoanálise foi o que ficou mais marcado, acredito que seja pelo fato de a proposta dos autores trabalhar com os fluxos esquizo produtores de realidade.

Outra nomenclatura utilizada para nomear a proposta de pensamento de Deleuze e Guattari é: Filosofia da Diferença. Mas que Filosofia da Diferença seria esta?

4.1 Filosofia da Diferença

A filosofia proposta pelos pensadores franceses é apresentada de uma maneira inovadora, de forma que, nesta filosofia as formas de pensar, os conceitos, os saberes, são colocados de forma não hierárquica, de maneira horizontal. Desta forma, sua filosofia implica que, não há sobreposição de saberes, um não assume importância maior do que outro, no entanto, cada saber possui suas funções e suas possibilidades.

De acordo com meu entendimento, para Deleuze e Guattari, a filosofia ultrapassa o aspecto contemplativo, assim como também o reflexivo, pois se ater à contemplação e à reflexão implica pensar a coisa por ela mesma e assim não se alcança a criação de novos conceitos. Sua forma de filosofar também não é apenas a comunicativa do instituído, uma vez que não se atem ao universal ao consenso, ao facilmente comunicável. Para os autores a filosofia age por singularidades, criando conceitos que explicam o que os universais não são capazes de explicar.

A filosofia da diferença de Deleuze e Guattari derivada principalmente das ideias de Nietzsche, Bergson, Espinoza e Hume, apresenta-se como uma leitura criativa das ideias destes pensadores, e tem como característica o fato de ser empírica e conceber o mundo como imanente, ou seja há apenas um mundo onde as ideias são imanentes às coisas e empírica pois apoia-se nas experiências desta realidade material, desta

forma pode-se ultrapassar a dimensão do visível sem que se retorne à ideia de transcendência das ideias.

Agora, do que trata a diferença? A diferença de que trata esta linha de pensamento caracteriza-se como uma maneira de pensar as relações, os valores, a sociedade, a vida. Um exercício do pensamento caracterizado pela interdisciplinaridade onde os saberes não são hierarquizados, este exercício leva ao entendimento dos sujeitos e das sociedades como construções a partir dos lineamentos, da bagagem cultural, afetiva, econômica-social, dos discursos que os constituem. Não é uma diferença que se restringe ao que é excluído de um modelo dominante.

A filosofia da diferença compreende os elementos que constituem a realidade não como partes que podem ser tomadas isoladamente, mas como uma rede de elementos que se relacionam, que estão em um campo de forças gerando novos elementos e reformulando os constituintes da rede.

Esta forma de pensar compreende que tanto homem quanto a realidade não são considerados como entidades distintas, mas como inter-relacionados, que estão constantemente em autoprodução, produzindo saberes e sentidos. Esta filosofia manifesta seu interesse pela diversidade ao invés de conceitos universais, se interessa pelas singularidades, pelas particularidades, pelas pequenas nuances pelo que caracteriza a vida como multiplicidades, ao invés das semelhanças, do mais geral, das constâncias.

Outra característica importante desta forma de pensamento é a desconstrução do instituído, desconstrução esta que, esmiúça as estruturas, os discursos, na busca por um ponto de intensidade zero, um plano de consistência sem estruturas formadas de onde pode-se gerar o novo. Esta forma de pensar conecta vários saberes, vários lineamentos, vários discursos, sem hierarquiza-los, de uma forma transdisciplinar, pois o conhecimento produzido não se enquadra em disciplinas pré-estabelecidas, a novidade produzida se inicia pela diferença e leva ao pensamento, pensamento como criação de conceitos não como representação.

Nesta forma de pensamento compreende-se que, o que há são pontos de vista, perspectivas, relações de forças, destas relações derivam formas de viver, de estar presente no mundo, particularidades, diferentes maneiras de pensar. Uma vez que se leva em consideração diferentes formas de pensar seriam criados valores iguais a todas nesta perspectiva filosófica? Não. O pensamento como representação, que leva

ao modelo de transcendência, ou as formas de pensamento que levam um determinado grupo a subjugar outro, são vistos de forma negativa.

A filosofia da Diferença de Deleuze e Guattari busca desconstruir o instituído, descobrir as contradições, os paradoxos. É uma forma de pensar que compreende a realidade numa constante transformação e que esta é resultado da constante criação de conceitos e sentidos de maneira que sempre é possível criar algo novo a partir dos lineamentos constituintes desta realidade.

Deleuze e Guattari (2010) propuseram uma forma de pensamento que se caracteriza como uma rede, como passagens de vários fluxos, sem começo, centro ou fim, ainda que se possa organizar a obra dos pensadores franceses de forma cronológica de modo que se teria um início e um final; nesta rede pode-se entrar por qualquer lugar, fazer as mais variadas conexões e experiências, estas são características do rizoma. Este como um labirinto, como sistema de passagens, sistemas em que eventos aleatórios que não são nem necessários nem impossíveis ocorrem, são vários fatores inter-relacionados.

Esta proposta de pensamento se opõe a todos os tipos de autoritarismos e estruturas hierarquizantes, luta contra toda e qualquer forma de exploração das pessoas e estruturas hegemônicas e dá voz aos fluxos minoritários. Se caracteriza como uma transdisciplina, pois atravessa e pode ser utilizada em diversos níveis de realidade, pode ser uma filosofia de vida, uma aplicação às artes plásticas, à saúde, à literatura e assim por diante.

A proposta dos pensadores franceses trata da potência criativa, das intensidades, busca a criação do novo, a criação de formas singulares. Busca os fluxos desterritorializados, fluxos gerados no plano de consistência livre de delimitações que possibilitam a produção de realidade.

A Esquizoanálise (Deleuze & Guattari, 2010) tem como uma de suas tarefas a crítica ao atual modo de se viver, estratificado pelos fluxos capitalistas, outra tarefa é a produção de dispositivos para novas maneiras de existir, é uma proposta de invenção de realidade.

É uma forma de pensar que critica os reducionismos da subjetividade, como por exemplo a redução a masculino e feminino, conceitua a realidade de forma que esta pode ser maquinada, produzida, inventada, assim, contrária aos conceitos *a priori*, por exemplo a ideia de uma cultura já dada, já estabelecida, onde a subjetividade se insere.

Deleuze e Guattari (2010) propõem a realidade como imanente, material, onde tudo está, é produtiva, é produção desejante; produção de produção onde se cria, produção de reprodução onde se copia, produção de antiprodução onde se bloqueiam as possibilidades de criação e produção de consumo, em que se desfruta do produzido. São contrários à lógica transcendente do pensamento por representação, porque esta forma de pensar se caracteriza como reprodução de uma ideia, a qual não se alcança apenas se copia, não cria novidade. Propõem o pensamento não por um modelo ideal, mas a busca de todos os tipos de fluxos com que ele se conecta, sejam eles linguísticos, biológicos, sociais, históricos, não humanos, etc.

Importante salientar que, mesmo que os apontamentos dos pensadores franceses se caracterizem como oposição a modelos vigentes, por exemplo campos de saberes como a psicanálise, o pensamento dos autores não se dá por oposição, mas por imanência, desta forma, todas as concepções que se caracterizam como oposição ao pensamento dos autores, também são consideradas por eles como imanentes na realidade. Esta proposta de pensamento imanente é que concebe a realidade composta por fluxos desejantes, por linhas, onde tudo coexiste. É pensar por agenciamentos, agrupamentos, união; agenciamentos coletivos, agrupamento de vários, vários fluxos de diferentes naturezas.

4.2 Rizoma: uma noção esquizoanalítica

A noção de rizoma é utilizada para dar conta da articulação de diversos conteúdos, corpos e conceitos, desta articulação emerge a novidade em todos os campos. Como uma forma de expressar as multiplicidades sem uni-las a uma unidade.

O rizoma tem como característica os princípios de conexão e heterogeneidade, o que quer dizer que ao contrário da lógica binária, de onde se parte de um ponto e a partir daí se procede por dicotomia onde um devém dois, dois que devém quatro e assim sucessivamente, em um rizoma qualquer ponto está ligado a outro, pois de acordo com esta concepção de pensamento, a lógica binária não compreende a multiplicidade. De acordo com os pensadores multiplicidade é compreendida da seguinte forma:

Uma multiplicidade não tem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem então com a multiplicidade).(DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 23).

Em um rizoma aquilo que seria um eixo principal se encontra atrofiado, ou morto, ou como uma possibilidade por vir. Visto como entrelaçamento, como rede, em que cada linha se refere a eixos heterogêneos, ele conecta e não para de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, sistemas biológicos, regimes políticos, regimes de signos, etc, somente existem as linhas e não pontos ou posições fundantes.

Esta noção abarca a multiplicidade e suas conexões com os diversos modos de existir que levam à transformação de sua natureza pelo processo de territorialização e desterritorialização. Na concepção esquizoanalítica a produção de realidade é o processo em que o desejo se relaciona como princípio imanente e não para de efetuar acoplamentos, por exemplo um escritor não deseja apenas escrever um livro, ele deseja os leitores, lugares para expor seu livro, debates sobre sua obra, deseja transmitir ideias; desta forma o desejo cria territórios, pois cria conexões, agenciamentos. Nesta percepção desejo e objeto são vistos como a mesma coisa, de modo que o desejo produz e percorre o campo social. O território caracterizado como agenciamento mostra-se como conceito muito amplo, uma vez que tudo pode ser agenciado. A desterritorialização é o movimento de saída do território propiciado por novos atravessamentos, quebra do território pela linha de fuga. Territorialização e desterritorialização são simultâneos, uma vez que a partir do momento em que se cria um território se desterritorializa outro e quando se desterritorializa um território outro é criado. Os afetos se expressam pelos territórios, que são transitórios, o contato com outros lineamentos gera novos afetos que desfazem o território anterior e propiciam o surgimento de um novo território.

A noção de rizoma apresenta-se como construção pré-subjetiva, intensiva, que não considera apenas o homem como origem de fatos e conceitos, construindo assim seu sentido histórico. Uma origem não começa em um ponto gerador, fundante, gen, não surge de um ponto A e segue um eixo estrutural, a multiplicidade já se encontra atravessada por vários lineamentos. É uma noção que apresenta-se como genealógica no sentido que considera a genealogia como a articulação do homem com a história, desta articulação emergem sentidos que se dão através das diferentes interpretações que ocorrem no decorrer da história sobre determinado

fato/fenômeno/coisa, é uma genealogia que traz para o foco as diferentes interpretações. É uma genealogia que busca trazer à tona o jogo de forças que constituíram saberes, conceitos e valores. Valores, conceitos e saberes que influenciam a concepção que se tem da realidade.

Deleuze desenvolve um tipo particular de vitalismo através de uma reinterpretação criativa de Spinoza, Nietzsche e Bergson, como uma alternativa não mediacional de pensamento que reconhece nossa história concreta e condições materiais (Baerveldt, 2013). Quando um rizoma se rompe por meio das linhas de fuga, linhas que desterritorializam a multiplicidade e que também fazem parte do próprio rizoma movimentando os afetos, dirigem-se umas às outras surgindo daí novos territórios, novas conexões ou mesmo o ressurgimento de afetos e territórios anteriores. Rizoma é o “modelo” e realização dos princípios característicos das multiplicidades.

Para esta noção, parte-se da ideia de desconstrução do eu psicológico, de forma que este é imanente à realidade, o eu psicológico formado na sociedade capitalista se apresenta como uma unidade que poderia ser analisada à parte da realidade, ao dissolve-la buscam-se as multiplicidades de afetos que se encontram em um mesmo plano na formação da realidade. As multiplicidades partiriam em busca de novas conexões para assim ocorrer o processo de transformação. Deleuze (1997) por meio das possibilidades trazidas pela literatura esclarece:

Em geral, os fantasmas só tratam o indefinido como a máscara de um pronome pessoal ou de um possessivo: “bate-se numa criança” se transforma rapidamente em “meu pai me bateu”. Mas, a literatura segue a via inversa e só se instala descobrindo sobre as aparentes pessoas a potência de um impessoal, que de modo algum é uma generalidade, mas uma singularidade no mais alto grau: um homem, uma mulher, um animal, um ventre, uma criança...As duas primeiras pessoas do singular não servem de condição à enunciação literária; a literatura só começa quando uma terceira pessoa nos destitui do poder de dizer Eu (o neutro de Blanchot). Por certo, os personagens literários estão perfeitamente individuados e não são imprecisos nem gerais; mas todos os seus traços individuais os elevam a uma visão que os arrasta num indefinido como um devir potente demais para ele. Ahab e a visão de Moby Dick. De modo algum o avarento é um tipo, mas, ao contrário, seus traços individuais (amar uma rapariga, etc) fazem-no chegar a uma visão, ele vê o ouro, de tal maneira que se põe a fugir sobre uma de feitiçaria na qual ganha a potência de indefinido – um avarento..., um tanto de ouro, mais ouro... Tanto na literatura como na vida há sempre o desafio de desmanchar o eu em direção à multiplicidades de afetos e sensações. Não há literatura sem

fabulação, mas, como Bergson soube vê-lo, a fabulação, a função fabular não consiste em imaginar nem projetar um eu. Ela atinge sobretudo essas visões, eleva-se até esses devires ou potências (DELEUZE, 1997, p. 13).

Na passagem Deleuze aponta como na literatura assim como na vida cotidiana a dissolução do eu se apresenta como um desafio para se chegar aos afetos. Seguindo o pensamento do próprio Deleuze sobre a definição de rizoma, o lugar de criação onde não há conceitos *a priori*:

O que Guattari e eu chamamos de rizoma é precisamente um sistema aberto. Volto à questão: o que é filosofia? Porque a resposta a esta questão deveria ser muito simples. Todo mundo sabe que a filosofia se ocupa de conceitos. Um sistema é um conjunto de conceitos. Um sistema aberto é quando os conceitos estão relacionados a circunstâncias não mais a essências. Mas por um lado os conceitos não são dados prontos, eles não preexistem: é preciso inventar, criar os conceitos, e há aí tanta invenção e criação quanto na arte ou na ciência. (DELEUZE, 1980, p.5).

Observa-se como o rizoma se apresenta como um sistema composto de conceitos, estes conceitos estão ligados às particularidades e seu relacionamento não para de criar novos conceitos, o processo de criação é tão presente na arte quanto na ciência. Assim temos a Esquizoanálise com a proposta de desfazer os egos e seus pressupostos (Deleuze e Guattari, 2010), compreendo que a noção de *self* está aí inclusa, e libertação das singularidades pré-pessoais.

Onde a psicanálise diz: Pare, reencontre seu eu, seria preciso dizer: vamos mais longe, não encontramos ainda nosso CsO, não desfizemos ainda nosso eu. Substituir a anamnese pelo esquecimento, a interpretação pela experimentação (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p. 10).

Seguindo sua proposta de dissolução do eu Deleuze e Guattari criticam a psicanálise, e sua construção do eu, construção esta que em algumas de suas vertentes está embasada no *self*. A Esquizoanálise é um campo de conhecimento que apresenta a proposta de uma subjetividade que não remete a um eu, mas uma subjetividade múltipla composta e em relação com fluxos de diversas naturezas.

4.3 Subjetividade como multiplicidade

Os autores concebem uma forma de pensamento na qual não faz sentido as ideias de interioridade e exterioridade, inclusive na questão da subjetividade. De que forma? Esta proposta de pensamento se refere a uma subjetividade heterogênea composta por fluxos pré-pessoais, históricos, sociais, biológicos, econômicos, culturais, linguísticos, não-linguísticos, humanos, não humanos, pelo psiquismo etc. Esta subjetividade não se reduz ao sujeito, à consciência ou a qualquer forma de redução capitalista.

A ideia de uma subjetividade ligada a concepção de interioridade surge a partir da apreensão da subjetividade pelas estruturas molares, estruturas em que as significações já estão estabelecidas, assim como as dualidades e realidades dominantes, por exemplo nacionalidade, rico, pobre, homem, mulher, etc., de forma que estas a delineiam e mantêm apenas as características ligadas ao psiquismo.

Na concepção esquizoanalítica tem-se a subjetividade composta por lineamentos, por linhas duras ou molares que a delineiam, classificam a parte sujeito da subjetividade, funcionam por lógica binária, identificam o sujeito, por exemplo nome, ocupação, gênero. Coexistindo com estas linhas molares, pensamento como imanência, estão as linhas moles ou moleculares criadoras de campos de indeterminação que afetam a subjetividade, esta é afetada por outros fluxos que não os seus, por outros agenciamentos. Juntamente com estas linhas temos as linhas de fuga, linhas que geram o novo a partir dos agenciamentos formados pelas linhas moleculares.

Um dos questionamentos que surgiram durante a pesquisa foi o tratamento dado a obra e aos pensadores Deleuze e Guattari, uma vez que o trabalho dos autores visa chegar ao ponto onde não se precise mais falar que haja um eu e que uma obra não se refira mais a um autor, mas sim buscar os agenciamentos que a constituem. Desta forma, vemos uma clara divergência com o Construtivismo Semiótico–Cultural, já que este se assenta na ideia de sujeito, um sujeito ativo na realidade e constituído na noção de *self*.

Escrevemos O anti – Édipo a dois. Como cada um de nós era vários, já era muita gente. Utilizamos tudo o que nos aproximava, o mais próximo e o mais distante. Distribuímos hábeis pseudônimos para

dissimular. Por que preservamos nossos nomes? Por hábito, exclusivamente por hábito. Para passarmos despercebidos. Para tornar imperceptível, não a nós mesmos, mas o que nos faz agir, experimentar ou pensar. E, finalmente, porque é agradável falar como todo mundo e dizer o sol nasce, quando todo mundo sabe que essa é apenas uma maneira de falar. Não chegar ao ponto em que não se diz mais Eu, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer Eu. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados.

Um livro não tem objeto nem sujeito; é feito de matérias diferentemente formadas, de datas e velocidades muito diferentes. Desde que se atribui um livro a um sujeito, negligencia-se este trabalho das matérias e a exterioridade de suas correlações. Fabrica-se um bom Deus para movimentos geológicos. Num livro, como em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação. As velocidades comparadas de escoamento, conforme estas linhas, acarretam fenômenos de retardamento relativo, de viscosidade ou, ao contrário, de precipitação e ruptura. Tudo isto, as linhas e as velocidades mensuráveis, constitui um agenciamento. Um livro é um agenciamento e, como tal, inatribuível" (DELEUZE & GUATTARI, 2011, p.17-18).

Os pensadores franceses explanam como sua forma de pensar visa chegar a um ponto em que dizer eu já não seria necessário, e o porquê de não estarem seguindo o anonimato em sua publicação. Desta forma, as proposições dos autores além de se diferenciar na questão da dissolução do sujeito, também se diferenciam quanto aos objetos, sendo estes agenciamentos compostos por lineamentos de várias naturezas. Esta proposta se apresenta como contraposição às abordagens de pensamento centradas na ideia de eu, ego e *self*.

Nas obras de Guattari, como *O Inconsciente Maquínico* (1988) e *Caosmose* (1992/2012), encontram-se maiores considerações a respeito de autores que também são estudados pelo Construtivismo Semiótico–Cultural como Bakhtin, e considerações a respeito de Maturana e Varela. Sobre estes últimos autores Guattari (1992/2012) faz apontamentos sobre o conceito de autopoiese e sua utilização pelo método cartográfico no processo de produção da subjetividade.

O importante neste caso não é o resultado final mas o fato de o método cartográfico multicomponencial coexistir com o processo de subjetivação e de ser assim tornada possível uma reapropriação, uma autopoiese, dos meios de produção da subjetividade (GUATTARI, 2012, p.23)

Baerveldt (2013) traz suas considerações a respeito do pensamento de Maturana, de forma que, segundo ele, Maturana diferencia estrutura de organização. Por estrutura define a relação entre os elementos que compõem a unidade, a estrutura do sistema determina o lugar (espaço onde a existência pode ser perturbada), e por organização ele define a relação entre os componentes que determinam a identidade ou integridade do sistema. Também mostra a definição de Maturana sobre sistemas vivos, dinâmicos, como aqueles que produzem e mantêm sua organização, além de manter as mudanças estruturais dentro de limites operacionais que sustentam a identidade, utiliza o termo *autopoiese* como autoprodução e regulação do sistema. Estes apontamentos vão de encontro à compreensão obtida a respeito do pensamento de Maturana trazido no trabalho de Cornejo (2001), porém Baerveldt é mais simpático às ideias de Maturana do que Cornejo.

Dada a particularidade da obra dos pensadores franceses em não trabalhar com a ideia de um eu sujeito, embasado na noção de *self*, seguindo a proposta de pensamento chega-se ao ponto em que não seria necessária a ideia de um eu autor de uma obra, fato possibilitado pela ideia de um eu sujeito psicológico, uma vez que, autor e obra se apresentam como agenciamentos compostos por fluxos de variadas naturezas.

A dificuldade em tratar dos autores franceses e suas obras nos foi esclarecida por Didier Eribon no prefácio à biografia de Foucault (1990), que encontramos citada no trabalho de Guirado (2009):

Pode parecer paradoxal escrever uma biografia de Michel Foucault. Não recusou ele várias vezes a noção de autor, afastando por conseguinte a possibilidade de um estudo biográfico? Quando comecei a escrever este livro diversas pessoas, amigos, íntimos de Foucault me fizeram tal observação. Mas, apesar de sua aparente pertinência, a meu ver essa objeção se desfaz por si mesma. Foucault questionou a noção de autor? Sim. O que isto significa? Ele mostrou que em nossas sociedades a circulação de discursos devia se submeter às formas restritivas das noções de autor, obra e comentário. Entretanto, ele mesmo não podia se abstrair da sociedade em que viva: como todo mundo, estava sujeito a essas “funções” que descreveu. Portanto, assinou livros, relacionou-os uns com os outros através de um conjunto de prefácios, artigos, palestras que se empenhavam em reconstituir a coerência ou a dinâmica de sua pesquisa, de uma etapa a outra; aceitou o jogo do comentário, participando de colóquios dedicados ao seu trabalho, respondendo objeções, críticas, leituras errôneas ou corretas. Em suma, Michel

Foucault é um autor que, criou uma obra sujeita a comentário (ERIBON, 1990, p. 11).

Na passagem Eribon (1990) ilustra como se dá a circulação de discursos em nossa sociedade e que, no caso do pensamento de Foucault ainda que este fosse contrário a tal modelo, mesmo assim se encontra nesta lógica. Acredito que tal pensamento também se aplica aos pensadores Deleuze e Guattari, que além de contemporâneos e conterrâneos, seguiam uma linha de pensamento muito próxima.

4.4 Raízes histórico-filosóficas da Esquizoanálise: Leibniz, Hume e Bergson

Neste ponto da pesquisa faz-se importante realizar uma explanação a respeito de algumas raízes histórico-filosóficas da Esquizoanálise. Observo esta importância devido ao fato de alguns autores serem comuns às duas margens do rio que se percorre nesta pesquisa. Tomei como hipótese que a partir desta base comum um diálogo pode ser realizado. Esta explanação não pretende ser exaustiva, uma vez que discutir cada pensador gera material para ser discutido por praticamente uma vida inteira.

Estas bases foram encontradas durante as leituras das obras de cada campo e aparecem como referências ou mesmo sob a forma de trabalhos realizados sobre elas pelos autores dos referidos campos, por exemplo o livro *Bergsonismo* (1999) de Deleuze sobre Bergson. Foram identificados pelo menos três filósofos importantes que estavam nas raízes da esquizoanálise e do construtivismo semiótico-cultural, que selecionei para o presente estudo: Leibniz, Hume e Bergson¹. Estes autores foram escolhidos por serem recorrentes referências nos textos consultados na execução do projeto. Uma vez encontrados estes autores comuns pesquisei obras nas quais se encontram conceitos chave de seus argumentos e obras mais recentes das áreas investigadas, que trataram de se debruçar sobre os filósofos comuns a Construtivismo Semiótico-Cultural e Esquizoanálise. Feita a leitura deste material procurei sua

¹ Durante a leitura dos filósofos precursores do Construtivismo Semiótico-Cultural e da Esquizoanálise, busquei me apropriar tanto de textos originais dos filósofos quanto me apropriei da leitura feita por Deleuze, que serviu como auxílio para o entendimento de cada uma das obras. A compreensão que explico aqui, portanto, é mediada pelas interpretações esquizoanalíticas.

influência em cada campo, na maioria dos casos enquanto realizava a leitura já era possível identificar características relativas a um ou a ambos os campos. Para iniciar uma explanação começo com a influência de Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716).

4.4.1 Influência de Leibniz

Um pensador que exerce influências nos campos de conhecimento pesquisados é Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716). Pensador alemão que frequentou a universidade de Leipzig, em sua vida perseguiu a ideia tratada em sua dissertação, de reduzir o pensamento a uma combinação de caracteres básicos de uma linguagem universal. Outro campo em que se destacou foi a matemática tendo desenvolvido o cálculo infinitesimal.

Pelo que compreendi de seus escritos (cf. Leibniz, 1974), a busca por elementos básicos do pensamento se reflete em seu trabalho sobre as mônadas. Estas servem como base tanto para os estudos sobre substancias simples e substancias compostas quanto para os estudos sobre unidade. Em suas proposições Leibniz trabalha com níveis hierárquicos como andares, de forma que o racional se encontra acima do não-racional. Além deste fato verifico que o pensamento de Leibniz está em oposição aos pensadores cartesianos.

A mônada é uma substancia simples, o que quer dizer sem partes, e esta substancia simples entra na constituição dos compostos. A mônada é como um átomo, não se dissolve, não perece e ao mesmo tempo não se forma por composição, ela começa por criação e termina por aniquilamento, já os compostos começam e terminam por partes.

Uma entidade externa não modifica a mônada internamente, não há movimentos internos que sejam dirigidos ou exaltado por forças externas, as mudanças das mônadas ocorrem por um princípio interno.

Há um pormenor (*detail*) do que muda, ele envolve uma multiplicidade na unidade ou no simples. Embora a substancia não possua partes, há uma pluralidade de relações e afecções nesta substancia, dada esta característica, quando ocorre a mudança algo se transforma e algo permanece.

Percepção diferencia-se de apercepção, e consciência é o estado passageiro da mudança que envolve a multiplicidade na unidade e na substancia simples.

Apetência é a ação ou o princípio interno da mudança, ela nem sempre chega à perfeição, mas sempre a alguma coisa, novas Percepções. Na substancia simples só há percepções e suas modificações.

Leibniz (1974) diferencia alma e mônada. Os termos mônada e enteléquia são utilizados para substancias simples, que possuem apenas percepção.

O termo alma é utilizado para designar tudo que possui percepções, neste caso, também poderia se incluir as mônadas, porém trata-se daquilo que além de percepção possui um tipo de memória, por exemplo, sentimentos são mais do que percepções, envolve mais do que um estado passageiro. “A memória dá às almas uma espécie de consecução que imita a razão, mas que deve distinguir-se dela” (Leibniz, 1974, p.65). Por exemplo, agir perante um estímulo da mesma forma como reagiu à uma exposição anterior, Leibniz cita o exemplo de um cachorro que geme e chora ao ver um bastão, pois recorda-se do que passou. Segundo este raciocínio o homem também age como um irracional quando suas percepções agem e se realizam apenas a partir de sua memória, o exemplo utilizado por Leibniz para ilustrar este fato são os médicos empiristas que agem apenas segundo suas experiências, e também afirma que em três quartos de nossas ações agimos como empiristas e o exemplo utilizado é o fato de se esperar o sol nascer uma vez que sempre nasceu.

A reflexão nos dá os objetos do raciocínio, e os atos de reflexão nos fazem pensar no eu (*moi*) no ser e na substancia.

O raciocínio, no entendimento de Leibniz (1974), funda-se sobre dois princípios: contradição (verdadeiro/falso) e razão suficiente (tomar um fato como verdadeiro ou existente de forma que haja razão para tal). Pelo exercício do pensamento se busca a verdade, e esta linha de pensamento se divide em dois tipos:

- Verdade de Razão: são verdades necessárias e o seu oposto é impossível;
- Verdade de Fato: são verdades designáveis e seus opostos são possíveis.

Qual a origem das mônadas?

Pelo pensamento de Leibniz (1974), Deus é o lugar ou coisa no qual o pormenor (*detail*) da modificação se encontra na origem, uma substancia onde se encontra a razão última, sendo Deus perfeito, absoluto e sem restrições ou limites nas coisas. A criaturas devem suas perfeições à Deus e suas imperfeições a sua própria natureza.

Deus é a fonte das existências e das essências, é o ser necessário e é demonstrada sua existência por meio da realidade das verdades eternas. Estas verdades eternas apesar de serem dependentes de Deus, não são subordinadas à sua vontade. Deus é a unidade primitiva, substancia simples originária a qual produz todas as mônadas por criação ou derivação de si, nele há a potência que origina tudo.

E uma criatura é mais perfeita do que outra, quando nela se encontra a razão *a priori* do que se passa na outra, e por isso se diz que ela atua sobre a outra (LEIBNIZ, 1974, p.68).

Observa-se que uma criatura em busca de perfeição deve buscar sua razão a priori, Deus, e por meio desta essência pode modificar-se e modificar aos outros. Nas criaturas paixões e ações são mútuas, uma influência a outra sob a vontade de Deus, de forma que o ativo sob um ponto de vista é passivo por outro.

As mônadas são limitadas na modificação do conhecimento do objeto, tendem ao infinito, porém os graus de percepções a fazem distinguirem-se e limitar-se.

Assim, embora cada mônada criada represente todo o universo, representa mais distintamente o corpo que lhe está particularmente afeto e do qual constitui a enteléquia; é como se esse corpo exprime todo o universo, pela conexão de toda a matéria no plano, a alma representa também todo o universo ao representar esse corpo que lhe pertence de um modo particular (LEIBNIZ, 1974, p.69).

A mônada como representante do universo representa ainda mais o corpo ao qual está ligada, como um universo particular. O corpo pertencente a uma mônada juntamente com a enteléquia constitui um *vivente*. O corpo pertencente a uma mônada juntamente com a alma constitui o animal, este corpo é orgânico. Como a mônada é um representante do universo há um representante no corpo. O corpo orgânico como consequência deste pensamento é concebido como uma máquina divina ou Autômato natural, esta máquina divina vai além da máquina artificial criada pelo homem, a primeira caracteriza-se por ser uma máquina cujas partes também são máquinas e a segunda por ser uma máquina cujas partes não são máquinas. Como exemplo de máquina divina Leibniz faz a ilustração de um jardim no qual cada ramo de uma planta é como um outro jardim.

Neste ponto observo que a máquina na concepção esquizoanalítica recebe influência do conceito de máquina divina, uma máquina cujas partes são máquinas.

Na concepção de Leibniz as formas enteléquia ou alma sempre se originam de pré-formações (Deus), isso implica que os animais, a matéria orgânica não surge e é aniquilada, mas nasce e morre.

A alma e o corpo são representações no universo e cada qual segue suas leis, porém estão em conformidade um com o outro.

Em sua obra *A dobra*, Deleuze faz uma explanação sobre o pensamento de Leibniz, como se dá a Dobra e o estilo barroco de filosofia. Sobre a capacidade de dobrar e o fato de ultrapassar o sentido de envolver-desenvolver, contrair-dilatar.

O organismo define-se pela sua capacidade de dobrar suas próprias partes ao infinito, mas até o grau de desenvolvimento consignado à espécie. Desse modo, um organismo está envolvido na semente (pré-formação de órgãos), e as sementes, como as bonecas russas, estão envolvidas umas nas outras até o infinito (encaixe de germes) (DELEUZE, 1991, p.21).

Um organismo pode dobrar-se infinitamente, porém, só chegaria a um grau de desenvolvimento já determinado para sua espécie. Não compreendo tal descrição como determinação de uma limitação, pois em um intervalo de desenvolvimento, ao dobrar-se, um organismo pode adquirir várias habilidades. Organismos envolvem meios interiores que envolvem outros organismos. A dobra orgânica é composta, cruzada, indireta (mediatizada pelo meio interior). James (1945) faz uma analogia semelhante às bonecas russas quando descreve o funcionamento da consciência do *self*. Em sua explicação, sobre núcleo da identidade pessoal, este se relaciona com fatos concretos que possibilitam dizer que o eu existe, fatos passados passam a fazer parte da constituição do *self*, estes fatos se entrelaçam e formam a base da consciência da identidade pessoal. Esta consciência pode ser descrita como um fato psicológico e é responsável pela apreensão ou rejeição de fatos e objetos.

Figura 7: James (1945) apreensão de objetos pelo núcleo da identidade pessoal.

O inorgânico é o que se repete, a dobra inorgânica é simples e direta, ao contrário da orgânica, pois o organismo envolve um meio interior que contém outros organismos, fazendo com que esta dobra seja mediada por este meio interior.

A matéria dobra-se duas vezes, uma sob as forças elásticas, outra sob as forças plásticas, sem que se possa passar das primeiras às segundas. Assim, o universo não é um grande vivente, não é o Animal em si: Leibniz recusa esta hipótese, do mesmo modo que recusa a de um Espírito universal, e os organismos guardam uma individualidade irreduzível, e as linhagens orgânicas guardam uma pluralidade irreduzível (DELEUZE, 1991, p.22).

Isto faz com que os dois tipos de dobras possuam a mesma importância. As forças plásticas e as forças elásticas ocupam os mesmos patamares, são coextensivas como ilustra o próprio Deleuze. As forças plásticas são forças materiais que agem sobre as massas e realizam síntese orgânica e presumem a alma como princípio imaterial da vida, como unidade de síntese. As forças elásticas se caracterizam por serem o movimento entorno dos seres e provocam as forças plásticas.

A teoria do pré-formismo é a forma sob a qual no século XVII se capta a verdade e segundo Deleuze é a perspectiva sob a qual está Leibniz, e suas questões se relacionam com as questões levantadas pela Epigênese, sobretudo pelos desenvolvimentos trazidos graças ao uso do microscópio, porém em relação à questão da dobra há um contraponto. Do ponto de vista da epigênese a dobra produz-se a partir de uma superfície estável, e a partir de uma perspectiva pré-formista a dobra se dá a partir de outra dobra, ao menos no interior de uma organização.

O elemento genético da dobra é a inflexão, origem do ponto elástico. No pensamento de Leibniz não há retas sem curvaturas entremeadas, misturadas, como também não há linhas sem mistura com outras. A inflexão no pensamento de Leibniz é denominada “símbolo ambíguo”, e se encontra no imponderável, como um vetor de concavidade, que fecha a curva e não se equipara com um vetor de gravidade. A inflexão é o puro acontecimento, é o mundo. Na interpretação deleuziana, dado um plano de imanência habitado por linhas de singularidades nômades e anônimas, a inflexão é o que gera a curvatura dessas linhas e propicia o encontro de singularidades criando um dentro coextensivo a um fora, desta forma criando um mundo, uma realidade possível. Este movimento de dobrar possibilita a criação de vários mundos,

várias realidades, é a produção do novo como acontecimento. Assim diferentes realidades coabitam um mesmo plano.

A transformação da inflexão não admite projeção, ela redobra-se em espiral para retardar sua curvatura, este movimento em espiral ao mesmo tempo afasta e a aproxima de um centro de curvatura, o que leva a um movimento constante de criação.

Segundo Deleuze (2011), a definição de matemática barroca surge em Leibniz e o objetivo desta matemática é a variação. A dobra é potência como condição de variação.

Tendo a variação como objeto destaca-se o papel da função, compreendo o papel da função como aquilo que varia numa expressão matemática, tem-se a função variando de acordo com seus termos e devido à relação entre estes. Nos textos matemáticos de Leibniz, de acordo com Deleuze, o pensador busca a tangente a uma infinidade de curvas ao invés da tangente de uma curva dada, o que implica na redução das variáveis a uma variabilidade da tangente, ou seja a dobra. A definição do objeto já não se dá por uma forma básica, mas pela sua funcionalidade. Este novo regime do objeto conduz o mesmo a uma modulação temporal, sendo modulação uma moldagem perenemente variável, que leva a um desenvolvimento constante da forma, assim como embute a matéria numa variação contínua.

Se o objeto varia o sujeito também varia, passa-se da inflexão aos vetores de curvatura do lado côncavo, passa-se a um ponto, a um sítio, a um lugar não percorrido pela inflexão, nem ao próprio ponto de inflexão, lugar das perpendiculares às tangentes.

Figura 8: Deleuze (1991) ilustra a passagem para o local do ponto de vista.

Na figura passa-se para o lado côncavo da curva, do ponto de inflexão para os vetores de curvatura. Este lugar é denominado ponto de vista e é a base do perspectivismo. O ponto de vista não é dependente de um sujeito concebido anteriormente, mas o inverso a isto, faz-se sujeito aquele que vier ao ponto de vista, de forma que a transformação do sujeito e do objeto são correspondentes. O ponto de vista apresenta-se como a condição sob a qual um sujeito capta uma variação.

Em Leibniz, como também em Nietzsche, em William e Henry James e em Whitehead, o perspectivismo é certamente um relativismo, mas não é o relativismo em que comumente se pensa. Trata-se não de uma variação da verdade de acordo com um sujeito, mas da condição sob a qual a verdade de uma variação aparece ao sujeito. É a própria ideia de perspectiva barroca” (DELEUZE, 1991, p.37).

Aqui Deleuze clarifica que não apenas para Leibniz, como também para outros pensadores, o perspectivismo se trata de uma questão de relativismo, pois além de depender do sujeito também depende das condições sob as quais uma verdade está visível a este sujeito.

O perspectivismo é um pluralismo que implica a distância e não a descontinuidade, de forma que não há vazio entre pontos de vista, como pluralismo admite pontos individuais múltiplos que se repetem. Sobre a possibilidade de repetição, e as distâncias entre os pontos de vista:

Leibniz pode definir o extenso (*extensio*) como a ‘repetição contínua’ do *situs*, ou da posição, isto é, do ponto de vista, sendo isso como o atributo do espaço (*spatium*), como ordem das distâncias entre pontos de vista que tornam possível esta repetição (DELEUZE, 1991, p.38).

A distância entre pontos de vista desta ocorre por meio da repetição de um deles. Um ponto de vista é inicialmente tomado como uma posição, esta posição se repete até encontrar um outro ponto de vista, outra posição, essas repetições definem a distância entre os pontos de vista. Esta sequência compreendo como as concepções muito próximas sobre um determinado objeto compondo um ponto de vista, até o momento em que estas concepções se encontram com outro ponto de vista que observa de forma diferente o mesmo objeto.

Desdobra não é o contrário de dobra, e invariante não é o contrário de variação, é o “signo ambíguo”. O ponto de vista envolve variação, e a variação envolve desdobra. A desdobra existe fora da variação, assim como a variação não existe fora do ponto de vista. Ponto de vista é a potência de ordenar os casos, em Leibniz, ponto de vista é como a determinação do indeterminado pelos signos ambíguos.

A inflexão é uma idealidade ou uma virtualidade que só existe atualmente na alma que a envolve. Assim, é a alma que tem dobras, que está cheia de dobras (DELEUZE, 1991, p.41).

A inflexão ou variação é uma ideia que se encontra envolvida em uma alma, um sujeito, resultando que esta alma possui dobras que só existem nesta alma. A dobra é definida pela inflexão, a alma ou o sujeito são definidos pela inclusão, o que envolve a dobra é o ato acabado.

Leibniz, a partir de Deleuze (1991), define tipos de pontos. Ponto físico, é o que percorre a inflexão ou o próprio ponto de inflexão, ele é inexato e faz o ponto matemático tornar-se lugar de convergência de vetores de curvatura. O ponto metafísico, a alma ou o sujeito, aquele que ocupa o ponto de vista.

Chegando ao conceito das mônadas, segundo Deleuze, Leibniz nomeia como mônada a alma ou o sujeito como ponto metafísico, que ao meu ver corresponde com a compreensão exposta acima, pois alma e mônada referem ao que possui percepções, sentimentos e memória. O nome mônada, advém dos neoplatônicos e é utilizado para designar um estado do Uno, este desenvolvido a partir da multiplicidade envolvida por uma unidade.

O acordo dos pontos de vista singulares, ou a harmonia que substituirá a universal complicação e conjugará os perigos de panteísmo e imanência: daí a insistência de Leibniz em denunciar a hipótese, ou melhor a hipóstase de Espírito universal, que faria da complicação uma operação abstrata na qual se abismariam os indivíduos (DELEUZE, 1991, p.43).

A ideia de um espírito universal não possibilitaria a concepção de mundo como uma série de pontos de vista em que estariam várias almas, pois este espírito fundiria todos os pontos tornando abstrata a diversidade. O que se apreende a partir de um ponto de vista é uma variedade de conexões possíveis, Leibniz exemplifica utilizando a situação de uma cidade e a relação entre suas ruas, o que Deleuze apreende da seguinte forma:

O que se apreende de um ponto de vista não é, pois, nem uma rua determinada, nem sua relação determinável com as outras ruas, que são constantes, mas a variedade de todas as conexões possíveis entre os percursos de uma rua qualquer a outra: a cidade como labirinto ordenável. A série infinita das curvaturas ou inflexões é o mundo, e o mundo inteiro está incluído na alma sob um ponto de vista (DELEUZE, 1991, p.44).

Utilizando como exemplo uma rua no papel de ponto de vista, o que se procura ilustrar é a grande variedade de percursos possíveis a partir desta rua, expondo suas variadas conexões com outros pontos de uma cidade.

A mônada expressa o mundo, porém expressa mais claramente um setor do mundo. A condição de clausura dá a possibilidade ao mundo de recomeçar cada mônada.

4.4.2 Influencia de Hume

Neste ponto parto para outra influência importante que serve como base para cada um dos campos de conhecimento observados, que são os escritos de David Hume (1711-1776). Hume foi um filósofo escocês que frequentou a Universidade de Edimburgo, entrando na instituição com onze anos e se formando aos quinze. Se destacou no cenário filosófico por entre outros fatos devido a sua abordagem cética quanto a questões como identidade pessoal. Em sua concepção não existiria um eu que se mantém através do tempo. Os trabalhos deste autor baseiam o pragmatismo, postura adotado Deleuze, Guattari e James.

Em seu livro *Empirismo e Subjetividade* Deleuze traz caracterizações do trabalho de Hume. Inicialmente traz a proposta de Hume de fazer uma ciência do homem, uma psicologia das afecções, ao invés de uma psicologia do espírito, pois esta não pode encontrar em seu objeto uma universalidade nem uma constância necessárias para tal. Em sua obra *Tratado sobre a Natureza Humana*, o filósofo descreve como o espírito é afetado de forma passional e social, de acordo com o pensador estas duas formas de afecção se envolvem e consolidam a unidade do objeto. Hume aborda “como o espírito devém natureza humana?” (DELEUZE, 2012, p.10).

Hume formula a questão sobre o entendimento e traz como o verdadeiro sentido deste, tornar um interesse social e uma paixão sociável, de forma que um entendimento reverbera um interesse. Há dois pontos de vista em seu trabalho, entendimento e paixão, o primeiro deles, o entendimento, que se subordina a paixão, e é fruto do movimento desta que devém social. Entendimento e paixão se apresentam

como duas porções distintas e que geram problemas distintos, sendo que o entendimento é o movimento da paixão ao transformar-se em social.

Experiência é a ideia dada como dado, a coleção de ideias, de dados é o que Hume nomina como imaginação, ou seja, a ideia está na imaginação. Se age na imaginação não pela imaginação. A imaginação possui sua atividade, porém esta atividade não possui uniformidade e constância. A uniformidade e a constância se dão na maneira pela qual as ideias se associam na imaginação, esta associação se apresenta como algo que une as ideias e não uma característica das mesmas.

Delineando o empirismo em Hume, tem-se que nada é transcendental, a associação não é um produto da imaginação (conjunto de ideias), mas um procedimento da mesma que a torna uniforme, a natureza humana é a imaginação.

Deleuze traz as consequências da determinação no pensamento do Hume.

Em Hume, a determinação não é determinante, mas determinada. Quando Hume fala de ato do espírito, de uma tendência, ele não quer dizer que o espírito seja ativo, mas que é ativado, que está em devir sujeito. O paradoxo coerente da filosofia de Hume é apresentar uma subjetividade que se ultrapassa e que nem por isso é menos passiva. A subjetividade é determinada como um efeito, é uma impressão de reflexão. O espírito devém sujeito ao ser afetado pelos princípios (DELEUZE, 2012, p.16).

Hume, segundo Deleuze (2012) apresenta uma tese paradoxal, pois apresenta uma subjetividade que é determinada por um sujeito que é “sujeito a”, ao mesmo tempo este possui a capacidade de se elevar de seu estado. No sistema de entendimento trazido de Hume haveriam duas perspectivas, uma psicologia do espírito caracterizada por ser uma psicologia das ideias, da busca pelos elementos mais simples possíveis, o atomismo. A outra, ao meu ver, é a parte que trata da psicologia da natureza humana, esta encontra a realidade do objeto nas associações que são realizadas pelas ideias, o associacionismo.

A perspectiva do trabalho de Hume, a partir de Deleuze (2012) caracterizada por duas vertentes, uma psicologia do espírito, psicologia atomista, que trabalha com elementos mínimos, com as ideias e é demonstrada pelo próprio como um estado que não permite uma ciência do homem, pois não alcança seu objeto, disto Deleuze conclui que Hume não era um atomista, o que explica não ter tratado com tanta ênfase esta perspectiva quanto o associacionismo. Sua vertente associacionista chamada psicologia da natureza humana é apresentada como uma ciência da prática, da

história, da política, da moral e encontra a realidade de seu objeto nas determinações que não são da esfera das ideias.

O associacionismo de Hume, sua psicologia da natureza humana, demonstra aproximação com o materialismo, o que leva Hume a ser considerado como um empirista que trata dos fatos que levam à formação da subjetividade. Neste ponto de vista, “Hume é sempre o mesmo, indo da ausência de uma ideia no espírito à presença de uma afecção no espírito” (Deleuze, 2012, p. 19)

Hume, segundo Deleuze (2012), faz uma crítica às representações, uma vez que estas são impossibilitadas de apresentar as relações, tal característica também se encontra no pensamento de Deleuze, de forma que no pensamento deste, pensar por representação é ter acesso apenas à cópia, não se chegaria ao original, e as elaborações posteriores seriam apenas elaborações da cópia.

O empirismo trata da constituição do sujeito e considera sua constituição no espírito a partir do efeito de componentes transcendentais, o sujeito é tido como aquilo que se desenvolve, na compreensão de Deleuze (2012) ele se desenvolve numa via dupla, uma vez que desenvolve a si e devém outro, o sujeito se ultrapassa e reflete a si. Ultrapassar e refletir a si mesmo são características tidas para Hume como próprias da natureza humana. Inventar e acreditar é o que constitui o sujeito como sujeito.

4.4.3 Influência de Bergson

Henri Bergson (1859-1941) pensador francês de grande influência na filosofia e na psicologia, autor de obras como *Memória e Vida*, *As Duas Fontes da Moral e da Religião*, *O Riso*, *A Evolução Criadora* dentre outras. Bergson instaura uma forma de pensamento que critica o racionalismo e o cientificismo de seu tempo, critica a forma como a ciência apreende a realidade separando conhecimento da vida, generalizando e mensurando esta mesma realidade.

Em seu livro *Memória e Vida* (2006), Bergson (2006) explana sobre o método intuitivo e o conceito de duração. Abordo estes pontos pois, no decorrer de meus estudos encontrei características destes conceitos nos pensamentos de Valsiner e Deleuze. Uma das caracterizações da duração é como experiência psicológica, como

um fluir de estados psicológicos, este fluir como uma mudança que não para acontecer, resultando que o próprio estado psicológico é a mudança.

Na duração momentos heterogêneos se misturam sob uma multiplicidade de estados conscientes. Nesta concepção, a consciência possui um desejo incessante de realizar distinções substituindo a realidade pelo símbolo.

A duração também é vista como um todo imanente ao universo.

O universo dura. Quanto mais nos aprofundamos na natureza do tempo, mais compreenderemos que duração significa invenção, criação de formas, elaboração contínua do absolutamente novo (BERGSON, 2006, p. 8).

Observa-se que uma das características do conceito de duração é sua constante produção de novidade. Do meu ponto de vista, característica presente na interação entre os elementos do sistema semiaberto de Valsiner, assim como no processo de produção de realidade trabalhado por Deleuze e Guattari.

Bergson (2006) também conceitua duração como aquilo que muda de natureza, como uma sucessão de mudanças qualitativas que se mesclam resultando em heterogeneidade. Dado o caráter heterogêneo a duração é vista como multiplicidade, esta multiplicidade se assenta sob um eu com estados bem definidos, um eu em que sucessão envolve organização.

A duração é constituída pela contínua mudança. É o que sempre se chamou de tempo, mas o tempo percebido como indivisível. Tempo também implica sucessão, porém não é uma sucessão em que se distingue um “antes” e um “depois” justapostos, mas ao meu ver como um fluir contínuo.

A mudança é a própria realidade, não há coisas que mudam, o que há é a própria mudança em si. Pelo que pude compreender sobre duração a partir da obra *Memória e Vida*, a ideia de tempo embutida neste conceito, reaparece mais a frente em Valsiner, em sua maneira de pensar o tempo como irreversível e ao meu ver indivisível, através do qual se expressa a contínua mudança. Ainda que didaticamente expresse em um determinado tempo “t” um estado “A”, os outros estados, passados e os futuros como possibilidades por vir, se encontram presentes como resultado de uma transformação contínua, estados heterogêneos que se sucedem como resultado de um processo de constante transformação.

É que para Bergson, toda manifestação da vida se dá numa duração, no entanto, pressupõe a existência do Tempo. Mas em que consiste o Tempo pelo qual a vida pode durar? Para dirimir tal questão, Bergson elabora um estatuto complexo e original, no qual se evidenciam dois grandes modos temporais com seus respectivos atributos: por um lado, o passado cujo os atributos são a anterioridade, a permanência e a simultaneidade; por outro, o presente caracterizado pela posteridade pela transitoriedade (sucessão) e pela simultaneidade. Não se pode negar que, ao longo de sua obra, Bergson também faça menção ao futuro. Todavia, se considerarmos que, no âmbito do pensamento bergsoniano, o futuro não é senão o novo presente, o presente que advém ao presente que passa, o presente enquanto novidade, concluímos que o estatuto elaborado por Bergson não contempla o Tempo ao modo do futuro enquanto uma temporalidade autônoma e soberana.

“Mas já agora podemos falar do corpo como de um limite movente entre futuro e passado, como de uma extremidade móvel que nosso passado estenderia a todo momento em nosso futuro. Enquanto meu corpo, considerado num instante único, é apenas um condutor interposto entre objetos que o influenciam e os objetos sobre os quais age, por outro lado, recolocado no Tempo que flui, ele esta sempre situado no ponto preciso onde meu passado vem expirar numa ação. Consequentemente, essas imagens particulares que chamo de mecanismo cerebral terminam a todo momento a série de minhas representações passadas, consistindo no ultimo prolongamento que essas representações enviam no presente, se ponto de ligação com o real, ou seja com a ação” (Bergson, 1999, p.84) (Modenesi, 2009, p.94-95).

Na passagem Modenesi (2009), explana sobre o tempo em Bergson, ao me ver esta passagem corrobora minha compreensão de tempo a partir de Bergson que reaparece em Vasiner, pois pode-se compreender a partir de Bergson que o futuro é um novo presente que sucede a um presente que passa, ou seja, há um constante presente que se altera, e assim como exposto no trecho, há o corpo em um determinado instante exercendo e recebendo influência de objetos num tempo que flui.

Em seus escritos Bergson (2006) clarifica como a filosofia por meio de seu método intuitivo realiza a apreensão do seu objeto de estudo e gera um conhecimento que não se separa do mesmo, ao contrário, objeto e conhecimento se superpõem, desta forma se fala sobre o objeto estando nele.

Deleuze (1999) expõe a crítica feita por Bergson ao modelo de ciência positivista, que vem do fato desta criar um conhecimento separado do objeto. Fazer com que este conhecimento dependa de um ponto de vista, possibilita a geração de diversos conhecimentos a partir dos mais variados pontos/referencias. Ao meu ver,

esta crítica ainda é muito válida, pois tal modelo de pesquisa ainda persiste, vide a Psicologia.

Também posso compreender que esta crítica de Bergson não tem como objetivo criar um conhecimento que seria a pura verdade sobre o objeto, uma vez que seria um conhecimento criado a partir dele, mas uma ressalva aos pesquisadores, pois sua crítica vem elucidar que o conhecimento criado é influenciado por uma gama de fatores que se apresentam como mais ou menos influentes, ou mesmo ausentes dependendo do ponto de vista que se observa o objeto.

Outro ponto que considero de importância é o método intuitivo, observo que este ressoa no pensamento de Deleuze, pois do meu ponto de vista é um método que também leva em consideração aquilo que não é necessariamente da filosofia, e faz a interseção entre esta e outros campos, como a ciência e a arte. Compreendo que esta metodologia leva a novos modos de pensar, a produção de conceitos, novos modos de sentir e de ouvir.

O método intuitivo já supõe a duração, este método é constituído por três ações ou regras para “problematizar” os problemas. A primeira ação consiste em discriminar os falsos problemas por meio do emprego da prova de verdadeiro ou falso.

Esta ação consiste mais encontrar propriamente o problema do que em resolvê-lo. Na interpretação de Deleuze (1999) sobre o método intuitivo, não se trata de descoberta de problemas mas de invenção, de maneira que a descoberta se dá sobre o que já existe e a invenção. As soluções dos problemas são tidas como verdadeiras ou falsas, porém, Bergson leva estas qualidades à colocação dos problemas, assim defronta-se com a questão dos falsos e dos verdadeiros problemas. Esta qualificação dos problemas apresenta sua relevância a todos os pesquisadores, pois, ao meu ver, é uma questão aplicável a todos os objetos de pesquisa.

Os falsos problemas se dividem em dois tipos: os problemas inexistentes, determinados pelos seus próprios termos, segundo a interpretação de Deleuze (1999) sobre a constituição de problemas, este tipo de problema consiste em tomar o mais pelo menos, há um movimento que supõe que o existente e a ordem são anteriores a sua própria criação, na desordem já haveria a noção de ordem, e esta ordem mesmo anterior à desordem viria para organizar o que existe.

O outro tipo de falso problema são os problemas mal colocados, estes se apresentam como misturas mal analisadas nas quais se agrupam vários objetos de diferentes naturezas, por exemplo termos como prazer compreendem estados dos

mais variados. Conceber a realidade em termos de mais e de menos e observar diferenças de grau onde há na verdade diferenças de natureza, implica em erro ao pensamento na concepção de Bergson, a partir de Deleuze (1999), e mostra que além de ter-se que buscar soluções para os problemas deve-se atentar para a colocação dos mesmos. Contra esta tendência de aplicação de falsos problemas, deve-se observar diferenças de grau onde há diferenças de natureza, deve-se fomentar a crítica e para fomentar esta crítica utiliza-se o método intuitivo, pois este tem a capacidade de reencontrar as diferenças de natureza que estão sob as de grau.

A segunda ação vejo como uma consequência da ciência da possibilidade de surgimento dos falsos problemas e consiste na busca pelas diferenças de natureza. Esta ação trata de realizar a divisão dos mistos, dos agrupamentos gerados pela experiência e busca suas articulações, o que caracteriza o método intuitivo como um método de divisão e para proceder com este método pergunta-se se entre uma coisa e outra pode haver ou não diferença de natureza.

Uma consequência deste pensamento trazida por Deleuze (1999) é concluir que vive-se em mistos mal analisados e também podemos nos considerar como mistos mal analisados, dada a composição elementos de diversas naturezas que nos compõem e podem ser confundidos, ao meu ver, o método caracteriza-se por uma busca até mesmo das menores nuances.

A terceira ação consiste em resolver os problemas mais em função do tempo do que do espaço e mostra-se como fundamental, uma vez que, na proposta de Bergson (2006) intuição baseia-se em pensar em termos de duração. No pensamento do filósofo a duração de cada um, como cada um a vive, é o que evidencia as outras durações de natureza diferentes das do vivente, sendo a duração o lugar onde se dão as diferenças de natureza, e o espaço o lugar onde se dão as diferenças de grau.

Segundo Deleuze (1999) a intuição é o que possibilita reconhecimento de outras durações.

A intuição é sobretudo o movimento pelo qual saímos de nossa própria duração, o movimento pelo qual nós nos servimos de nossa duração para afirmar e reconhecer imediatamente a existência de outras durações acima ou abaixo de nós (DELEUZE, 1999, p. 23).

Na passagem Deleuze ilustra como por meio da intuição pode-se reconhecer as mais diversas durações, sendo estas diferentes entre si. Além disto, este método é o que permite trazer a intuição para além da experiência psicológica.

Sem a intuição como método, a duração permaneceria como simples experiência psicológica. Inversamente, sem a coincidência com a duração, a intuição não seria capaz de realizar o programa correspondente às regras precedentes: a determinação dos verdadeiros problemas ou das verdadeiras diferenças de natureza (DELEUZE, 1999, p.24).

Desta forma observa-se a necessidade do método intuitivo para a realização do reconhecimento de outras durações e a constituição de problemas. Assim, dadas essas três ações, três regras para a utilização do método intuitivo, pode-se observá-lo como um método que problematiza por meio da divisão e do tempo (duração).

Outro ponto do pensamento de Bergson que observo como influente no pensamento de Deleuze é sua teoria das multiplicidades. Multiplicidades, que em um de seus tipos, como exporei mais à frente possuem características temporais que remetem à duração. Este assunto é discutido pelo próprio Deleuze em sua obra *Bergsonismo*.

Na teoria de Bergson duração e espaço se apresentam como dois tipos de multiplicidade que se misturam formando um misto. O espaço nas palavras de Deleuze (1999) “é uma multiplicidade de exterioridade, de simultaneidade de justaposição, de ordem de diferenciação quantitativa, de diferença de grau, uma multiplicidade numérica descontínua e atual” e o tempo é visto como “duração pura: é uma multiplicidade interna, de sucessão, de fusão, de organização, de heterogeneidade, de discriminação qualitativa ou de diferença de natureza, uma multiplicidade virtual e contínua, irreduzível ao número”.

Nesta teoria não se trata de distinguir entre Uno e Múltiplo, mas de distinguir dois tipos de multiplicidades. As multiplicidades numéricas são tidas como objeto, o número, a unidade aritmética é aquilo que se divide sem mudar de natureza, esta divisão é denominada divisão por diferença de grau. As multiplicidades não numéricas se apresentam como subjetividade ou duração e possuem característica temporal e três propriedades: heterogeneidade, simplicidade e continuidade. As multiplicidades numéricas apresentam-se como quantitativas e as multiplicidades não numéricas se apresentam como qualitativas.

Dadas estas características observo que por meio desta conceituação está implícito o estudo da transformação, uma vez que, uma das formas de diferenciação das multiplicidades é a observação daquilo que muda ou não de natureza.

4.4.4 Uma outra margem

Vistos os pensadores e suas influências sobre a Esquizoanálise, parto agora para o que seria uma terceira margem, as influências dos mesmos autores no campo construtivista semiótico-cultural. Diferentemente do descrito nesta segunda margem, na terceira as influências dos autores se apresentam também sobre outros pensadores e nesta terceira margem procuro expor como o campo construtivista semiótico-cultural é composto por várias influências. Por fim, propus levar o barco deste percurso ao conceito de empirismo radical/plano de imanência.

5. Terceira margem do rio: Raízes histórico-filosóficas comuns: Leibniz, Hume e Bergson no Construtivismo Semiótico-Cultural

Os autores citados no subtítulo dão pistas a respeito de possíveis ligações entre as áreas, Construtivismo Semiótico-Cultural e Esquizoanálise, porém estas ligações são instáveis, uma vez que cada área se apropria das contribuições de forma seletiva e criativa. Os trabalhos de Leibniz também tiveram influência nas proposições de Mead², que por sua vez serve como base para o Construtivismo Semiótico-Cultural. Mead explora especialmente a relação que se estabelece entre indivíduo e sociedade, como parte da vertente da Psicologia Social.

Em seu trabalho *Mind Self and Society*, Mead faz considerações sobre a psicologia social e não estabelece uma relação aguda com a psicologia individual, em sua concepção a psicologia individual tem especial interesse sobre o efeito do grupo social no comportamento do indivíduo, o desenvolvimento do self e da consciência no campo da experiência.

O fato é que todos os *selves* são constituídos por ou em termos de processos sociais, e são organizações individuais ao invés de padrões de comportamento exibido, os quais são apreendidos em suas respectivas estruturas, isto não é minimamente incompatível ou destrutivo, o fato é que todo *self* tem sua peculiar individualidade, seu padrão único; porque cada *self* é como processo enquanto refletido na estrutura padrão de comportamento organizado do processo como um todo, e faz-se a partir de seu ponto de vista, deste modo, refletidos na estrutura organizada, diferentes aspectos ou perspectivas deste padrão de comportamento social, são reflexo da estrutura organizada de qualquer outro *self* como processo (assim como a mônada no universo leibniziano espelha o universo a partir de um ponto de vista diferente e portanto, reflete um aspecto ou perspectiva diferente deste universo). Em outras palavras, o *self* como estrutura organizada da experiência do processo social humano e como comportamento refletido, constituído pelo padrão relacional organizado como um todo; (MEAD, 1934, p.92).

Os estudos marcam bem o desenvolvimento do *self* a partir dos processos de linguagem e interação social, no decorrer de sua obra o autor ilustra como os *selves* são constituídos por processos sociais, e por serem reflexões individuais e/ou padrão de comportamento organizado que se apreendem em suas respectivas estruturas. No

² Uma observação sobre o pensador americano George H. Mead (1893-1931) é que todos os seus livros foram publicados após sua morte.

texto o autor expõe como cada *self* possui seu padrão único, uma individualidade peculiar, e como cada *self* participa de um processo que coloca em jogo sua estrutura a partir de um ponto de vista, ao mesmo tempo o padrão de comportamento reflete sua estrutura organizada como um todo, faz isto dentro do eu, de um ponto de vista particular dentro do processo. O *self* se estrutura como uma organização dentro de um processo social da experiência humana, constituindo-se por um padrão de relações organizadas. Como estrutura individual é reflexo da constituição por diferentes aspectos ou perspectivas deste padrão relacional, a constituição social comum dos *selves* não impede que hajam diferenças e variações dos mesmos o que gera individualidades e uma pluralidade de pontos de vista.

Outro autor pesquisado neste trabalho, Hume e sua ênfase ao fato empírico, do meu ponto de vista observo que seu pensamento exerce influência nos campos de conhecimento abordados neste trabalho, Construtivismo Semiótico-Cultural e Esquizoanálise, devido ao destaque que dá ao fato empírico e ao estudo das afecções que propiciam a constante constituição do sujeito. Conforme compreendo estes fatos, observo que esta influência também se deu no pensamento de William James, e por conseguinte no campo construtivista, e possa tê-lo levado a enfatizar a constante construção da subjetividade focada na constituição do sujeito, ao passo que no pensamento de Deleuze e Guattari teria levado a focar mais em aspectos empíricos e materiais que participam da formação da subjetividade.

James sobre empirismo radical em sua obra *Essays in Radical Empiricism* postula: “Empirismo Radical consiste em, (1) primeiro de um postulado (2) juntamente com uma declaração de fato, e (3) finalizando com uma conclusão generalizada”. Sobre o segundo termo desta tríade, James recorre ao empirismo trazido por Hume:

A declaração de fato é a relação entre coisa conjuntiva e disjuntiva, são tanto questões da experiência particular direta, nem mais nem menos que as próprias coisas por elas mesmas (cf. also *A Pluralistic Universe*, p. 280; *The Will to Believe*, p. 278). Isto é a doutrina central do presente livro. Distinguir ‘empirismo radical’ do ‘empirismo ordinário’ de Hume, J. S. Mill, etc., com os quais estamos aliados de outra forma (JAMES, 1996, p. 4).

Observa-se que estado de coisa serve como ponto de diferenciação entre empirismo radical e o empirismo ordinário de Hume, chamado desta forma por James, e segundo o mesmo também se encontra aliado.

Esta aliança pode ser verificada na mesma obra quando James expõe sua forma de pensamento, quando ilustra o empirismo radical como uma filosofia do mosaico, de fatos plurais, sendo que esta forma de filosofia segundo James foi proposta por Hume e seus sucessores, porém difere desta forma de empirismo por não admitir que nenhuma construção escape à experiência.

Empirismo ao contrário, coloca a explanação da demanda sobre a parte, o elemento, o individual, e trata o Todo como uma coleção e o universal como uma abstração. Minha descrição começa com as partes e fazem o todo ser de segunda ordem. Isto é essencialmente uma filosofia do mosaico, uma filosofia de fatos plurais, como a Hume e seus descendentes, que não referem esses fatos a nenhuma substância e nem o ligam a uma mente absoluta que cria objetos. Mas diferente do tipo de empirismo humiano em particular me faz adicionar o epíteto radical.

Ser radical no empirismo é não admitir que em nenhuma de suas construções qualquer elemento não seja diretamente experienciado, nem exclui elementos diretamente experienciados. Para tal filosofia, as relações que conectam experiências são elas mesmas relações experienciadas, e qualquer tipo de relação experienciada, e qualquer tipo de relação experienciada deve ser contabilizada como 'real' assim como qualquer coisa no sistema (JAMES, 1996, p.19-20).

Assim James expõe características de sua proposta de empirismo, sua semelhança e pontos de diferenciação com a proposta de Hume.

Prosseguindo com outro autor, Bergson, observo como possível influência de seu pensamento em Valsiner, a decomposição da experiência pela qual o eu passa (figura 3) em seus elementos e a busca de suas relações, desde uma decomposição em termos temporais, elementos do passado e do presente que estão em ação e a ação dos elementos semióticos em suas devidas hierarquias. Esta tendência à decomposição também observo no pensamento de Deleuze e Guattari, porém de outra maneira, vejo como a busca pelos fluxos moleculares, pelas intensidades, pelos devires, e pelos fluxos molares, estratificações que delimitam sujeitos, objetos, representações e seus sistemas de referência, e suas relações nas constituições dos territórios da realidade.

Em Valsiner (2006) observo outra influência do pensamento de Bergson, compreendo que a duração se encontra na base do percurso da experiência psicológica de construção de significados, e se encontra articulada em seus trabalhos sobre temporalidade. Visto que, duração na concepção de Bergson não se resume apenas à experiência vivida, mas à experiência como um todo e também como

condição para a experiência. Duração como a constante transformação como o cerne da vida psíquica, como multiplicidade de estados psicológicos, esta eterna transformação que relaciona-se com o processo de construção semiótica, uma vez que, como base da vida psíquica a duração é a responsável pela constante construção e reconstrução de significados da realidade.

5.1 Empirismo Radical e Plano de Imanência: o pragmatismo de James e Deleuze

Neste ponto do percurso chego a um ponto de estreitamento da distância entre as margens do rio, região que se inicia com o pragmatismo, passa pelo empirismo, pelo empirismo radical e o plano de imanência.

Este ponto de estreitamento foi encontrado nas obras *O que é Filosofia* (2010) de Deleuze e Guattari, e *Gilles Deleuze: uma vida filosófica* (2000) organizado por Eric Allienne serviram para retornar ao *Essays in Radical Empiricism* (1996) de James. Para realizar esta observação inicialmente recorro à Cardoso Jr. para discorrer sobre as características do empirismo.

O empirismo se caracteriza como uma forma de pensamento que surgiu em oposição ao racionalismo. Segundo esta forma de pensar a fonte do conhecimento humano é a experiência, a experiência da realidade e dos sentidos.

Por outro lado, para o racionalismo, a fonte do conhecimento é a razão originária de ideias inatas. As formulações explicativas sobre as ideias são descrições que não acrescentam novos juízo às mesmas.

Na vertente empirista, conceitos que não estão necessariamente ligados podem se unir possibilitando o surgimento de novidade. Nesta vertente faz-se uso do raciocínio indutivo para se chegar as conclusões. Observa-se fatos particulares o que possibilita a construção de um conhecimento particular que pode variar no tempo e no espaço, este conhecimento é circunstancial devido às condições da experiência e subjetivo pois depende do sujeito da experiência.

A vertente racionalista faz uso do raciocínio dedutivo, de forma que a partir de uma ou várias ideias iniciais se deduz uma consequência lógica. O conhecimento

gerado a partir desta forma de pensamento é objetivo e claro e desta forma se propõe a ser valido universalmente, pois também não se modifica no tempo e no espaço.

Assim observa-se que o conhecimento construído pelo racionalismo é um conhecimento que se propõe verdadeiro, pois é válido em qualquer lugar sob quaisquer circunstancias, universal e dedutivo a partir de ideias inatas, é um conhecimento racional. O conhecimento construído pelo empirismo caracteriza-se como um conhecimento relativo, construído a partir do raciocínio indutivo por meio da observação de fatos particulares em condições específicas e dependente do sujeito da experiência e como o próprio nome diz é um conhecimento empírico.

Dado este contorno sobre o pensamento empirista parto para o contorno do pragmatismo, entendido como uma forma de pensamento com característica empirista, como uma filosofia da ação. O pragmatismo é uma maneira de pensar que se relaciona com problemas concretos e se preocupa com as consequências práticas das formulações resultantes da experimentação desses problemas concretos.

A partir de Nascimento (2010), Cardoso Jr. (2006) e Mostafa (2013) compreendo que o pragmatismo surgiu como uma maneira pela qual o conhecimento se relaciona com a atividade humana dando-lhe uma finalidade prática. Outra característica do pragmatismo é apresentar-se como uma revisão do empirismo, uma oposição às filosofias especulativas, racionalismo e idealismo, e a superação destas formas de pensamento através da racionalidade científica, também apresenta-se como uma objeção ao ceticismo e possui como proposta a formulação de uma nova concepção de verdade.

Uma das propostas do pensamento pragmático é superar disputas filosóficas que a observação não pode superar, por exemplo quando cada sujeito da observação de um fato afirma que o outro sujeito que participa da observação está errado, dessa forma o pragmatismo surge como uma maneira de superar disputas filosóficas.

A criação do pragmatismo é atribuída a Peirce, esta vertente filosófica tem entre seus pensadores mais influentes James e Dewey. A popularização e consequente deturpação daquilo que para Pierce era chamado de pragmatismo, fez com que o mesmo passasse a adotar o termo pragmaticismo para designar sua maneira de pensar, seu método (CARDOSO Jr, 2006). O pragmatismo surge como um método para analisar como as consequências práticas das formulações intelectuais podem ser testadas, o que pode resultar das mesmas, sendo que a verdade resultante é o

somatório das consequências práticas das formulações resultantes de determinado fato.

Compreendo que o empirismo é uma maneira de pensar que leva em conta os dados da experiência sentida como real, e leva em consideração a compreensão do sujeito da experiência. As compreensões, formulações, variam de acordo com o sujeito o tempo e o lugar. O pragmatismo vem como um desenvolvimento desta maneira de pensar que além de considerar os fatos da experiência se preocupa com as consequências práticas das formulações.

A questão do pragmatismo também refere-se em verificar a que convenção uma proposição pertence, qual o habitat de um conceito. Pode-se pensar isso sobre a filosofia inglesa que habita o campo filosófico no sentido de habitar. De acordo com Cardoso Jr (2006), Deleuze caracteriza o pensamento inglês como um pensamento nômade, pois este não possui a tarefa de fixar um solo de convenções, mas percorre-las sendo estas mesmas convenções transições temporárias.

Na concepção deste pensador, o Cartesiano é considerado como pensamento que fixa convenções e ao qual chama de geo-filosofia fundiária e é marcante nas filosofias francesa e alemã, salvo exceções como Espinosa e Shelling. Por sua vez, as filosofias anglo-americanas teriam uma suposta escassez conceitual, o que é refutado por Deleuze:

Segundo Deleuze, a suposta escassez conceitual da filosofia anglo-americana não seria nem uma vantagem nem uma desvantagem. Tal caráter é uma ilusão, pois diz respeito a uma projeção a partir do modo filosófico característico dos construtores ou plantadores do solo filosófico. Estes acreditam que a tarefa própria do filósofo seria explorar ou plantar um conceito (CARDOSO JR, 2006, p.202).

Pensar a filosofia anglo-americana a partir do ponto de vista de filosofias fundiárias, que em determinado território fixam conceitos, ao contrário da anglo-americana, nômade, que passa pelo território, levaria a uma falsa escassez de conceitos. Deleuze vai em defesa da filosofia anglo-americana, filosofia do empirismo e do pragmatismo, de forma que tenta quebrar a falácia de que seria uma forma de pensamento restrita à experiência imediata e não seria o oposto do racionalismo francês, mas uma outra maneira de criar conceitos embasada numa forma “excêntrica”, na contração da convenção e do hábito.

O pensamento anglo-americano é visto como uma criação desenfreada de conceitos embasada numa experimentação filosófica, como fruto das revoluções inglesa e americana, um pensamento constituído num meio social que teve como base atravessamentos revolucionários.

Pela compreensão do texto de Cardoso Jr., empirismo e pragmatismo são vistos por Deleuze como novas tentativas de pensamento e criação de homem e de mundo enquanto os mesmos se constituem, e possuem como base a ideia que o meio social influencia tanto o homem quanto o mundo. Na visão de Deleuze o pragmatismo se opõe à ideia de Universal e de Uno.

Pela compreensão que tenho do texto de Cardoso Jr., Deleuze vê o empirismo de James como uma filosofia da experiência pura que possui como princípio a construção da imanência. James constrói o campo de imanência como experiência pura.

James cunha o termo empirismo radical, como verificado anteriormente quando diferencia seu empirismo do empirismo de Hume, frisando o que é ser radical em suas formulações, James define que todos os fatos de sua formulação de empirismo devem ser experienciados.

Ser radical no empirismo é não admitir que em nenhuma de suas construções qualquer elemento não seja diretamente experienciado, nem exclui elementos diretamente experienciados (JAMES, 1996, p. 20).

Com isto James estabelece que a experiência é a pedra fundamental e que nada que já tenha passado pela experiência pode ficar de fora. Os fatos experienciados não só incluem sujeitos e objetos, mas as relações em um nível denominado experiência pura, de forma que neste nível intensivo ainda não se tem sujeitos ou objetos, mas relações. As relações fazem parte da experiência pura, a relação experienciada é tão real quanto um dado coletado. Dessa forma concluo que a experiência pura é um campo pré-subjetivo, pré-pessoal anterior à existência de consciência.

O conceito de empirismo radical é equivalente ao plano de imanência no pensamento de Deleuze e Guattari, um campo onde todos se encontram imersos antes de se formarem sujeitos e objetos.

Em seu livro *O que é Filosofia*, Deleuze e Guattari enquanto discutem sobre o plano de imanência, levantam a semelhança entre o plano de imanência e o empirismo radical, este plano ou empirismo, segundo os autores, é composto apenas por acontecimentos, como conjunto de mundos possíveis, local onde o que se vive é remetido a um campo sem sujeito.

É quando a imanência não é mais imanente a outra coisa senão a si que se pode falar de um plano de imanência. Um tal plano é talvez um empirismo radical: ele não apresenta um fluxo do vivido imanente a um sujeito, e que se individualiza no que pertence a um eu. Ele não apresenta senão acontecimentos, isto é, mundos possíveis enquanto conceitos, e outrem, como expressões de mundos possíveis ou personagens conceituais. O acontecimento não remete o vivido a um sujeito transcendente = Eu, mas remete, ao contrário, ao sobrevoo imanente de um campo sem sujeito; Outrem não devolve a transcendência a um outro eu, mas traz todo outro eu à imanência do campo sobrevoado. O empirismo não conhece senão acontecimentos e outrem, pois ele é grande criador de conceitos. Sua forma começa a partir do momento em que define o sujeito: um *habitus*, um hábito, apenas um hábito num campo de imanência, o hábito de dizer Eu... (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p.59-60).

Observa-se como os autores franceses, empiristas, pensadores de uma filosofia nômade, buscam na filosofia anglo-americana, também nômade, recursos para exemplificar seu conceito de imanência e ilustrar como se caracteriza o mesmo. Outro fato importante que se pode verificar é que os pensadores franceses expõem como a partir deste campo de relações onde há apenas acontecimentos, pode emergir uma unidade individual, um sujeito, que pode ser um *self*, mas também deixa em aberto a possibilidade de criação de outras formas de “sujeito”. Sobre o plano de imanência, os autores refletem sobre a história da filosofia e se seria possível pensar esta história a partir de um ponto de vista de instauração da imanência. Partindo-se do ponto de vista de Deleuze e Guattari (2010), observa-se a diferenciação entre dois tipos de pensadores, os focados sobre a matéria do Ser, os fisicalistas, e os focados na imagem do pensamento, os noologistas. Por esta diferenciação surge a possibilidade de engano, pois a imanência poderia ser remetida a matéria ou ao espírito, ao invés do próprio plano de imanência ser o constituinte da matéria do Ser e da imagem do pensamento.

A partir de Deleuze e Guattari (2010) compreende-se que este engano, esta confusão, ao invés de chegar a construção da imanência como um Uno-Todo, faz com

que a imanência faça parte de um Uno, e desta forma acarreta a criação de um outro Uno transcendente ao primeiro, um Uno para além do Uno. Fazer a imanência se referir a algo causa, segundo os autores, confusão do plano com o conceito, fazendo com que o conceito torne-se um universal transcendente e o plano uma qualidade no conceito.

Durante a história da filosofia, em um período denominado pelos pensadores franceses Deleuze e Guattari como filosofia cristã, o filósofo viu-se obrigado a demonstrar que a quantidade de imanência que ele colocava no mundo não arriscaria a transcendência de um Deus, sob a pena de ter que passar pelos inquisidores. Na concepção dos autores a imanência é a “pedra de toque incandescente de toda filosofia” (Deleuze & Guattari, 2010, p.57) e responsável pelo enfrentamento dos percalços que pode sofrer, como perseguições e condenações. Tal característica faz com que o problema da imanência não se restrinja a ser apenas um problema teórico.

Explorando mais sobre esta confusão entre plano e conceito, Deleuze e Guattari afirmam que a partir de Descartes, Kant e Husserl tornou-se possível pensar a imanência como imanente a consciência de um ser pensante. Este ser pensante é um sujeito ao qual se atribui um plano de imanência e uma consciência, nesta concepção o plano de imanência não se refere a um algo além ou a um Uno superior, mas a um sujeito a quem se pode chamar de eu.

[...] quando a imanência se torna imanente “a” uma subjetividade transcendental, é no seio de seu próprio campo que deve aparecer a marca ou a cifra de uma transcendência, como ato que remete agora a um outro eu, a uma outra consciência (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p.60)

Quando a imanência deixa de ser imanente apenas a si, quando passa a ser imanente a outra coisa, é que surge a possibilidade de transcendência, pois passaria a remeter a um eu e a uma consciência, como exemplificado pelo *cogito*. O plano de imanência é um campo intensivo percorrido por intensidades e que realiza movimentos infinitos, composto por uma multiplicidade de planos. Sobre esta característica de composição, os pensadores franceses explicam que o plano de imanência tem como característica extrair do caos determinações, para abraçar o caos um único plano não é suficiente, e cada plano possui sua maneira de fazer a imanência, selecionando o que cabe ao pensamento, como exemplo tem-se os diversos planos na história da filosofia.

A dificuldade de distinção é levantada pelos próprios pensadores, se há um ou vários planos diferentes que compõem o plano de imanência, porém os mesmos ilustram sua característica folhada, cada folha como um plano, e estes planos são distribuídos de várias maneiras, de forma que o que há são pontos de vista que agrupam ou separam as folhas, planos diferentes.

O plano de imanência é folhado. É sem dúvida, difícil estimar, em cada caso comparado, se há um só e mesmo plano, ou vários diferentes; os pré-socráticos têm uma imagem comum do pensamento, malgrado as diferenças entre Heráclito e Parmênides? Pode-se falar de um plano de imanência ou de uma imagem do pensamento dita clássica, que se manteria de Platão à Descartes? O que varia não são somente os planos, mas a maneira de distribuí-los. Há somente pontos de vista mais ou menos longínquos ou aproximados, que permitem agrupar as folhas diferentes sobre um período bastante longo, ou, ao contrário, separar folhas sobre um plano que pareceria comum (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p.63-64).

Dada a característica folhada do campo de imanência, o que há são vários planos, várias folhas que variam por si e pela sua distribuição, devido a esta característica torna-se difícil distinguir se há uma ou várias folhas. No decorrer deste percurso Deleuze e Guattari, ao meu ver, ao mesmo tempo em que perguntam, exemplificam sobre a formação dos diferentes planos, por exemplo quando perguntam se todo grande filósofo traça um novo plano de imanência.

No limite, não é todo grande filósofo que traça um novo plano de imanência, que traz uma nova matéria do ser que erige uma nova imagem do pensamento, de modo que não haveria dois grandes filósofos sobre o mesmo plano? É verdade que nós não imaginamos um grande filósofo do qual não se pudesse dizer: ele mudou o que significa pensar, “pensou de outra maneira” (segundo a fórmula de Foucault). E quando se distinguem várias filosofias num mesmo autor, não é por que ele tinha mudado de plano, encontrado mais uma nova imagem? (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 63)

Pelo meu entendimento, responderia a primeira pergunta com um sim, usando de exemplo os próprios Deleuze e Guattari, sua obra escrita em conjunto que expõe uma forma diferente de pensar e observar a realidade, obra em que não se diferencia o que seria proveniente de cada um, e em seus trabalhos separados entendo que cada um explora regiões de um mesmo plano. Sobre a característica da imanência, dos pontos de vista agruparem e separarem planos, acredito que um exemplo é

tratado neste trabalho, os planos que se aproximam do plano traçado por James e que no decorrer do tempo vem construindo novos planos e ferramentas conceituais. Ao meu ver a obra de James é muito ampla e devido a esta amplitude posso verificar pelo menos dois temas centrais, um tema que lida com um campo intensivo, de acontecimentos, de relações, referente ao empirismo radical, a experiência pura a colcha de retalhos que no trançar de seus fios concebe a realidade, este tema que lida com o pré-pessoal e que possibilita a formação de mais variadas formas de subjetivação. O outro tema trata das unidades individuadas, que originam sujeitos e transcendência, pelo meu entendimento, compreendo que este segundo tema trata da forma como os atravessamentos capitalistas modelaram o tipo de subjetividade presente na sociedade ocidental, subjetividade embasada no ego, no eu, e as compreensões advindas deste campo levaram ao desenvolvimento da noção de *self*.

O texto de Deleuze e Guattari, *O que é Filosofia* (2010), também foi comentado por David Lapoujade (2000), o texto deste autor auxilia na compreensão da semelhança entre plano de imanência e empirismo radical. Ele explana sobre as características da obra de James e como o empirismo radical seria o que possibilita à imanência entregar-se ao seu próprio movimento.

Segundo Lapoujade (2000), James se diz um empirista radical, ao invés de empirista, o que quer dizer que o empirismo radical é aquele que se relaciona com a experiência pura. Pureza da experiência se dá quando aquele que é o ator é puro de experiência. James promove a experiência pura de forma que parte-se de um campo onde as distinções dualistas não estão feitas, caso contrário se perderia a imanência, se perderia a experiência pura.

A experiência deve então ser entendida em sentido muito geral: a experiência pura é o conjunto de tudo o que está em relação com outra coisa, sem que necessariamente exista uma consciência dessa relação (LAPOUJADE, 2000, p. 270).

Define-se experiência pura como algo mais específico que experiência em si, sendo que esta se especifica como um conjunto de relações das quais não se tem consciência. Quando se diz experiência pura, esta não é a experiência dos sujeitos ou dos objetos, pois neste nível ambos não existem. Se trata da liberação da experiência das categorias, mental ou física. Para exemplificar como se dá esta experiência o autor faz uso de uma reação química induzida, a cristalização do cloro

e do sódio, de maneira que há um sujeito que elabora a experiência, porém são os elementos que reagem. Assim numa experiência pura o que se relaciona são elementos.

James, segundo Lapoujade (2000), procurava libertar o fluxo da consciência das formas tradicionais de psicologia. Experiência pura é componente do todo, um algo primeiro, um material do mundo, há uma realidade intermediária na qual não há nem forma nem matéria que constituam as realidades psíquicas e físicas. Esse material do mundo é percorrido por relações, fluxos que se conectam criando uma rede ou como aparece tanto no pensamento de James quanto no de Deleuze e Guattari, um tecido.

Com efeito, o material não é a matéria ou o informe. Ele já é percorrido por relações, como um tecido é percorrido por fibras, por linhas. A imagem do tecido retorna constantemente em James. Há um tecido da experiência pura – Deleuze e Guattari, por sua vez, dizem que “o plano de imanência não para de se tecer, um gigantesco tear”. E da mesma maneira como, para eles, o plano de imanência se define como o “Uno-Todo ilimitado”, assim também a experiência pura, em James, se apresenta como um “monismo vago”. O termo monismo não deve, entretanto, nos enganar; na realidade, trata-se de um pluralismo, mas ainda virtual. O mundo da experiência pura apresenta-se como um tecido de relações entrecruzadas, superpostas, de acontecimentos que se imbricam. É também o caos propriamente empirista, das relações possíveis e virtuais em número ilimitado (LAPOUJADE, 2000, p. 271).

Os autores franceses e o americano fazem uso de uma mesma metáfora para exemplificar o funcionamento de seus conceitos, um grande tecido que não para de tecer seus fios que não param de se cruzar. A colcha de retalhos, o termo *patchwork* presente na concepção de James apresenta-se como uma ilustração para exemplificar o processo de construção de conhecimento e da realidade que James ilustra como uma filosofia do mosaico.

Eu chamo de filosofia do mosaico. Em mosaicos as peças se mantêm unidas por um estrato em que podem se apoiar e serem tomadas como Egos transcendentais ou Absoluto de outras filosofias. No empirismo radical não há este estrato, é como se as peças se aderissem pelas bordas, as transições experienciadas entre elas formam seus ligantes (JAMES, 1996, p. 34)

O mosaico é utilizado por James para ilustrar como uma variedade de acontecimentos se conectam sem que haja uma transcendência. Lapoujade (2000), explana ainda mais sobre a filosofia do mosaico, como um conjunto de redes que não param de se conectar e formam um grande tecido.

Nesse sentido, James fala de uma filosofia em mosaico. Existe um número incalculável de redes que se superpõem umas às outras e formam e formam um tecido compósito. Como diz James: “Nós mesmos criamos conexões novas entre as coisas, organizando grupos de trabalhadores, estabelecendo sistemas postais, consulares, comerciais, redes de vias férreas, de telégrafos, uniões coloniais e outras organizações que nos relacionam e nos unem às coisas por meio de uma rede cuja amplitude se estende à medida que se estreitam as malhas [...] Do ponto de vista desses sistemas parciais, o mundo inteiro se sustenta gradativamente, de diferentes maneiras”³. James substitui a ideia de um todo concêntrico que fusiona suas partes por um mundo aberto composto por pedaços ou por sistemas – diversos “pequenos mundos” de ligações múltiplas, e que se mantém por si mesmos (LAPOUJADE, 2000, p.274-275).

Exemplificando como várias redes estão presentes no dia-a-dia, Lapoujade clarifica como no plano do pensamento de James se dá a utilização de uma ideia de mundo aberto composto por vários sistemas com ligações múltiplas, ao invés de um mundo dotado de um centralizador.

Concluindo este capítulo, verifico que nesta etapa do percurso após muito percorrer chego a um ponto em que as margens do rio se encontram muito próximas. O pragmatismo assumido pelos campos, pelas duas margens.

Usando a imaginação não vejo como um exagero pensar numa pedra que faz contato com as duas margens, mas deixa o rio fluir por baixo de si, esta pedra chamada de um lado da margem de empirismo radical e o do outro lado chamada de plano imanência, uma pedra que pode ser lapidada como também servir de ponto de diferenciação entre as margens. Esta superfície de contato ao meu ver possui como forma de funcionamento a constituição de rede, o *patchwork*, a imensa colcha de retalhos que não para de fazer conexões, ligando vários fios, construindo redes com elementos de várias naturezas, assim como o princípio de conexão e heterogeneidade do rizoma. O empirismo radical que trata das conexões, das relações em um nível pré-pessoal, onde se relacionam elementos reais em nível em que não faz sentido

³ Somme problems of philosophy, Harvard University Press, V, p.69.

falar de sujeito de objeto, nível das relações buscado pelo pensamento de Deleuze e Guattari.

Por esta compreensão, Deleuze vê o empirismo de James como uma filosofia da experiência pura que possui como princípio a construção da imanência.

6 Considerações Finais

Concluindo a viagem pelo curso deste rio, por vezes tortuoso, viagem em que parti de um ponto recente cronologicamente, as concepções de Valsiner, autor ainda vivo e fui até uma região do final do século XIX começo do século XX, região esta que recebeu influência de tempos mais antigos.

Em uma das margens observei uma ferramenta teórica, um campo de conhecimento embasado nas proposições de James. Nas proposições de James observei que o pensador por meio de seu método empírico/pragmático trata de um campo intensivo pré-pessoal, onde o que há são as relações, define e qualifica seu método empírico como empirismo radical e explana sobre seu conceito de experiência pura.

Neste campo pré-subjetivo encontra-se o material, os componentes da realidade que serão os constituintes do sujeito, do eu e da noção de *self*. *Self* noção fundamental para o Construtivismo Semiótico-Cultural. Seguindo este caminho, partindo de um campo pré-subjetivo até a constituição de um eu, um *self*, a partir deste ponto há a construção de vários campos de conhecimento, “como este sujeito se desenvolve?”, “como é o seu contato e influência com os elementos da realidade?”. Verifica-se o funcionamento do *self* como um organizador da realidade do sujeito no Construtivismo Semiótico-Cultural.

Na outra margem do rio, o pensamento de Deleuze e Guattari, conhecido por vários nomes, mas aqui tratado pelo seu nome mais popular, Esquizoanálise, ao meu ver também é uma forma empirista/pragmática de pensar uma vez que suas formulações são a respeito dos elementos da realidade e esta é material experienciável, também preocupa-se com suas consequências não só teóricas como também práticas das formulações emergidas.

Este campo teórico trata dos fluxos intensivos que constituem a realidade, visa trabalhar em um nível em que não faça mais sentido dizer eu, devido à grande quantidade de elementos que o constituem, sendo este “eu” caracterizado como um agenciamento.

Uma superfície de contato encontrada foi o fluido sob o qual todos estão imersos, um plano intensivo, pré-subjetivo, onde ainda não se constituíram os

dualismos, mas apenas relações, material para a construção da realidade, de um lado denominado empirismo radical e do outro plano de imanência.

A partir das leituras realizadas compreendi que Esquizoanálise e Construtivismo Semiótico – Cultural fazem uso de sistemas que funcionam como redes. Obtive esta compreensão por meio dos trabalhos de James (1945) e Deleuze e Guattari (2010). Os sistemas em rede possuem como semelhanças o fato de se desenvolverem por conexões, trazerem à tona discursos menores, traços culturais que não estão em evidência, por conectarem componentes heterogêneos, possuem traços culturais que guiam o desenvolvimento porém não pré-determinam, saberes são produzidos no decorrer do processo, porém os saberes que serviram como base continuam a existir e de alguma forma continuam a participar das novas conexões. As redes que observo em ambos os lados coincidentemente ou não, são tratadas de forma semelhante, como um tecido, a colcha de retalhos, o *patchwork* trazido nos trabalhos de James; a realidade que não para de tecer os fios que a compõem, um imenso tecido que conecta os mais diversos tipos de componentes. Compreendo que o *patchwork* possui uma das características do rizoma, o princípio de conexão e heterogeneidade. As conexões criadas pelo tecido, pela rede, geram modelos de subjetividade distintos, um modelo de subjetividade embasada no eu como sujeito, que origina o *self*, subjetividade que se formula a partir das proposições de James e é utilizado pelo Construtivismo Semiótico-Cultural, o outro modelo de subjetividade é a subjetividade como multiplicidade composta como um agenciamento, esta utilizada pela Esquizoanálise.

Esta divergência que encontrei relacionada com a questão da subjetividade, pelo que compreendi, Construtivismo Semiótico-Cultural e Esquizoanálise fazem uso da palavra subjetividade para designar coisas diferentes. Pelo que pude compreender, a linha de pensamento e a ferramenta teórica caminham muito próximas e convergem quanto ao funcionamento em rede, porém passam a divergir a partir da subjetividade, ou subjetividades produzidas por este sistema em rede, a partir deste ponto o Construtivismo Semiótico-Cultural passa a hierarquizar a produção de realidade.

De um lado a Construtivismo Semiótico-Cultural em Psicologia que observa o *self* e suas vozes, o diálogo entre as vozes do *self* e o mundo. Do outro lado a Esquizoanálise que procura os agenciamentos, os maquinismos, os fluxos que compõem a realidade.

6.1 Delineamento de um diálogo entre Construtivismo Semiótico-Cultural e Esquizoanálise, ou seus primeiros passos

Tendo em vista o percurso percorrido durante este trajeto, compreendo que o diálogo entre Construtivismo Semiótico-Cultural e Esquizoanálise não só é possível como já ocorria de forma indireta. Este diálogo que se encontrava de certa forma camuflado, procurei colocá-lo sob as vistas, primeiramente clarificando cada margem do rio percorrido. Clarificar a margem construtivista semiótico-cultural mostrou-se como essencial para observação do diálogo que já ocorria.

Inicialmente em meu contato com o Construtivismo Semiótico-Cultural por meio da disciplina A Noção de Perspectiva em Psicologia Construtivista Semiótico-Cultural e o Modelo de Multiplicação Dialógica durante a pós graduação na Universidade de São Paulo, tive contato com autores utilizados por esta ferramenta e sua relação com Perspectivismo Ameríndio. Em um primeiro momento Perspectivismo e Construtivismo eram vistos por este pesquisador como uma unidade e nesta unidade observava elementos que se assemelhavam com elementos da Esquizoanálise, o processo de transformação da subjetividade e a construção do conhecimento.

No decorrer dos estudos clarificou-se o que era o Construtivismo Semiótico-Cultural, assim pude distingui-lo do Perspectivismo Ameríndio e observar que os elementos que inicialmente chamaram a atenção provinham do perspectivismo, os trabalhos de Viveiros de Castro com base na filosofia de Deleuze. Em vista desta distinção pude observar como se dá a relação entre esses elementos e o campo construtivista semiótico-cultural.

No trabalho de Guimarães (2010) o autor realiza um diálogo entre Construtivismo Semiótico-Cultural e Perspectivismo Ameríndio, assim pode-se observar a relação entre esses campos. Agora nesta dissertação demonstro como elementos que se encontram no campo esquizoanalítico e ao mesmo tempo presentes no Perspectivismo Ameríndio, no referencial de Viveiros de Castro, se relacionam diretamente com o campo construtivista. A filosofia de Deleuze por sua vez, teve na etnologia americanista forte influência, nas observações de etnológicas de Pierre Clastres (cf. Deleuze & Guattari, 1972/2004)

No decorrer dos estudos de inserção no campo construtivista observei a forma como o Construtivismo Semiótico-Cultural pode ser colocado em diálogo com outro

campo do conhecimento, no caso o Perspectivismo Ameríndio (Guimarães, 2010). Visto que o antropólogo Viveiros de Castro trabalha a partir de concepções deleuzianas, e foi possível o diálogo realizado por Guimarães entre estes dois campos de conhecimento, Perspectivismo Ameríndio e Construtivismo Semiótico–Cultural, isto mostra que a proposta deste trabalho é viável e pode ser realizada. A metáfora usada por Bruno Latour (2008) do rio que é percorrido, visa o empirismo radical, ponto também encontrado utilizando a noção de multiplicação dialógica como metodologia de pesquisa.

Delineando o campo construtivista semiótico-cultural a partir de James, verifiquei as noções de *self* e objeto na abordagem do autor. Assim, observei que na concepção de James trazida por Araki (2009), tem-se os objetos como inanimados que apenas buscam um fim, sobre a questão: “Os objetos inanimados não possuem variabilidade de ação, perseguem seus os fins com apenas uma única e cega alternativa (Araki, 2009)”.

Além disto, também tem-se a concepção de *self* em James, composto por uma parte individual e outra social, sendo o sujeito resultante composto por tudo que seja de sua posse.

A concepção de *self* em que mundo interno e externo se complementam surge pela primeira vez em William James (1842 – 1910). Ele propôs um *self* bipartido que é, em parte, sujeito ativo do conhecimento (mim). James (1890/1990) defendeu que não havia propósito nas teorizações metafísicas a respeito da composição do “eu”. O autor define *self* como algo não apenas individual, mas também social. Assim, o *self* envolve tudo aquilo que o homem pode chamar de “seu”, incluindo não apenas seu corpo e domínios psíquicos, mas também suas roupas, sua casa, sua família, seus amigos, seus ancestrais, etc. (James 1890/1990). Apesar do foco nos processos internos, há um afrouxamento das fronteiras de separação entre mundo interno e externo (social). Essa evolução, seguramente, contribuiu para a sugestão posterior de uma natureza processual e construída para o *self* (MACEDO & SILVEIRA, 2012, p.284).

Na passagem tem-se o delineamento da noção de *self* desenvolvida por James, como uma unidade de características ao mesmo tempo individual e social. Como aponta Guimarães (2013), a partir do trabalho de Carlos Fausto (2008), *self* é uma noção que se desenvolve em consonância com a teoria de propriedade de Locke que delineava a identidade estabelecendo limites entre governo e propriedade privada e estipulava três atributos que compunham o humano.

- a identificação consigo mesmo, que se mantém durante o tempo;
- os sujeitos são suas ações e seus corpos que possibilitam suas ações no mundo;
- a apropriação das coisas do mundo, a distinção entre o que é meu e o que não é meu.

Desta forma o sujeito caracterizado pelo seu *self* é o que possui, seu corpo, suas ações e sua identificação consigo mesmo. O conceito de *self* mais tarde é desenvolvido por James como tudo aquilo que se pode chamar de “meu”. Guimarães (2013) apresenta a concepção *self* exemplificando-o como um espaço intrassubjetivo onde se dá o confronto entre as dimensões pessoal e de alteridade.

O *self* está, portanto, no espaço intrassubjetivo em que as posições de alteridade são encaradas como pessoais, através da elaboração semiótica da experiência afetiva e nebulosa (GUIMARÃES, 2013, p.225).

Além de se apresentar como articulação do espaço intrassubjetivo o *self* também possui sua dimensão intersubjetiva, de forma que articula os elementos percebidos da experiência apresentando-se como uma integração das dimensões intersubjetiva e intrassubjetiva. Das reflexões de Guimarães pode-se observar que *self* e multiplicação dialógica possuem um princípio em comum, a multiplicação de objetos simbólicos na integração entre os planos intersubjetivo e intrassubjetivo da experiência.

Pelo fato desta dissertação tratar de dois campos de conhecimento de origens distintas, passamos também pela questão explanada por Vigotski (1997), na qual o autor se depara com as diversas vertentes encontradas no campo da Psicologia, o científico, o não-científico, o empirismo, a ideologia dentre outras, e o que seria o campo da ciência psicológica. Esta questão se encontra no fato de que cada vertente da Psicologia escolhe um objeto de estudo, desta forma elabora teorias e métodos próprios para tratar desses objetos, além de colocar em questão o objeto de uma determinada vertente sob o foco de outra, gerando diálogo, o que traz à tona problemas teóricos e metodológicos. Aos campos abordados em seu trabalho, Vigotski trata de nomeá-los apenas como Psicologia, sendo esta um campo comum de várias ciências. Como característica comum ao trabalho do autor russo, meu

trabalho não consiste em se separar de trabalhos precedentes, mas sim colocá-los em diálogo de forma que se aborde questões referentes a este.

Para aprofundar mais o diálogo entre Construtivismo Semiótico-Cultural em Psicologia e Esquizoanálise, realizo uma discussão que parte de autores que servem como base teórica para ambos até chegar a uma região de estreitamento, como uma superfície de contato. Chegar a esta região de estreitamento das margens do rio que sigo neste trabalho, ao meu ver não significa um fim, pois este rio continua correndo e possui longas margens que podem ser exploradas.

6.2 Multiplicação dialógica, empirismo radical e construtivismo

A partir deste entendimento a noção de tríade dialógica da qual parti, não abarcou a complexidade encontrada. Para exemplificar esta situação e compreender a complexidade da questão, utilizo como ferramenta teórico-metodológica outra noção, a multiplicação dialógica proposta por Guimarães (2010) com a qual posso ilustrar a relação do pesquisador com as abordagens teóricas e objeto de estudo, o processo de constituição da subjetividade.

O uso desta noção torna possível o posicionamento em relação aos dois campos de conhecimento, Construtivismo Semiótico-Cultural e Esquizoanálise, e o objeto, o processo transformativo. Das relações entre pesquisador e objeto, pesquisador e referencial teórico e referencial teórico e objeto, surgem zonas de tensão de onde emerge conhecimento inerente à relação.

[...] parte da compreensão de que o método significa a realidade e que o contato do pesquisador com os elementos de pesquisa perpassa transbordamentos de sentido. Ou seja, o percurso a ser apresentado contém em si fraturas que tornam inviável a elaboração de compreensões totalizantes. Por outro lado, a metodologia construtivista procura por em cena elementos geradores de tensão e que dinamizam o processo em foco, que se caracteriza como objeto de estudo (GUIMARÃES, 2010, p.28)

Fazer uso desta metodologia construtivista é entrar em contato com elementos criadores de tensão, é entrar em contato com a realidade e seu processo de produção, porém as tensões que propiciam este processo não geram construções totalizantes,

estas construções, compreensões, também possuem capacidade para gerar novas tensões.

Figura 9: visualização por meio da noção de multiplicação dialógica das zonas de tensão entre os elementos em relação e posicionamento do pesquisador e campos de conhecimento em relação a seus referidos objetos, *self* e vozes do *self*, e maquinismos e fluxos componentes da realidade.

Dada a configuração ilustrada acima, algo que emerge como possibilidade de discussão é a questão do posicionamento do pesquisador. Uma vez que nesta proposta o pesquisador se encontra em um campo relacional, uma região nebulosa na qual está se relacionando com vários elementos. Poderia ser esta região nebulosa um empirismo radical? Pois desta região indefinida surgem compreensões, construções e desta forma realidade. Porém, a partir de que ponto se consideram os dualismos, a partir de onde se sai da simples relação para a relação entre entidades? Quando se desfazem sujeito e objeto? Utilizar a noção de multiplicação dialógica seria fazer uma apreensão de várias unidades, buscar suas intensidades, as relações, os acontecimentos chegando ao ponto amorfo para a partir daí gerar novidade?

Para verificar como os campos de conhecimento se relacionam com o objeto em questão utilizei a noção de perspectiva trabalhada por Guimarães (2010) a partir de Viveiros de Castro (2004).

Para colocar em diálogo a partir da diferença faço uso do conceito de Equivocação Controlada do antropólogo Viveiros de Castro (2004), na concepção do

autor comunicar perspectivas diferentes tornando-as inteligíveis uma à outra, em praticamente um esforço de tradução implica presumir que o equívoco sempre existe.

[...] O equívoco não é algo que impede a relação, mas o que a funda e motiva: a diferença de perspectiva. Traduzir é presumir que um equívoco sempre existe, é comunicar a partir da diferença, ao invés de silenciar o Outro presumindo univocidade – uma similaridade essencial – Entre o que o Outro e nós estamos dizendo (VIVEIROS DE CASTRO, 2004, p.10)

Assim, o equívoco se apresenta como um meio de comunicação entre diferentes perspectivas e a noção de equivocação controlada se apresenta como uma forma controlada de “falhar”. “[...] equivocação controlada – “controlada” no sentido de um procedimento que pode ser considerado uma forma controlada de falhar. (Viveiros de Castro, 2004, p.3)”.

A partir da metodologia de Marková seguindo para a metodologia utilizada por Guimarães (2010) devido à complexidade da questão, utilizei o diagrama da multiplicação dialógica como uma ferramenta para auxiliar na metodologia de pesquisa. Assim, o contato do pesquisador com os elementos de pesquisa passa ao longo dos transbordamentos de sentido, de modo que o percurso de pesquisa não forma compreensões totalizantes e coloca a vista elementos geradores de tensão, esta metodologia se dá através da utilização de dois eixos perpendiculares que se cruzam no ponto em que se encontra o pesquisador. No eixo horizontal se dá a relação intersubjetiva entre o pesquisador e o outro, no caso os conceitos de sistema semiaberto e rizoma. No eixo vertical se dá a relação intrassubjetiva entre o pesquisador e os referidos conceitos, mediando estas relações estão os recursos simbólicos do pesquisador. Conforme o esquema abaixo:

Figura 10: A figura mostra o pesquisador em um campo nebuloso, onde este se relaciona com o Construtivismo Semiótico – Cultural e seu conceito de Sistema Semiaberto, e a Esquizoanálise e seu conceito de Rizoma tanto intersubjetivamente como intrassubjetivamente, desta interação ocorre a alteração no pesquisador sob diversos nomes.

Na relação intersubjetiva temos a relação do *self* com elementos externos a ele, estes elementos são vistos não como objetos passivos, mas como agentes que exercem influência e ao mesmo tempo são influenciados pelo *self*. No contexto intrassubjetivo temos a relação do *self* com seus conteúdos internos também vistos como agentes na própria reelaboração do *self*.

Trabalhar com uma linha de pensamento e uma ferramenta teórica de bases distintas, se mostrou um imenso esforço para a compreensão das mesmas e pela busca de uma superfície de contato para realizassem um diálogo.

O funcionamento em rede que conecta vários saberes e aumenta a complexidade de uma questão abordada, ao mesmo tempo fascina e produz novos conhecimentos, também mostrou-se como algo que aumentava a dificuldade de realização do trabalho.

Dado todo o percurso, chego à conclusão que, no Construtivismo Semiótico-Cultural em Psicologia pode-se verificar a influência do pensamento de William James, e uma das formas é o funcionamento da noção de sistema semiaberto, ao meu ver,

funcionamento em rede pela conexão e entrelaçamento de diversos componentes que compõem a realidade, a base deste funcionamento pode ser encontrada no funcionamento do empirismo radical de James.

Construtivismo Semiótico-Cultural e Esquizoanálise/Filosofia da Diferença possuem uma superfície de contato, denominada empirismo radical, na base do construtivismo com James, ou plano de imanência, assim chamado na Esquizoanálise. Esta região possui como característica o fato de ser um campo intensivo, pré-subjetivo, pré-pessoal, onde o que são relações, material para a constituição da realidade. Esta região funciona como um tear que não para de tecer a realidade ligando os mais diversos fios, o patchwork, a colcha de retalhos, uma rede.

Os fios, fluxos que compõem a realidade são os propiciadores da constituição do eu, do sujeito, do *self*, segundo compreendo a partir de James, deste entrelaçamento pode surgir o *self* assim como outras formações de subjetividade. A partir da constituição do sujeito, o *self* surge como um organizador da realidade, e uma vez existindo esta unidade vários campos de saber estudam seu desenvolvimento dentre eles o Construtivismo Semiótico-Cultural. Compreendo que o Construtivismo Semiótico-Cultural por meio da noção de sistema semiaberto ilustra como se dá a interação, a relação desta unidade com a rede que constitui a realidade, como influencia e como é influenciada na construção da realidade.

Por outro lado na concepção esquizoanalítica, essa região intensiva denominada plano de imanência, constituinte da realidade como rizoma, uma rede que conecta os diversos fluxos, diversos componentes. Uma das características desta rede, é a possibilidade de surgimento de pontos de arborescência, de centralização. O rizoma como uma raiz que em um determinado local origina uma árvore. O sujeito compreendo como um ponto de arborescência, e como definido por Deleuze e Guattari, de uma árvore também pode surgir rizoma. Desfazer o sujeito e criar uma subjetividade agenciada, rizomática, é uma das tarefas da Esquizoanálise.

A proposta de pensamento de Deleuze e Guattari visa trabalhar com os fluxos intensivos que compõem a subjetividade, como os fluxos se influenciam e criam realidade.

Aqui chego a um ponto crucial, as duas vertentes, uma em sua base, a outra em seu corpo teórico em si, trabalham com uma forma de constituição da realidade em rede. Esta rede em um determinado momento constitui um sujeito, um eu e um *self*. O que observo é que o Construtivismo Semiótico-Cultural trata da relação deste

eu com o emaranhado que compõe a realidade, e em nenhum momento visa sua dissolução, ao contrário, trata das possibilidades de existência desta unidade no mundo e como constitui sua realidade. A Esquizoanálise é ciente desta unidade e visa dissolvê-la pois a considera uma construção do modo capitalista que não possibilita uma vida plena, tema que pode ser aprofundado em futuros trabalhos.

Concluo aqui este trabalho na esperança de ter deixado claro os pontos abordados e exposto como uma base de funcionamento comum possibilitou a criação e observação diferentes subjetividades, uma de característica agenciada e outra embasada na noção de sujeito, de eu e de *self*. E que a partir daqui o debate promova a construção de conhecimento nesta rede que constitui a realidade.

Referências

ARAKI, M. J. Filosofia e Psicologia em William James, 2009

ARENDT, R. J. J. Construtivismo ou Construcionismo? Contribuições deste debate para a Psicologia Social. Estudos de Psicologia, 2003 pp.5-13

AZAMBUJA, M. A. Henri Bergson e seus conceitos de duração, inteligência e intuição para problematizar a psicologia. In: XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, 2009, Maceió. Anais do XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, 2009

BAERVELDT, C. Temporality and the challenge to genetic cultural psychology. 2013

BAZON, M. R., ESTEVÃO, R., KOMATSU, A. V. & PANOSSO, I. R. Revista Brasileira Adolescencia e Conflitualidade, 2001 (5): 59-87

BECKER, Fernando. O que é Construtivismo Revista de Educação AEC, Brasília, v. 21, n. 83, abr/jun 1992

BERGER, P. L. & LUCKMANN, T. A Construção social da Realidade: Tratado sobre a sociologia do conhecimento. Petrópolis, Editora Vozes, 2003

BERGSON, H. Cartas,, Conferências e outros escritos in: Os Pensadores XXX. São Paulo, Editora Abril, 1984

BERGSON, H. Memória e Vida. São Paulo, Martins Fontes, 2006

BUSSAB, V. S. R. & SOUZA, M. T. C. C.de (Orgs) Razão e Emoção: diálogos em construção. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2006

BUSOLETTI, D. M. & GUARESCHI, P. Entre-lugares de verdades perigosas: a teoria das representações sociais, a dor do outro e a dialogicidade ainda possível. Em Questão, 2011 (V17) 1 pp.65-77

CARDOSO JR, H.R. Deleuze, Empirismo e Pragmatismo: linhas de força do encontro com a teoria pierciana dos signos. Síntese-Revista de Filosofia, 2006 (V33) pp. 199-211

COSTA, L. B. O ritornelo de Deleuze-Guattari e as três éticas possíveis. In: II Seminário Nacional de Filosofia e Educação: Confluências, 2006, Santa Maria - RS. II Seminário Nacional de Filosofia e Educação. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2006.

COELHO, N. E. & FIGUEIREDO, L. C. Patterns of Intersubjectivity in the Constitution of Subjectivity: Dimensions of Otherness. *Culture and Psychology* (9) 3, 2003, pp.193-208

CORNEJO, C. Piaget, Vigotski y Maturana: Tres Voces, Dos Constructivismos in *Psyche*, 2001, Vol. 10

DELEUZE, G. A Dobra: Leibniz e o Barroco. São Paulo, Papirus, 1991

DELEUZE, G. Bergsonismo. São Paulo, Editora 34, 1999

DELEUZE, G. Crítica e clínica. São Paulo, Editora 34, 1997

DELEUZE, G. O que é filosofia. São Paulo, Editora 34, 2010

DELEUZE, G. Empirismo e Subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. São Paulo, Editora 34, 2012

DELEUZE, G. Mil platôs não formam uma montanha, eles abrem mil caminhos filosóficos. Gilles Deleuze debate com Christian Descamps, Didier Eribon e Robert Maggiori. Publicada no jornal "Libération" em 23 de outubro de 1980. Tradução do francês por Ivana Bentes. Extraído de Carlos Henrique Escobar (org) Dossier Deleuze. Rio: Hólon Editorial, 1991

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. O que é Filosofia. São Paulo, Editora 34, 2010

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. O anti – Édipo: capitalismo e esquizofrenia, São Paulo, Editora 34, 2010

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2. São Paulo, Editora 34, 2011, V.1

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo, Editora 34, 1996, V.3

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo, Editora 34, 1997, V.4

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo, Editora 34, 1997, V. 5

DEL RÍO, P. Entrevista com Jaan Valsiner. *Comunicación y Cultura*, 1997 pp.15-21

DINIS, N. F. A esquizoanálise: um olhar oblíquo sobre corpos, gêneros e sexualidades. In *Sociedade e Cultura*. Universidade Federal de Goiás, 2008, V.11 pp.355-361

DUARTE, A. F. A. Ensaiar a maternidade: estudo sobre os processos de construção dialógica de uma identidade maternal. Universidade de Minho, 2009

GILLESPIE, A.; SALGADO, J.; SIMÃO, L. M.; VALSINER, J.; WAGONER, B. & ZITTOUN, T. Repairing Ruptures: multivocality of analyses. In: *Dialogicality in Focus*, 2011

GOMES, W. B. & SANTOS, M. A. Self Dialógico: teoria e pesquisa. *Psicologia em Estudo* p. 353-361, 2010

GUATTARI, F. O inconsciente maquínico: ensaios de esquizoanálise. Campinas, Papirus Editora, 1988

GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo, Editora 34, 2012

GUIMARÃES, D. S. & SIMÃO, L. M. Intersubjetividade e desejo nas relações sociais: o caso dos jogos de representações de papéis. *Interacções* (7): 2007 pp. 30-54

GUIMARÃES, D. S. Intersubjetividade e desejo nas relações sociais: O caso dos jogos de representação de papéis (RPG). 187f. Dissertação de Mestrado-Instituto de Psicologia-Universidade de São Paulo-USP 2008.

GUIMARÃES, D. S. & SIMÃO, L. M. A Negociação Intersubjetiva de Significados em Jogos de Interpretação de Papéis. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, (24) 4, 2008 pp.433-439

GUIMARÃES, D. S. Articulações e implicações da noção de perspectiva no construtivismo semiótico-cultural para compreensão das relações eu-outro: possível diálogo com o perspectivismo ameríndio. 160f. Tese de Doutorado-Instituto de Psicologia-Universidade de São Paulo-USP. 2010

GUIMARÃES, D. S. Ideologia e "multiplicação dialógica": posicionamentos psicológicos na relação eu-outro-mundo. In: 7º Congresso Norte Nordeste de Psicologia, 2011, Salvador / BA. Anais do 7º Congresso Norte Nordeste de Psicologia, 2011.

GUIMARÃES, D. S. & CRAVO, A. M. (no prelo). Understanding others without a word: Articulating the shared circuits model with cultural psychology. In: Beckstead (Ed) (no prelo) *Recursivity in Human Systems*. Charlotte, NC: Information Age Publishing, 2013

GUIMARÃES, D. S. Self and Dialogical Multiplication. In *Interacções*. 2013, nº24, pp. 214-242.

HAESBAERT, R. & BRUCE, G. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. *Geographia*, 2002 (V4)

HERMANS, H. J. M., KEMPEN, H.J.G. & VAN LOON, R.J. P. The Dialogical Self: beyond individualism and Rationalism. *American Psychologist*, 47, 23-33. 1992

HERMANS, H. J. M. The Dialogical Self as a Society of Mind: introduction. *They and Psychology*. 2002

JAMES, W. *Essays in Radical Empiricism*. Lincoln, Nebraska: University of Nebraska Press, 1996

JAMES, W. *Principios de Psicologia*. Buenos Aires, Glem, 1945

KOFFKA, K. O Comportamento e seu campo. In KOFFKA, K. *Princípios de Psicologia da Gestalt*. São Paulo, Editora Cultrix, 1983

LAPOUJADE, D. Do campo transcendental ao nomadismo operário – William James, in ALLIEZ, E. (org). Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo. Editora 34, 2000, pp.267-278

LATOUR, B. What is the Style of Matters of Concern? In: Spinoza Lectures. University of Amsterdam, Amsterdam, Van Gorcum, 2008

LEIBNIZ, G. W. A Monadologia in: Os Pensadores XIX. São Paulo, Editora Abril, 1974

LYRA, M. C. D. P. O modelo EEA para a investigação da emergência e comunicação e do self: bases conceituais e fundamentos teórico-metodológicos. Estudos de Psicologia, 11(1), 2006, pp.25-33

MACEDO, L.R.S, & SILVEIRA, A. C. (2012). Self: Um conceito em desenvolvimento. Paideia (Ribeirão Preto), 22(52), 281-289. doi: 10.1590/S0103-863X2012000200014

MARCUZZO, P. Diálogo Inconclusivo: os conceitos de dialogismo e polifonia na obra de Mikhail Bakhtin, in Cadernos do IL, Porto Alegre, nº36, 2008 disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/cadernosdoi/>.

MARKOVÁ, I. Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente. Editora Vozes, Petrópolis, 2003

MASSABNI, V. G. & RAVAGNANI, M. C. A. N. Progressão Continuada: qual construtivismo está em jogo? Paideia, 2008, pp469-484

MEAD, G. H. (1934). Mind, self, and society: From the standpoint of a social behaviorist. Chicago, IL: University of Chicago Press.

MENEZES, R. C. Devir e agenciamento no pensamento de Gilles Deleuze. Comum, 2006, pp. 66-85

MODENESI, J. C. Homem Tempo. 247f. Tese de Doutorado-Faculdade de Letras-Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. 2009.

MOSTAFA, S. P. O pragmatismo clássico americano e a filosofia da diferença: questões para a educação. Revista Contrapontos-Eletrônica, V.13n.2, p120-129, 2013

NASCIMENTO, E. M. M. Pragmatismo uma filosofia da ação. In: GT-20 – Encontro de pesquisa em educação da UFPI – 2010

PALOMBINI, A. L. Lacan, Deleuze e Guattari: escritas que se falam. Psicologia e Sociedade (V21), 2009, pp. 39-42

PARPINELLI, R. S. & SOUZA, E. W. F. Pensando fenômenos psicológicos: um ensaio esquizoanalítico. Psicologia em Estudo, 2005 (V 10) 3 pp.479-487

QUEIROZ, G. R. P. C. & BARBOSA-LIMA, M. C. A. Conhecimento científico, seu ensino e aprendizagem: atualidade do construtivismo. Ciência & Educação, 2007 (V13) 3 pp. 273-291

RAMACCIOTTI, B. L. Deleuze: “como criar um corpo sem órgãos”? Psicanálise em Revista, 2012 (V10) 2 pp.112-126

SANTOS, C. P., SILVA, J. N. & NETO, J. P. Jogar com a matemática dos gênios. In Sucessão de Fibonacci + ‘Missing Square’. Edimpresa, 2007, Paço dos Arcos Portugal, pp. 5-48

SIMÃO, L. M. & VALSINER, J. Multiple faces of OTHERNESS within the infinite labyrinths of the self. In Otherness in Question: the dialogical nature of making one’s self. 2004

SIMÃO, L. M. Bildung, Culture and Self: A possible dialogue with Gadamer, Boesch and Valsiner? Theory and Psychology, 2005

SIMÃO, L. M. Entrar na Psicologia, encontrar os outros. Revista do Departamento de Psicologia –UFF, 2007 (V19) 2 pp. 477-500

SIMÃO, L. M. Ensaios Dialógicos: compartilhamento e diferença nas relações eu-outro. São Paulo, Editora Hucitec, 2010

SOUZA, M. T. C. C. da (Org) Os sentidos de construção: o si mesmo e o mundo. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2004

TAKEI, R. F. A maternidade adolescente como uma experiência familiar: uma análise de narrativas de mães de diferentes níveis socioeconômicos. 2008

VALSINER, J. The Guided Mind: a sociogenetic approach to personality. Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, London, England, 1998.

VALSINER, J. Culture in minds and societies: foundations of cultural psychology. SAGE Publications, 2007

VALSINER, J. The Self Surrounding Itself: Double dialogicality. 2008

VILAR, F. S. Borges e o Fantástico: uma dobra barroca. Alegrar, 2011, n 7

VIVEIROS DE CASTRO, E. Perspectival Anthropology and Method of Controlled Equivocation. In Tipiti: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South Africa. 2004 Vol.2 Iss:1, Article1

VIGOTSKI, L. S. El significado histórico de la crisis em Psicología. In: Obras Escogidas I: problemas teóricos y metodológicos de la Psicología 1997 (pp 257-407)

WERNECK, V. R. Sobre o processo de construção do conhecimento: o papel do ensino e da pesquisa. Rio de Janeiro, 2006 (V14) pp173-196

ZITTOUN, T. Transitions: Development through symbolic resources. Greenwich: Information Age Publishing, 2006